



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

JADIR VIEIRA

**A ARTE DA GUERRA:
e as dez táticas mais eficazes da Antiguidade**

Florianópolis

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quinze, às quatorze horas e trinta minutos, no Laboratório de História e Utopia - LABHU do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Fernando Cândido da Silva**, Orientador e Presidente, a Professora **Flávia Varella**, Titular da Banca, e a Professora **Renata Palandri Sigolo Sell**, Suplente, designados pela Portaria nº 99/TCC/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Jadir Vieira**, subordinado ao título: "A Arte da Guerra e as dez táticas mais eficazes da Antiguidade". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Fernando Cândido da Silva**, a nota final 7,5, da Professora **Flávia Varella**, a nota final 6,5, e da Professora **Renata Palandri Sigolo Sell**, a nota final; sendo aprovado com a nota final 7,2. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia onze de dezembro de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 30 de novembro de 2015

Banca Examinadora:

Prof. Fernando Cândido da Silva

Prof. Flávia Varella

Prof. Renata Palandri Sigolo Sell

Candidato Jadir Vieira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o
acadêmico(a) Jadir Vieira, matrícula
n.º 10201555, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
A Arte da Guerra e as dez táticas
mais eficazes da Antiguidade,
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 08 de Dezembro de 2015

Orientador(a)

JADIR VIEIRA

vieira.jadir@hotmail.com

**A ARTE DA GUERRA: e as dez
táticas mais eficazes da Antiguidade**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de
História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Cândido da Silva

Florianópolis

2015

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	01
1.1.	HEROICIZAÇÃO DA HISTÓRIA	01
1.2.	PORQUE A ANTIGUIDADE	03
1.3.	APLICAÇÃO GENERALISTA DA ARTE DA GUERRA	05
2.	APRESENTAÇÃO	07
2.1.	MARINHEIRO DA MARINHA DE GUERRA DO BRASIL	07
2.2.	SARGENTO DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA	09
2.3.	ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE PRAÇAS - APRASC	11
2.3.1.	UM EXEMPLO DA ARTE DA GUERRA EM PROPAGANDA	13
2.3.2.	AÇÃO CONTRA O SOLDADO TEMPORÁRIO	16
2.4.	HISTORIADOR MILITAR	21
3.	TEORIA DA ARTE DA GUERRA	24
3.1.	TEORIA GERAL DA GUERRA	24
3.2.	SUN TZU VERSUS CLAUSEWITZ	25
3.3.	AS REGRAS DA GUERRA	28
3.4.	OS PRINCÍPIOS DA GUERRA	29
3.4.1.	OBJETIVO	29
3.4.2.	UNIDADE DE COMANDO	30
3.4.3.	SIMPLICIDADE DOS PLANOS	30
3.4.4.	CONCENTRAÇÃO DE FORÇAS	31
3.4.5.	ECONOMIA DE FORÇAS	31
3.4.6.	MANOBRA	31
3.4.7.	OFENSIVA	31
3.4.8.	SEGURANÇA	32
3.4.9.	SURPRESA	32
4.	MÉTODOS DE ENCONTRO DE SOLUÇÕES TÁTICAS	33
4.1.	FORÇA DE VONTADE	34
4.2.	CONHECIMENTO	36
4.3.	CRIATIVIDADE	38
4.3.1.	PREPARAÇÃO	42
4.3.2.	INCUBAÇÃO	42
4.3.3.	ILUMINAÇÃO	43
4.4.	VERIFICAÇÃO	43

5.	A CONQUISTA DE SARDES POR CIRO O GRANDE	45
6.	O PODEROSO EXÉRCITO PERSA É DERROTADO PELOS NÔMADES CITAS	50
7.	A BATALHA NAVAL DE SALAMINA	57
8.	A GUERRA DO PELOPONESO E AS PERIPÉCIAS DE ALCEBÍADES	68
9.	GENERAL CAMILO: O SALVADOR DA “CIDADE ETERNA”	77
10.	GENERAL ANÍBAL BARCA: O TERROR DE ROMA	83
10.1.	FUGA DE UM CERCO UTILIZANDO TOCHAS ACESAS EM CHIFRES DE BOVINOS	86
10.2.	ANÍBAL DERROTA OS ROMANOS NA BATALHA DE CANAS	88
10.3.	ANÍBAL DERROTA UMA FROTA INIMIGA USANDO SERPENTES	95
11.	JÚLIO CÉSAR VENCE POMPEU NA BATALHA DE FARSÁLIA	97
12.	O GENERAL VÂNDALO GENSERICO DERROTA A FROTA BIZANTINA	105
13.	CONCLUSÃO	108
	BIBLIOGRAFIA	114

RESUMO:

Tendo a sua efetividade comprovada ao longo da História, os preceitos da Arte da Guerra serão apresentados neste trabalho de forma pragmática, seja no desenrolar das batalhas aqui descritas, seja em outras ocasiões corriqueiras do dia-a-dia, mesmo porque eles tem essa possibilidade de uso e, algumas delas, serão apresentadas aqui. Além da narrativa das batalhas aqui descritas, serão apresentadas outras situações semelhantes para comparação. Por fim, em cada capítulo e situação apresentada, são citados renomados capitães e pensadores da História que utilizaram ou refletiram profundamente sobre essas e outras circunstâncias relativas à temática em foco e assim contribuíram com o aprimoramento da Arte da Guerra.

PALAVRAS CHAVE:

História, Arte da Guerra, Antiguidade, estratégia, tática, guerra, batalha, capitães, general, generais, guerreiro, política, Sun Tzu, Clausewitz, Maquiavel, Frederico, Alexandre, O Grande, criatividade, princípios

ABSTRACT:

Having its effectiveness proven throughout history, the precepts of the Art of War will be presented in this work pragmatically, either in the course of the battles described herein, or in other everyday occasions day-to-day, even because you have this possibility of use and some of them will be presented here. In addition to the narrative of the battles described herein, other similar situations will be presented for comparison. Finally, for each chapter and displayed situation, they are quoted renowned captains and thinkers in history who used or deeply reflected on these and other circumstances relating to the subject in focus and thus contributed to the improvement of the Art of War.

KEYWORDS:

History, Art of War, Antique, strategy, tactics, war, battle captains, general, generals, warrior, politics, Sun Tzu, Clausewitz, Machiavelli, Frederick, Alexander, Cyrus, the Great, creativity, principles

1. INTRODUÇÃO

1.1 HEROICIZAÇÃO DA HISTÓRIA

A humanidade caminha sobre a terra há milhares de anos e nesta longa saga em que o mais importante é a sobrevivência; e que foi experimentada em toda a sua amplitude, tanto nos bons quanto nos maus momentos; a soma dessas vivências é um patrimônio inestimável.

Esse patrimônio tem nome: História. Querer desprezar esse legado seria o pior e mais terrível de nossos erros: “O verdadeiro tesouro do homem é o tesouro de seus erros, empilhados, pedra sobre pedra, ao longo de milhares de anos. [...] querer começar de novo, é a humilhação do homem e o plágio do orangotango.” (GASSET, José Ortega Y. *Por uma filosofia da História*. Apud KAPLAN, 2002, p. 17)

Parte imprescindível do nascimento da civilização foi a elaboração da história de um passado glorioso com personagens fantásticos os quais influenciaram as gerações seguidamente com as suas histórias de façanhas incríveis, histórias essas que embalaram a imaginação e moldaram o caráter das pessoas, e que deram o suporte ético e moral para que a vida em sociedade se desenvolvesse e chegasse ao século XXI.

É através destas histórias e personagens, mitológicos ou não, que as pessoas obtêm as forças necessárias para transpor as dificuldades do dia a dia. Obstáculos que sem uma forte estrutura emocional, intelectual e física; podem parecer intransponíveis.

Parte primordial da cultura de um povo é o conjunto desses elementos e que também são os mesmos elementos formadores da nação:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. [...] os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51)

Estas estórias ou histórias; ao enobrecerem as atitudes virtuosas e ao recriminarem atitudes vis; contribuem para a solidificação de barreiras necessárias para impedir determinados comportamentos prejudiciais a vida social e, por outro lado, ajudam a desenvolver os bons hábitos. São histórias envolventes; repletas de heróis, de monstros, de deuses e deusas criando

no imaginário popular uma visão de mundo desejado. São muitas as histórias contadas às gerações, sendo que nem todas são de fácil comprovação, porém muitas o são. Assim, às vezes, mistura-se o real ao fictício, o mito à realidade.

A importância dessas narrativas está no fato de que é a partir delas que o indivíduo se vê fazendo parte de algo maior relativamente àquela sua própria existência, aparentemente de menor importância. Ao ser educado sob os preceitos de sua cultura ele se torna uma parte essencial de algo grandioso, pois essas histórias: “[...] projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes.” (Edward Said. Apud, IBID, p. 72)

As grandes narrativas históricas com os seus grandes personagens muitas vezes são fortemente criticadas. Tal crítica ocorre principalmente sob a alegação de que essa visão histórica teria sido criada pelas elites as quais desejavam, através dos grandes personagens, consolidar o seu próprio poder independentemente se isso está ou não conectado com a História.

Foi a partir dessa crítica que se acirrou um forte debate sobre a chamada “heroicização” da História. De um lado desse debate está o pensamento acadêmico o qual critica uma suposta heroicização da história e de outro lado estão, principalmente, os pesquisadores de História Militar que o defendem enfaticamente.

Os primeiros defendem a visão de que o conceito de herói juntamente com o conceito de nação foram criados pelos detentores do poder da Idade Moderna para assim dar a sustentação ideológica aos seus Estados. Tal crítica à heroicização da História foi inicialmente desenvolvido por pensadores iluministas do final da Idade Moderna que estavam criticando os monarcas os quais usavam a imagem do herói e da nação para consolidar o seu poder.

Com o passar do tempo à contestação à heroicização da História teve altos e baixos, por exemplo, a figura do herói foi fortemente contestada com o slogan de “Igualdade, liberdade e fraternidade” durante a Revolução Francesa em 1789; que por ironia decepcionou a cabeça do governante anterior e em seguida empossou um Imperador que pretendeu subjugar o mundo todo. O apogeu da imagem do herói, porém ocorreu durante o movimento positivista no final do século XIX.

Em muitos países o culto aos símbolos nacionais é bastante valorizado sendo inclusive

cantado diariamente o seu Hino Nacional pelos estudantes nas escolas e a sua Bandeira Nacional sendo utilizada amplamente por sua população em seu dia a dia, independentemente de se estar ou não em alguma data nacional. Outros exemplos de civismo também são bastante evidenciados nesses países.

No Brasil atual as demonstrações de patriotismo são mais comuns quando estão relacionadas ao futebol, principalmente por ocasião da copa mundial desse esporte. Em outras situações, até mesmo nas datas comemorativas nacionais, não se vê significativas demonstrações voluntárias de patriotismo.

Apesar de que esses humores variam muito de tempos em tempos, talvez o que ocorra ainda no país, e que é muito comum em toda a América Latina quando se aceita passivamente que todos os seus grandes generais sejam taxados pejorativamente de caudilhos, é o que o saudoso Nelson Rodrigues (1912 – 1980) ¹ chamou em meados do século XX de “complexo de vira-latas”.

Essa aparente disputa de posições sobre a importância ou não dos símbolos nacionais pode derivar dos mais variados motivos, mas talvez o que de fato ocorra seja simplesmente uma disputa discursiva entre visões opostas, pois ao mesmo tempo em que uma linha de intelectuais faz uma crítica a uma supostamente exagerada heroificação da História e de seus interlocutores por outro lado eles defendem os seus próprios interlocutores; os chamados pensadores pós-modernos; com o mesmo ardor quase que os heroificando. O que ocorra talvez seja então a tradicional e velha luta da espada contra a caneta.

Este trabalho não tem por objetivo se aprofundar neste debate filosófico sobre o que seria mais forte: a espada ou a caneta. O objetivo é mais pragmático e vai no sentido de dar uma utilidade prática ao conhecimento teórico da Arte da Guerra acumulado ao longo da História em consonância com as necessidades cotidianas do mundo contemporâneo.

1.2 PORQUE A ANTIGUIDADE

Vista do alto e por olhos desatentos o estudo da História Antiga é muitas vezes criticado

¹ Escritor e jornalista que se destacou como o maior dramaturgo brasileiro. Publicou dezenas de livros e escreveu e dirigiu dezessete obras teatrais. Teve inúmeras de suas obras transformadas em filmes e novelas.

sob a alegação de que estaria supostamente desvinculado da realidade do dia a dia e, com isso, teria a sua utilidade comprometida.

Esse argumento tem uma série de fragilidades sendo que o desconhecimento histórico é o principal deles. É muito comum usarmos em nosso dia a dia uma série de procedimentos dos quais não nos damos conta das suas origens.

Em nossa sociedade contemporânea temos influências da Antiguidade em todos os ramos da atividade humana. Quando falamos, por exemplo, "eu não vou me furtar a fazer isso ou aquilo" talvez estejamos parafraseando Alexandre, O Grande (356 a.C – 323 a.C.) nos momentos que antecederam a Batalha de Gaugamela (331 a.C.) quando de cima de uma elevação e com vistas à imensidão do acampamento persa um de seus generais sugeriu um ataque de surpresa na escuridão da noite e ele disse: "Não quero roubar a vitória". (PLUTARCO, 2000, LIX)

Assim, como os outros períodos históricos, a História Antiga também está em nosso dia a dia em vários aspectos de nossa sociedade. O mundo ocidental, o qual fazemos parte, teve a sua origem na Grécia Antiga passando por Roma e pelos povos germânicos. Em um momento posterior o nosso continente foi colonizado pelos povos ibéricos os quais tiveram uma forte influência de povos muçulmanos que ocuparam aquela região por setecentos anos. Temos ainda forte influência africana e indígena. A própria cultura ocidental da qual nos colocamos como herdeiros teve forte influência oriental: mesopotâmia, egípcia, fenícia, etc.

Todos esses povos e períodos históricos tiveram a sua parcela de influência em nossa cultura e, portanto, devem ser valorizados para, só assim, podermos ter alguma idéia de onde vêm certos traços culturais que apresentamos.

Mas especificamente falando sobre o conteúdo do presente trabalho, as táticas da Antiguidade, a primeira pergunta a se fazer é: porque falar de batalhas da Antiguidade? A segunda pergunta que deve ser respondida é: qual a lógica que se seguiu na escolha das táticas aqui relatadas?

Quanto à primeira questão o motivo de tal escolha é que quanto mais antigo for o registro existente sobre uma determinada tática maior é a probabilidade de que as táticas semelhantes que foram utilizadas posteriormente possam ter tido a sua origem em alguma tática que foi utilizada por generais do passado. Essa nossa ponderação se deve ao fato de que,

comprovadamente, isso é muito comum no campo militar onde os generais desde há muito tempo procuram seguir os passos dos grandes generais do passado o qual é: “[...] um vasto arsenal de conhecimento e sabedoria. Isaac Newton (1642 – 1727) chamou isso de “subir nos ombros de gigantes”. (GREENE, 2000, p.188)

Um exemplo bastante emblemático e relativamente recente diz respeito à Guerra do Iraque-Kuwait no ano de 1990 onde o General estadunidense Norman Schwarzkopf (1934 – 2012) que comandou a aliança de países que lutava ao lado do Kuwait revelou que a sua principal tática utilizada naquele evento imitava Aníbal na Batalha de Canas em 212 a.C.

Com relação à segunda questão sobre qual foi o motivo da escolha das táticas e das batalhas aqui relatadas à razão diz respeito à efetividade que essas táticas tiveram no resultado das batalhas e das guerras mencionadas, as quais se procurou relatar as principais batalhas que deram o início e o fim aos três principais impérios da Antiguidade, sendo eles os impérios: persa, ateniense e romano.

1.3 APLICAÇÃO GENERALISTA DA ARTE DA GUERRA

A complexidade da sociedade moderna com as suas varias instituições tem um grande desafio que é o de manter convivendo em harmonia e no mesmo ambiente uma gama de individualidades distintas respeitando os seus espaços e peculiaridades. A totalidade de instituições e o seu pleno funcionamento é o que faz com que este convívio possa ser harmonioso.

Quando alguma dessas instituições, porém aumenta exponencialmente a sua atuação ou, pelo contrário, deixa de cumprir efetivamente a sua função, essa comunhão social pode naufragar:

[...] os membros que compõem um corpo devem crescer proporcionalmente [...] o Estado, sendo de maneira semelhante composto de partes, altera-se e se enfraquece se algumas delas, como freqüentemente acontece, crescem insensivelmente em detrimento das outras, por exemplo, a massa dos pobres nas democracias e nas Repúblicas. (ARISTÓTELES, 2002, p. 122)

Portanto quando esta teia social for rompida é porque algum de seus entes institucionais

talvez não esteja cumprindo efetivamente o seu papel. Tal situação pode ocorrer pelos mais variados motivos: despreparo de seus líderes, objetivos alheios aos institucionais ou, o mais comum dos motivos, a predominância de alguma das inúmeras fraquezas humanas. Fraquezas essas que são fortemente potencializadas quando o homem está investido, ou muitas vezes ainda está no vislumbre, de uma posição de mando. Thomas Jefferson (1743 – 1826) escreveu certa vez uma carta a um amigo em que dizia: “Sempre que um homem passa a desejar um cargo a sua conduta começa a deteriorar-se.” (TUCHMAN, 1985, p. 388)

Quando isso ocorre tudo desanda e é o descarrilar dessa carruagem social que pode causar os mais variados e amplos danos aos sonhos de cada um, ou seja, é a fraqueza de alguns exercendo o seu poder nefasto de destruir os sonhos de muitos.

Tendo sido inicialmente desenvolvida para o seu uso em guerra, o conhecimento teórico da Arte da Guerra tem demonstrado ao longo da História a sua abrangência em várias outras áreas da atividade humana: na Vida Pessoal, em Administração, em Propaganda, nos Negócios, na Política, no Sindicalismo, no Movimento Estudantil, etc.

Quanto à aplicabilidade dos preceitos da Arte da Guerra na contemporaneidade cotidiana deve-se refletir sobre eles de uma forma mais abrangente no sentido de flexibilizar a sua forma original de acordo com a situação vivenciada. Isso é o que tem sido feito, por exemplo, por líderes do passado que procuravam imitar outros renomados líderes que os antecederam, ou seja, para que eles pudessem dar uma utilidade prática para uma tática utilizada no passado geralmente eles precisaram adaptá-la; assunto amplamente exposto no capítulo III.

Além da descrição minuciosa das virtudes e vícios dos protagonistas das batalhas aqui relatadas, os capítulos foram escritos de modo a proporcionar ao leitor uma clara idéia do contexto geral e dos principais elementos dos povos envolvidos; história, cultura e geografia; para que assim ele possa relacionar e entender como cada evento influenciou a ascensão e a queda dos impérios aqui descritos.

Desejo a todos e todas uma boa leitura!

2. APRESENTAÇÃO

Este projeto de pesquisa se iniciou há mais de vinte e cinco anos aparentando ser outra coisa completamente diferente. Na época, aparentava estar direcionado a um simples crescimento intelectual e material como a maioria dos projetos de vida, porém quando ingressei no curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC – já com 46 anos de idade, percebi que o que na verdade eu sempre busquei, a partir de minhas primeiras leituras sobre estratégia e por intermédio da carreira de policial militar a qual havia seguido, é que o objetivo daquele caminho escolhido nada mais era do que o aprendizado teórico e prático da Arte da Guerra.

É claro que quando iniciei esta jornada não tinha a mínima idéia do modo como esta escolha iria acabar. E talvez eu somente tenha chegado neste ponto exatamente por isso, ou seja, este fim somente ocorreu devido ao fato de que em meu planejamento inicial não foi definido onde eu queria chegar, pois é este um conhecido limitador de potencialidades.

A partir de uma delimitação de onde se quer chegar corre-se seriamente o risco, quando se chega à meta planejada, de não se conseguir mais avançar devido ao fato de que se o planejamento era para chegar naquele ponto pré-definido, ao se alcançá-lo há grande probabilidade de se ficar paralisado para novos avanços: "É raro – seja como for nem sempre acontece – que o general determine positivamente para si mesmo aquilo que deseja conquistar; ele deixa que isso dependa do curso dos acontecimentos." (CLAUSEWITZ, 1996, p. 745)

2.1. MARINHEIRO DA MARINHA DE GUERRA DO BRASIL

O meu primeiro contato com o meu tema de pesquisa, estratégia, coincidiu com um dos períodos mais intensos da minha vida, a juventude, e na consolidação da denominada redemocratização do Brasil.

Naquele período eu prestava serviço militar no Navio de Transporte de Tropas "Soares Dutra" - NTTSD, da Marinha de Guerra Brasileira em um dos muitos treinamentos militares navais em alto mar que a nossa tripulação se encontrava, e quando em um dos raros momentos

de descanso, me deparei na biblioteca no navio com o livro "*A Produção de Informações Estratégicas*" de Washington Platt, publicado no ano de 1974. A partir de então este tema iria se tornar para mim quase que uma obsessão onde além de estudá-lo durante décadas iria incorporá-lo em minha vida.

Este livro de Platt foi considerado por alguns como um dos manuais da doutrina de "Segurança Nacional", a qual influenciou fortemente a política estadunidense para a América Latina no auge da Guerra Fria e que instruía e adestrava as forças armadas da região para priorizar o inimigo interno, os chamados subversivos: "[...] era voltada para localizar o inimigo interno, neutralizá-lo ou destruí-lo. [...] na Zona do canal do Panamá. [...] se estabeleceu o principal centro de adestramento e treinamento [...] chamado de Escola das Américas." (OSPINA, 2013, p. 65-66)



Cabine de comando do Navio de Transporte de Tropas Soares Dutra NTTSD – da Marinha de Guerra do Brasil. Foto tirada no ano de 1983.

Apesar disso, que o referido livro possa ser visto com certo preconceito, ele tem a pretensão de ser um livro técnico da busca, estabelecimento de métodos e processos de trabalho com informações estratégicas. Nele o autor tenta sistematizar temas bastante complexos da arte da guerra, tais como: previsão, espírito do povo, probabilidades e criatividade. O livro tem ainda a virtude de conseguir sintetizar todo o seu conteúdo, que versa sobre a produção de informações estratégicas, em uma única frase: "A verdade, oportuna e bem apresentada."

Foi através deste livro que tive meu primeiro contato com o mais renomado estudioso de estratégia do mundo ocidental: Car Von Clausewitz (1770-1831). Este general prussiano lutou por seu Imperador até este submeter-se ao domínio napoleônico e então, não concordando com a submissão de seus pais e covardia de seu Imperador, tomou a corajosa decisão de abandonar a sua pátria e ir combater o exército napoleônico do lado dos russos onde permaneceu até a queda de Napoleão e a libertação de seu próprio país.

Foi ao longo das Guerras napoleônicas, ao mesmo tempo em que participava ativamente

na guerra, que ele rascunhou a sua densa e que iria se tornar a mais celebre obra sobre estratégia militar no mundo ocidental: "*Da Guerra*".

Em sua obra Clausewitz deixa claro a influência que teve de Frederico, O Grande (1720-1790), monarca prussiano que consolidou a Prússia como uma potência européia em um período que a atual Alemanha era composta de centenas de pequenos principados. A Prússia antes de Frederico era somente um destes pequenos principados, que lutou ao mesmo tempo contra todas as maiores potencias européias, Áustria, Rússia e França, e as venceu.

Após cumprir meu tempo de serviço militar na Marinha de Guerra do Brasil e retornar para a vida civil aquele contato com o tema estratégia me fez refletir sobre alguns aspectos de minha vida e me fez querer direcioná-la para objetivos que considerava mais nobres que a simples vida de um cidadão comum, assim como bem disse Cícero:

A pátria não nos gerou nem educou sem esperança de recompensa de nossa parte, e só para nossa comodidade e para procurar retiro pacífico para a nossa incúria e lugar tranqüilo para o nosso ócio, mas para aproveitar, em sua própria utilidade, as mais numerosas e melhores faculdades das nossas almas, do nosso engenho, deixando somente o que a ela possa sobrar para nosso uso privado. (CÍCERO, 1985, p. 19)

Esta minha reflexão, como dito antes, talvez soe como algo um tanto que romântico-idealizada, porém provou ao longo dos anos ter sido uma boa escolha para a preparação e treinamento militar, principalmente no caso de guerra urbana, mas também se provou que aquela era uma visão da juventude a qual o passar dos anos mudaria radicalmente a tornando mais palpável à realidade cotidiana num mundo democrático.

2.2 SARGENTO DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

A opção que fiz ao escolher para a minha preparação militar a carreira na Polícia Militar e não nas Forças Armadas foi porque no Brasil, um país com pouca participação em guerras, uma carreira nas Forças Armadas Brasileira não me daria à oportunidade de participar ativamente e por um longo período em uma guerra; o que no caso da Polícia Militar o exercício diário da profissão é uma verdadeira Guerra Urbana, porém com alguns nuances de Guerra na Selva.

A violência oriunda da criminalidade no Brasil é epidêmica. O número de mortes causadas pelo alto índice de violência supera o número de mortes ocorrido na maioria das guerras. Por exemplo; nesse período de mais de duas décadas que combati a violência no exercício da profissão de policial militar morreram cerca de um milhão de pessoas no país.

A minha carreira na Polícia Militar foi na função de Sargento. Ingressei como soldado onde fiquei seis meses no curso de formação e mais seis meses trabalhando nas ruas na Companhia de Choque. Em seguida ingressei no curso de sargentos de um ano e meio de duração e após concluir o curso exerci a função de sargento até o final de minha carreira quando fui para a Reserva Remunerada - RR.

O Sargento Policial Militar da Polícia Militar de Santa Catarina pode executar as suas funções tanto no serviço administrativo quanto no serviço operacional. Durante o exercício de minha profissão de policial militar mantive, a duras penas, o meu objetivo original de permanecer durante toda a minha carreira executando funções operacionais e assim pude estar diariamente em combate direto à criminalidade para poder comprovar a efetividade de muitas das teorias estratégicas por mim estudadas.

Em minha carreira profissional foram confirmadas muitas dessas teorias seja a nível tático quanto a nível estratégico. A nível tático mais quando me encontrava na execução em si de missões e a nível estratégico mais quando estava na função de comando.

Por exemplo, pude comprovar alguns dos ensinamentos de Maquiavel, como: “[...] os homens devem ser mimados ou destruídos, porque eles se vingam de ofensas leves, [...] quando se ofender os homens, isso deve ser feito de maneira que não se tenha medo da vingança.” (MAQUIAVEL, 2003, p. 07)

Neste ensinamento eu comprovei ao realizar prisões de criminosos violentos e vingativos, deveria tratá-los, evidentemente dentro da legalidade, de forma enérgica sem dar qualquer

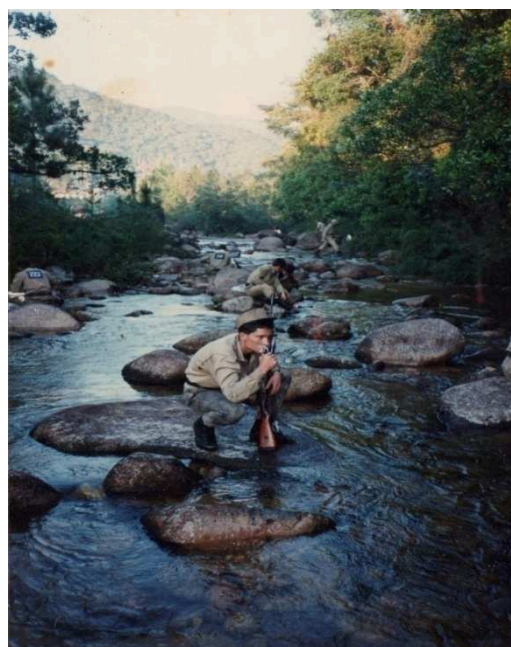


Foto tirada no ano de 1990 em treinamento na selva durante o Curso de Formação de Sargentos CFS - da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina – PMSC.

demonstração de medo, pois geralmente é quando se demonstra medo que se sofre represálias.

Dessa lição também concluí que quem é covarde possui duas características opostas: uma é quando o covarde é sobre potente sobre alguém supostamente mais fraco e a outra é quando o covarde receia o supostamente mais forte que ele.

Ao analisar como os comandantes exerciam seu comando em suas respectivas unidades e sobre seus subordinados também pude comprovar a lição de Sun Tzu sobre a soberania da autoridade onde ele diz que:

[...] o comandante uma vez nomeado, deve não apenas gozar de total confiança do governante, mas também obter o poder de autoridade absoluta para conduzir os assuntos militares unicamente de acordo com seu próprio juízo. O governante jamais deve interferir e aos altos oficiais do governo não deve ser permitido desafiar as ordens do comandante. (SUN TZU, 2002, p. 27)

Neste enunciado verifiquei que quando o comandante não assume efetivamente a sua autoridade esta é exercida pelo subordinado imediato e assim sucessivamente, isso não no sentido de uma concessão de autoridade, mas sim pelo aspecto mais mesquinho do ser humano de se apossar do que não lhe pertence.

2.3. ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE PRAÇAS - APRASC

O meu aprimoramento do uso do conhecimento estratégico e a sua utilização mais efetiva, porém ocorreu durante o tempo de atuação sindical que exerci em prol da minha classe profissional dos policiais militares os quais são a classe social da base na polícia militar.

Foi na minha atuação na Associação dos Praças de Santa Catarina – APRASC – entidade criada em meados de 2001 com a finalidade de defender os interesses da categoria profissional dos praças da Polícia Militar de Santa Catarina – PMSC - a qual participei por seis anos na função de diretor; sendo que desempenhei funções de diretor de assuntos políticos, de assuntos jurídicos e de Imprensa; sendo portanto umas das principais lideranças da referida entidade.

Foi naquela ocasião que pude colocar em prática, em um nível mais bem elaborado, toda uma gama de conhecimento acumulado ao longo de muitos anos de estudo e preparação.

Naquela ocasião foram colocadas em prática toda uma gama de táticas e estratégias utilizadas ao longo da história, muitas delas já testadas por mim durante a minha carreira de policial militar conforme citado anteriormente.

Tive a oportunidade, por várias ocasiões, de comprovar a efetividade, por exemplo, do enunciado teórico de Sun Tzu que diz respeito aos encaminhamentos que os líderes de um sindicato podem fazer em uma mobilização tendo como base de decisão o número de participantes:

Cem homens determinados a sofrer a dor de uma lâmina podem penetrar uma linha e causar o caos em uma formação. Mil homens determinados a sofrer a dor de uma lâmina podem apanhar o inimigo e matar seu general. Dez mil homens determinados a sofrer a dor de uma lâmina caminham à vontade sob o céu. (SUN TZU, 2002, p. 219)

O significado de tal enunciado, em se tratando de uma mobilização social, é que a partir do número e do moral dos participantes as lideranças tem uma clara idéia do que podem fazer, ou seja, com um pequeno número de participantes e que estejam desmotivados não se pode fazer grande coisa. Pelo contrário quando se tem um grande número de participantes dispostos ao enfrentamento os dirigentes podem pressionar seus antagonistas de forma mais contundente.

Em outra oportunidade pude colocar em prática o seguinte ensinamento teórico de Sun Tzu que ensina a unir e dar volume a um agrupamento de manifestantes: “[...] Porque não conseguiam se ouvir fizeram gongos e tambores; porque não conseguiam se ver fizeram flâmulas e bandeiras. Gongos, tambores, flâmulas e bandeiras são os meios para unificar os ouvidos e olhos dos homens.” (IBID, p. 91)

Utilizei globalmente o referido ensinamento teórico de Sun Tzu por ocasião de uma passeata onde mandei confeccionar bandeiras com o logotipo e a sigla do sindicato. Também foram adquiridos apitos que juntamente com as bandeiras tiveram forte aceitação e uso pelos participantes da manifestação.

Os referidos materiais cumpriram exemplarmente a sua função: as bandeiras deram maior volume a manifestação e os apitos elevaram o moral dos participantes.

2.3.1. UM EXEMPLO DA ARTE DA GUERRA EM PROPAGANDA

Em uma das inúmeras táticas que protagonizei enquanto na função de Diretor de Imprensa da Associação de Praças de Santa Catarina – APRASC, e que teve um resultado satisfatório, foi um episódio que ocorreu em meados do ano de 2002 durante a campanha política eleitoral daquele ano. Na ocasião foi realizada uma campanha propagandista por intermédio de outdoors que objetivava ser um protesto contra perseguições massivas às lideranças do sindicato que ocorriam no momento da idealização da campanha propagandística e que foi o motivo específico de sua detonação.

O objetivo da campanha contava com o importante ingrediente da oportunidade; visto que estava se iniciando uma campanha política eleitoral para a eleição a vários cargos públicos. A oportunidade que se estava aproveitando estrategicamente naquele momento é um dos elementos principais a ser considerado ao se empreender uma ação tática. Além da oportunidade também foram considerados naquele momento, para o sucesso da referida tática, os princípios estratégicos do objetivo, da surpresa, da concentração de forças e da segurança.²

O que se iria realizar era uma campanha propagandística por intermédio de *outdoors* e, como se sabe, para se obter sucesso no trabalho com propaganda o ponto nevrálgico é descobrir como fazer com que o público alvo ao ver a sua mensagem se sinta atingido por ela, ou seja, a sua mensagem deve ter elementos que vão de encontro aos seus interesses, que incite o seu lado egoísta ou que lhe acenda um sinal de alerta para a sua psique. Do contrário a sua mensagem lhe passará despercebida não chamando a atenção e, portanto, não causará nenhum efeito, ou seja, a mesma será uma mera perda de tempo e desperdício de pesados recursos; haja vista que os custos com propaganda geralmente são muito elevados.

Para que o público alvo tenha a reação adequada deve-se focar mais na paixão do que na razão: “O que quer que pensemos ou professemos, o comportamento humano é guiado pelo medo (*phobos*), pelo interesse próprio (*kerdos*) e pela honra (*doxa*).” (KAPLAN, 2002, p, 73)

Além disso, outro instrumento pedagógico que talvez esclareça um pouco melhor o quanto as pessoas são movidas por interesses próprios, e é esse o elemento chave no uso da propaganda, pode ser encontrado na fábula de Esopo (século VI a.C.) denominada “O

² Os princípios estratégicos são longamente explanados no capítulo III que versa sobre a teoria da Arte da Guerra.

camponês e a macieira”:

Um camponês tinha em seu jardim uma macieira que não dava frutos, servia apenas de poleiro para pardais e gafanhotos. Ele resolveu cortá-la fora e, pegando o seu machado, golpeou firme as suas raízes. Os gafanhotos e os pardais lhe imploraram para não cortar a árvore [...]. O camponês não deu atenção ao pedido, e desfechou sobre a árvore o segundo e o terceiro golpes com o machado. Atingindo o oco da árvore ele encontrou uma colméia cheia de mel. Provando o favo, jogou fora o machado e, olhando a árvore como sendo sagrada, cuidou muito bem dela [...]. (GREENE, 2000, p. 124)

A maneira que foi encontrada para dar o recado pretendido foi por intermédio da denúncia do aumento dos índices de criminalidade, pois é sabido o quanto a piora nos indicadores da Segurança Pública é um fator que influencia negativamente a opinião pública em período eleitoral, podendo refletir nas votações aos candidatos a cargos públicos. A manchete utilizada foi: "Santa Catarina tem a capital campeã de furtos no país" e o subtítulo era “Enquanto os presos estão sendo soltos, policiais estão sendo presos, por denunciar o

Estado de Insegurança”.



Estado de Insegurança”.

A referida campanha

Dez outdoors com essa mensagem foram espalhados em pontos estratégicos da cidade de Florianópolis – SC.

propagandística a qual deveria ser feita mediante outdoors tinha um custo elevado e naquele momento a situação financeira da entidade não comportava aqueles gastos. Como alternativa foi planejado buscar uma aliança com o partido de oposição para, assim, conseguir financiamento para ela. O partido de oposição também estava em campanha eleitoral e, talvez, a repercussão da mensagem que se pretendia expor à opinião pública, que maculava a imagem de seu principal adversário político naquela empreitada, fosse de seu interesse.

Quando estamos numa disputa onde não somos o lado mais forte para podermos sobrepujar tal situação devemos buscar alianças, as quais são feitas para se atingir objetivos específicos e por tempo determinado: “[...] a prudência recomenda que sejam formadas alianças com outros

Estados, não só para garantir ajuda em caso de ataque como para conter os planos perigosos dos inimigos e dar sustentação a todas as pretensões justas, com o concurso dos aliados [...]” (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 55) Assim que se cumpram os objetivos pré-definidos, e se for do interesse de uma das partes, pode-se desfazer a aliança.

Em uma reunião onde estavam presentes os principais *caciques*, líderes, do partido de oposição foi apresentado por intermédio de um rascunho simples a mensagem que se queria transmitir e eles ao avistarem aquela propaganda impactante contra os seu adversários, num momento tão decisivo quanto é uma campanha eleitoral, prontamente demonstraram interesse na divulgação da mesma, se comprometendo em arcar com os custos dela, desde que o nome do partido não aparecesse. Poucos dias após aquela reunião dez outdoors foram produzidos e instalados em pontos estratégicos da cidade de Florianópolis onde havia grande fluxo de veículos.

O Partido político que estava administrando o Estado, ao constatar o quanto a mensagem dos outdoors prejudicava a sua imagem naquele momento de campanha eleitoral, acionou o Poder Judiciário o qual um Juiz determinou a retirada dos mesmos reportando que os outdoors eram: “Desairosos e de absoluto mau gosto com conotação evidente para a época eleitoral [...]” Em outro trecho de seu despacho o referido Juiz acerta em outro ponto importante que a propaganda visava: “[...] acabam por arruinar a vocação turística da Capital, com largos prejuízos econômicos.”³

A repercussão da mensagem foi tamanha que chegou a ser divulgada na imprensa nacional. Um jornalista do *Jornal A Notícia* do dia 04 de setembro de 2002 publicou em sua coluna: “[...] A assessoria do secretário da Segurança Pública de Santa Catarina [...] respondeu imediatamente ao noticiário de alguns jornais do Rio e São Paulo, acerca da manifestação, via o outdoors [...]”

Florianópolis é reconhecidamente uma região turística sendo que esse setor tem forte impacto em sua economia. Ao denunciar que Florianópolis era a capital campeã em furtos no país, e tendo essa mensagem atingido a mídia nacional, esse é um fator a ser seriamente considerado pelos turistas que desejavam viajar para a cidade. A divulgação da mensagem em

³ Jornal A Notícia, Fonte:<<http://www1.an.com.br/2002/set/26/0moa.htm>>Acesso em 21 de outubro de 2015.

um momento em que o verão se aproximava poderia realmente prejudicar o turismo na cidade e na região e esse elemento, indubitavelmente, também foi devidamente previsto ao se arquitetar qual deveria ser a mensagem a ser utilizada para se atingir o objetivo.

Como os outdoors já haviam ficado um tempo considerável em exposição, mesmo que o tempo tenha sido inferior ao que havia sido contratado com a empresa que os instalou, acabaram surtindo um grande efeito e a própria retirada judicial deles potencializou ainda mais a sua repercussão na imprensa local e nacional acabando por divulgar ainda mais a sua mensagem.

O partido da situação perdeu a eleição não se reelegendo para o mandato pretendido. Visto que aquela ação não foi a única contra o governo naquela campanha eleitoral; onde o sindicato utilizou de passeatas, panfletagem e distribuição gratuita do jornal do sindicato; não se pode precisar exatamente qual delas teve maior resultado, mas vários políticos do partido derrotado não tinham a menor dúvida do impacto que os outdoors tiveram na eleição.

Um Deputado Estadual do partido político derrotado, disse na coluna “opinião” do *Jornal A Notícia* do dia 26 de outubro de 2004: “A questão "Segurança Pública" foi determinante [...]. Durante a campanha eleitoral de 2002 foram espalhados outdoors anunciando que Santa Catarina tinha a capital campeã de furtos do País.”

Após aquelas eleições, nas quais a entidade, principalmente na figura de seus principais líderes, e cuja qual, conforme o depoimento do Deputado Estadual citado no parágrafo anterior foi o principal motivo da derrocada do partido no poder, esse não retornou mais a direção estadual e nunca mais conseguiu se recuperar de tamanha derrota.

2.3.2 AÇÃO CONTRA O SOLDADO TEMPORÁRIO

Outro exemplo histórico que fui protagonista, e que foi de grande relevância em meu aprimoramento teórico-prático de estratégia, foi por ocasião da criação do Soldado Temporário na PMSC.

Assim como em outras instituições estatais, a criação do servidor temporário teve, no geral, como consequência a piora na qualidade do serviço prestado nestas instituições, na PMSC também ocorreu uma tentativa semelhante. O êxito da referida iniciativa somente não foi

completo devido a nossa intervenção obstinada contra a mesma. O assunto era muito delicado e por isso foi tratado estrategicamente.

As razões do posicionamento contrário à criação do soldado temporário são basicamente a fragilização das condições de trabalho de tal servidor, a conseqüente piora na qualidade do serviço de segurança pública em decorrência disso, a possibilidade do enxugamento do quadro de soldado efetivo e o super dimensionamento do quadro de soldados temporários. Como exemplo das conseqüências negativas da criação de servidores temporários pode-se citar a criação no ano de 1991 do professor temporário⁴ na rede estadual de ensino Público do estado Santa Catarina onde ao longo dos anos subsequentes apareceram a maioria dos efeitos acima citados.

Naquela ocasião pude provar que mesmo lutando sozinho e mesmo tendo ainda que lutar contra aliados pode-se vencer batalhas importantes. Eu lutava não só contra a criação do soldado temporário, mas também contra outras importantes lideranças; que naquele momento demonstraram claramente que faziam avaliações equivocadas daquela situação ou que tinham intenções alheias à busca dos interesses da categoria.

A trama do soldado temporário começou justamente quando um de meus espões me entregou, em meados do ano de 2005, uma copia de uma proposta de lei a ser remetida a Assembléia legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC; a proposta chegou em minhas mãos antes de ir para a ALESC. Propalado por Sun Tzu como essencial o uso de espões, fiz o uso de tal tática várias vezes durante a minha atuação sindical onde pude constatar a sua eficácia:

O modo pelo qual governantes sábios e generais sagazes se moveram e conquistaram outros, pelos quais as suas realizações ultrapassaram as massas, foi o conhecimento acurado. O conhecimento acurado não pode ser obtido de fantasmas e espíritos, inferido dos fenômenos ou projetado a partir da medição do céu, mas deve ser obtido dos homens, porque é o conhecimento da verdadeira situação do inimigo. (SUN TZU, 2002, p. 134)

Tomado o conhecimento inicial da iniciativa de criação do soldado temporário primeiramente tentou-se barrar a sua aprovação na ALESC, que teve a designação de Projeto de

⁴ LEI Nº 8.391, de 13 de novembro de 1991.

Lei Complementar 015/2005. Tal tentativa foi fracassada e o projeto de lei foi aprovado sendo transformado na Lei Complementar nº 302, de 28 de outubro de 2005. Neste episódio eu percebi pouca tenacidade por parte do Presidente e Vice-Presidente da entidade para impedir a aprovação da referida lei.

Com a aprovação da lei havia pouco tempo para impedir a sua implementação e então foi realizada uma reunião com as outras duas lideranças principais da associação, Presidente e Vice-Presidente, objetivando uma tomada de posição e estabelecimento das ações táticas contrárias a iniciativa.

Foi durante esta reunião que ouvi a indecorosa posição do Presidente e do Vice-Presidente que já antevendo uma possível implementação do soldado temporário se posicionaram:

- “[...] daí nós poderemos filiar os meninos [...]”.

Ao ouvir tal posição fiquei atônito com tal posicionamento quase não acreditando no que ouvia, porém imediatamente respondi:

- Ninguém vai filiar ninguém porque simplesmente não vai existir soldado temporário!

Na época dos fatos não percebi o verdadeiro significado da posição do Presidente. Posteriormente conclui que já naquele momento, há um ano das eleições legislativas, as referidas lideranças tinham como principal objetivo a sua candidatura a uma vaga para Deputado Estadual na ALESC e, portanto, já estavam admitindo a implantação do soldado temporário e contabilizando os seus votos.

Diante da posição das duas principais lideranças do sindicato comecei a buscar sozinho os possíveis caminhos para barrar a referida proposta. O objetivo era, visto a lei já ter sido aprovada, tentar anulá-la na Justiça ou, na pior das hipóteses, anular os pontos mais polêmicos da referida lei que eram o soldado temporário usar arma de fogo, trabalhar no policiamento ostensivo (nas ruas) e usar fardamento semelhante ao do soldado efetivo.

O caminho encontrado foi indicado pela assessoria jurídica do maior partido de oposição junto à ALESC e era uma Representação junto ao Ministério Público do Trabalho. Esta sugestão baseava-se em iniciativas recentes do próprio Ministério Público do Trabalho que estava tomando medidas semelhantes junto a serviços públicos terceirizados nas prefeituras do Estado de Santa Catarina, ao invés daquelas autoridades fazerem concursos públicos para suprirem a demanda de servidores públicos, os referidos governos municipais estavam

contratando servidores terceirizados.

A partir de um breve rascunho confeccionado pelos advogados citados confeccionei a Representação com toda a sua argumentação legal e técnica. Um dos argumentos utilizados no documento foi a quebra de princípios constitucionais relativos à contratação de servidores públicos por intermédio de concurso público:

Tal projeto de lei, em verdade, instituiu forma de contratação precária de Policiais Militares no Estado de Santa Catarina, sem a realização de concurso público. Noutros termos, a lei objeto desta representação propõe a substituição de servidores Militares efetivos pela contratação temporária de “voluntários”. Não há dúvida, diante de diversos dispositivos da lei, que restou ferido o princípio constitucional do concurso Público.⁵

Quanto à precarização do serviço de segurança pública ofertada a partir da implantação dos soldados temporários os motivos elencados são, entre outras coisas, o curto treinamento e as péssimas condições de trabalho:

Não resta dúvida, assim, de que o objetivo da Lei Complementar é de viabilizar a contratação temporária de servidores, que terão curto tempo de treinamento para atuar em uma área tão delicada como vem a ser a segurança pública. O perigo da medida instituída pela lei aqui ataca é inegável, já que expõe toda a sociedade ao risco de atuação de “profissionais” contratados temporariamente (por até dois anos) e sem treinamento adequado para atuar em situações de risco. (IBIDEM)

A única participação da assessoria jurídica da associação foi adequar alguns termos do texto original para o linguajar próprio da área jurídica.

Assim que foi concluída a confecção da Representação ela precisava ser assinada pelo Presidente da associação e encaminhada ao Ministério Público do Trabalho. Visto que o Presidente já havia demonstrado uma posição controversa quanto ao assunto e que, portanto haviam fortes indícios de uma negativa ou protelação na sua assinatura e encaminhamento, foi arquitetada uma medida preventiva para evitar essa situação.

A saída encontrada foi um pedido de aprovação em uma reunião de diretoria ampliada e o envio de Representação ao Ministério Público do Trabalho. Foram tomados todos os cuidados

⁵ Representação protocolada na Procuradoria Regional do Trabalho/12ª Região sob o nº 433/06.

para que não vazasse tal proposta antecipadamente ao Presidente e Vice-Presidente, sendo ambos os objetivos alcançados.

Ao perceberem toda a articulação que foi feita; confecção em segredo da Representação, apresentação e aprovação em reunião de diretoria sem seus prévios conhecimentos; os Presidentes e Vice-Presidente ao mesmo tempo em que procuraram disfarçar o desconhecimento da Representação perante os outros diretores demonstraram implicitamente pra mim o seu descontentamento. Após este mal estar a minha relação com estes dois líderes da associação nunca mais foi reconciliada, muito pelo contrario somente piorou culminando com o rompimento final um ano depois.

Diante da aprovação em reunião de diretoria da Representação não restava mais nada a fazer ao Presidente senão a sua assinatura e encaminhamento ao Ministério Público do Trabalho; o que foi feito.

A Representação junto ao Ministério Público do Trabalho deu início ao processo denominado Procedimento de Verificação nº 106/2006 que transcorreu por cerca de dois anos no referido Ministério Público do Trabalho, tendo sido alcançado de imediato a suspensão da contratação dos soldados temporários nos moldes da lei aprovada e até o seu julgamento final onde finalmente foram eliminados os artigos mais controversos da lei do soldado temporário ficando, em síntese, o exercício da função do soldado temporário restritas ao serviço administrativo de áreas internas da PMSC e, mais importante, o soldado temporário ficou proibido do uso de arma de fogo e fardamento: “[...] tem por finalidade a execução de atividades administrativas internas. Parágrafo único. Fica vedado aos Agentes Temporários de Serviços Administrativos, sob qualquer hipótese, nas vias públicas, o porte ou o uso de arma de fogo e o exercício do poder de polícia.”⁶

O objetivo inicial de barrar a implantação do soldado temporário não foi alcançado, porém foram feitas modificações expressivas nas partes mais polêmicas do projeto e com isso acredita-se ter sido evitada a pior consequência que poderia ter o projeto, precarização do serviço de segurança pública, caso tivesse vigorado plenamente conforme a sua concepção inicial.

⁶LEI COMPLEMENTAR Nº 302, de 28 de outubro de 2005 modificada pela LEI COMPLEMENTAR nº 386/07 (Art. 1º) publicada no Diário Oficial Nº 18.150 de 26/06/07.

2.4 HISTORIADOR MILITAR

Portanto, o que me leva a querer aventurar-me nessa seara, e talvez o que me habilite neste trabalho historiográfico no campo da estratégia, é que, além de meus estudos teóricos da Arte da Guerra, foram décadas de exercício de minha profissão de Policial Militar, atuação sindical e política onde tive a oportunidade de fazer a junção da teoria com a prática:

É esta bagagem prévia que lhe permite realizar, por exemplo, uma leitura intertextual, ou seja, ver em um texto dado, a leitura, apropriação e ressignificação feita a partir de outro. [...] Tudo isso multiplica a capacidade de interpretação e faz parte das estratégias metodológicas que dão condições ao historiador para aplicar seu referencial teórico ao empírico das fontes. (PESAVENTO, 2008, p. 66)

A soma de bagagens já acumuladas é, portanto, o principal diferencial entre historiadores, pois desta forma o historiador consegue mais facilmente contextualizar os acontecimentos, interligá-los em seu extra-texto podendo assim de um melhor modo cruzar todos os dados disponíveis e, finalmente, arrancar-lhes alguma utilidade. Este é o verdadeiro Historiador, que:

[...] senhor do método, comparece como um juiz, tal como anuncia Ginzburg: ele explica como foi, como aconteceu e, com a autoridade da fala e controle da estratégia metodológica, faz valer sua representação sobre o passado como o discurso do acontecido. (IBID, p. 68)

Escrever sobre personagens e eventos passados é um grande desafio. Em primeiro lugar porque conforme o tempo que os fatos tenham acontecido e as dificuldades inerentes ao encontro de fontes; escrita ou vestígios de qualquer natureza, muitas vezes estas fontes, quando encontradas, não estão em bom estado de conservação. E em segundo lugar estas podem ser simplesmente o discurso do vencedor, que na maioria das vezes não corresponde a realidade dos fatos.

A tentativa de surrupiar a verdade é uma prática muito comum na longa lista dos devaneios de nossos semelhantes que são tão propensos a exaltação de suas virtudes, porém cabe ao historiador a busca dessa verdade onde deve contrapor fontes variadas, buscar indícios, contrapor elementos controversos da mesma fonte e tentar tirar alguma conclusão dos

documentos:

[...] o enunciado minucioso de um acontecimento histórico e a justaposição de vários acontecimentos podem servir para apoiar uma teoria que encontra então neste testemunho a sua verdadeira justificação. (CLAUSEWITZ, 1996, p. 163)

Nesse sentido, uma profunda análise da história militar dentro dos contextos históricos, sociais e políticos que ocorreram podem ter a sua utilidade, com um certo grau de demonstração, e serem ferramentas úteis para a compreensão e resolução de disputas dos mais variados tipos: “Os exemplos históricos esclarecem tudo; possuem, além disso, um poder demonstrativo de primeira categoria quando se trata de ciência empírica. Isso se verifica na arte da guerra mais do que em qualquer outro campo.” (IBID, p. 161)

Em meu caso específico tive a oportunidade, dando-se as devidas proporções, de unificar a minha experiência profissional com uma pequena parcela dos ensinamentos dos maiores capitães da história, destacando-se: Sun Tzu, Heródoto, Ciro O Grande, Tucídides, General Camilo, Aníbal Barca, Saladino, Dom Nunes Álvares Pereira, Maquiavel, Frederico, O Grande, Clausewitz, etc.

Outros caminhos de aprendizagem também podem ser seguidos, como, por exemplo, a orientação de um grande mestre, como ocorriam em tempos passados onde era lugar comum entregar a guarda de um filho a um tutor ou simplesmente aprender diretamente com a História. Porém, o caminho de formação que segui foi através de um caminho mais duro que foi o de: “[...] receber ensinamentos sobre os princípios de sua profissão em muitas lições e a muito custo e perigo [...]” (Frederico, O Grande apud LUVVAS, 2001, p. 324)

Durante a minha longa, mas incompleta jornada de aprendizado teórico-prático da temática em foco, a estratégia, o ensinamento que me deparei de maior complexidade e de maior valor é o que diz respeito à previsão.

Primeiramente ele foi enunciado por Maquiavel em sua forma mais elementar: “[...] O que pode ser previsto pode ser evitado.” (MAQUIAVEL, 2006, p. 136) O significado dele é que após o perigo ser previamente detectado pode-se tomar as medidas necessárias e, assim, o perigo pode ser anulado.

O aprimoramento desse enunciado resultou em uma complexa fórmula matemática,

atribuída a Joseph Stalin (1878 – 1953), que diz: “[...] nada justifica lutar batalhas inúteis por causas dúbias.” (KISSINGER, 1997, p. 392) Este enunciado diz que se são vários os perigos desconhecidos não se deve travar a batalha. Outro significado para ele é o da previsão de fracasso para qualquer empreendimento caso não se conheça mais de, pelo menos, dois perigos.

A utilização do conhecimento estratégico acumulado ao longo da História quer seja ele teórico ou prático pode resultar na vitória e a sua não utilização na derrota. O objetivo de seu estudo e disseminação, ao contrário do que se possa pensar, é o de obter êxito sem o enfrentamento, mas através da diplomacia: “Subjugar o exército inimigo sem lutar é o verdadeiro ápice da excelência. Assim, a mais alta realização na guerra é atacar os planos do inimigo; depois atacar suas alianças; em seguida atacar seu exército; e a mais baixa é atacar suas cidades fortificadas.” (SUN TZU, 2002, p. 62)

Para que isso ocorra, porém você precisará convencer o seu interlocutor que está preparado e disposto a ir até as últimas consequências; o que só é possível se você dominar os preceitos da Arte da Guerra.

3. A TEORIA DA GUERRA

3.1 TEORIA GERAL DA ARTE DA GUERRA

Um bom general conhece perfeitamente todos os preceitos da Arte da Guerra e sempre os utiliza se isso convier para se alcançar à vitória. A dificuldade principal, porém é que: “No campo da estratégia pode-se dizer que ainda não existe uma teoria plenamente aceita e unificada.” (BREEMER, 2007, p. 74)

O que se pode fazer então é; a partir da análise dos ensinamentos de seus maiores expoentes tais como: Sun Tzu, Maquiavel, Frederico, O Grande, Clausewitz e outros; tentar sistematizar os ensinamentos desses e de outros grandes generais da História tornando assim esse conhecimento mais proveitoso e acessível a todos.

Durante esse trabalho, com o estudo dos autores citados e dos casos históricos que serão narrados e analisados estrategicamente, se tentará mostrar a validade dessa teoria que é composta basicamente pelas regras e pelos Princípios Estratégicos.

Com relação às possíveis leis da guerra, porém como se está falando num campo tão flexível do conhecimento humano, não existe muito espaço para se falar nelas: “A idéia de lei aplicada à ação é inutilizável pela teoria da condução da guerra, porque, devido à mutação e variedade dos fenômenos, não existe nenhuma disposição de natureza suficientemente geral que mereça o nome de lei.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 131)

Em toda atividade humana o planejamento é importante, porém em operações de grande envergadura como são as campanhas militares, e na política, ele é imprescindível. Nesse sentido, para que se seja exitoso em campanhas de grande envergadura este planejamento deve ser pautado em bases sólidas, quer seja a teórica ou a prática.

Em estratégia apesar da necessidade de se ter uma base sólida para a tomada de decisões estas não podem representar uma postura rígida, como já bem disse Sun Tzu relativamente a ser flexível como a água: “A água configura o seu curso de acordo com o terreno; [...] desse modo o exército não mantém nenhuma configuração estratégica [...] e alcançar a vitória [...]” (SUN TZU, 2002, p. 85)

Há de se ressaltar, porém que mesmo que o planejamento seja considerado essencial nos

grandes empreendimentos a sorte também é colocada por muitos estrategistas como um fator de grande relevância no êxito ou na derrota desses empreendimentos:

[...] nenhum homem torna-se bem sucedido, seja na política, na guerra ou em qualquer empreendimento humano, cujas operações se baseiam em futuras contingências e no cálculo das probabilidades, a não ser que seja bafejado pela mão amiga da fortuna. (IBID, p. 305)

Para uma melhor compreensão do estudo da arte da guerra é necessário que se compreenda corretamente alguns dos conceitos relativos ao tema. Dos termos mais importantes destacamos dois: tática e estratégia: “[...] a tática é, pois a teoria relativa à utilização das forças armadas no recontro. A estratégia é a teoria relativa à utilização dos recontros a serviço da guerra.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 93)

Estes dois fatores estão intimamente interligados e são complementares, pois o resultado da estratégia empregada se dará em razão das táticas utilizadas e as táticas em si têm a obrigação de serem elaboradas e executadas para que se atinja a um objetivo estratégico.

3.2 SUN TZU VERSUS CLAUSEWITZ

Os estrategistas mais lidos, estudados e reconhecidos na atualidade são o chinês Sun Tzu (544 - 496 a.C.) e o prussiano Car Von Clausewitz (1789 - 1831).

Sun Tzu foi um general contratado pelo Rei de Wu como comandante de seu exército o qual era dez vezes menor que o exército inimigo do Rei Chu. Após derrotar o seu inimigo Sun Tzu registrou em varas de bambu “A Arte da Guerra” com todo o seu conhecimento estratégico experimentado ao longo da guerra que havia vencido brilhantemente. (SUN TZU, 2002, p. 7)

Ao longo de sua obra Sun Tzu explana detalhadamente e de modo prático o que pode ser denominado como as regras da guerra. Muitos estudiosos militares simplesmente alegam que seguir ou não seguir as regras da guerra de Sun Tzu significa ganhar ou perder a guerra, e mostram inúmeros exemplos de casos onde isso supostamente teria ocorrido.

De grande reconhecimento mundial a obra é estudada e utilizada desde a Antiguidade, especificamente no Oriente, e recentemente também no mundo Ocidental sendo que na atualidade ela é estudada por muitos comandantes de guerras locais e mundiais. Nos dias hoje a obra possui várias versões sendo adaptada para os negócios, a política e as relações sociais; porém algumas dessas obras carecem de um aprofundamento e muitas são meras banalizações do original.

Por sua vez Clausewitz foi um comandante prussiano que praticamente passou a sua vida combatendo e escrevendo sobre as guerras napoleônicas. Este autor profetizou o fim de uma era e o início de outra: “[...] Utilizando os conceitos fundamentais do século XVIII, lançou os alicerces do edifício conceitual que dominou o século XIX.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. XVIII)

Em sua obra “*Da Guerra*” este general prussiano faz uma longa e detalhada explanação, quase que filosoficamente, do que para ele é a guerra e de como lutá-la. Suas teorias sobre a guerra são minuciosas e são descritas ao longo de um extenso capítulo que versa somente sobre elas. Os tópicos da parte mais prática de sua obra são bastante semelhantes aos da obra de Sun Tzu.

A obra de Clausewitz, tal qual a de Sun Tzu, teve muita repercussão em sua região sendo adotada como verdadeiro manual militar que foi amplamente utilizado primeiramente por seus compatriotas e depois tendo reconhecimento e aplicações mundiais.

No campo do planejamento, o que Sun Tzu nos conta é da necessidade da previsão desde o primeiro ao último passo. Já Clausewitz, quando o assunto é planejamento, ele é repetitivo na utilização do conceito de fricção:

[...] as guerras reais diferem da guerra abstrata porque as condições idealizadas nunca se verificam. A mobilização de forças não é instantânea; os acontecimentos são governados não apenas por uma causalidade estrita como também pelo acaso; os fatores psicológicos são determinantes de relevo nas decisões tomadas pelos homens, etc. (Anatole Rapoport. Apud CLAUSEWITZ, p. 15)

Ele busca elementos contidos num conceito da física para explicar todos os complexos processos, quer sejam eles concretos ou abstratos, que envolvem a máquina de guerra quando colocada em movimento. O que tornaria a previsão a longo prazo algo inalcançável.

Apesar de que as duas teorias possam aparentar serem supostamente antagônicas, elas são apenas concepções complementares e ao contrário de negar a importância da adaptação o que Sun Tzu enaltece na realidade é a sua importância: “[...] o ápice da disposição militar encontra o informe (sem forma). Se é informe, mesmo o mais profundo espião não pode discerni-lo, tampouco o sábio fazer planos contra ele.” (SUN TZU, 2002, p. 24) Ou seja, para este estrategista a adaptação é a primazia, inclusive a adaptação dos planos. Nesse sentido ele ressalta que a forma mais forte é a forma que não tem forma, pois ao mesmo que está em todo o lugar não está em lugar algum.

Já Clausewitz, apesar de colocar a importância da fricção, também nos fala do planejamento ressaltando em vários tópicos a importância dos planos e da preparação, onde ele ressalta a importância do efeito da fricção no desenrolar das guerras:

Temos, pois, de nos preparar para construir a guerra tal como se apresenta, não segundo o seu puro conceito, mas admitindo nela todos os elementos de natureza estranha que com ela estarão envolvidos e dela dependerão – toda a inércia e as fricções naturais das suas partes, a inconseqüência do conjunto, o indefinido e a timidez do espírito humano. (CLAUSEWITZ, 1996, p. 831)

O que se vê, portanto, é uma complementaridade entre os dois autores quanto ao uso do artil e do planejamento. Percebe-se dessa forma uma ênfase em cada autor em um e em outro fator. Por exemplo, se vê em algumas passagens de Clausewitz uma maior importância às grandes batalhas: “[...] as mudanças que se produzem na arte da guerra são sempre engendrados por ações decisivas [...]” (IBID, p. 370.) E se percebe uma maior ênfase em Sun Tzu na supremacia do uso do artil:

A guerra é o Tao do artil. Assim, ainda que sejas capaz, exhibe incapacidade. Quando decidido a empregar as tuas forças, finge inatividade. Quando teu objetivo estiver próximo, faz com que pareça distante; quando distante cria a ilusão de que está próximo.” (SUN TZU, 2002, p. 51)

Numa análise mais aprofundada dos dois autores o que deve ser considerado é o momento histórico e nas regiões em que conviveram e, com isso, as influências que tiveram e, com isso, tentar deduzir o que fez com que chegassem as suas conclusões, ou seja, as peculiaridades dos

contextos de cada um.

No caso de Sun Tzu todo o seu conhecimento estratégico foi desenvolvido em uma época onde culminou todo um cabedal de conhecimentos táticos e estratégicos originados milênios antes, com poucos percalços no caminho, e que Sun Tzu com sua sabedoria soube capitalizar e catalogar.

A preponderância no uso do ardil que é dada por Sun Tzu vem de tempos remotos com a prática da caça em que o caçador para obter sucesso contra as suas presas ao invés de lutar diretamente contra elas usava de armadilhas para aprisioná-las ou abatê-las. Em guerras não é diferente e deve-se usar da inteligência ao invés da força.

Já no caso o conhecimento estratégico de Clausewitz vem de uma longa tradição ocidental onde a maneira de guerrear em determinado momento dá menor importância ao uso do ardil para dar mais valor ao combate direto.

Este autor teve forte influência de seu conterrâneo Frederico, O Grande (1712-1786) que dizia que: “As batalhas decidem o destino da nação. Numa guerra, é absolutamente necessário chegar a ações decisivas, seja para terminar com as angústias da luta, seja para deixar o inimigo agoniado [...]” (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 148)

Essa tradição, que vem desde a Grécia Antiga, dignificava o combate direto de seus hoplitas ⁷ contra os soldados inimigos e passou pela Idade Média com os exércitos feudais e o enobrecimento do cavaleirismo até mesmo na arte da guerra. Ela dá uma maior preponderância ao combate direto na arte da guerra o qual se manteve mesmo depois da Revolução Francesa que mudou alguns aspectos da maneira de guerrear, porém este foi um dos aspectos que se manteve inalterado.

Somente em fins do século XIX com a popularização da imprensa e a divulgação dos dois maiores estrategistas da história, Sun Tzu e Clausewitz, é que a arte da guerra tomou a sua amplitude atual de guerra geral e irrestrita.

3.3 AS REGRAS DA GUERRA

As regras da guerra são os ensinamentos que foram acumulados e aplicados ao longo da

⁷ Soldados da infantaria grega.

história pelos mais renomados pensadores. São um vasto repositório de conhecimentos, que demonstraram a sua eficácia nas mais variadas ocasiões. Podemos citar dentre elas, por exemplo: manter elevado o “moral da tropa”, o comandante ser um exemplo, procurar fazer guerras rápidas, dar ao inimigo a ilusão de uma rota de fuga para que ele não busque forças descomunais para sobrepujar sua derrota certa, prever os perigos para sobrepujá-los, utilizar-se da inteligência ao invés da força, etc.

Devido à falta de um profundo estudo e sistematização das regras da guerra, que estão espalhadas ao longo da história, catalogá-las é um dos principais objetivos deste trabalho. Acreditamos que ao término dele o leitor possa ter uma idéia mais clara de quais regras podem ser consideradas mais eficazes e da importância de sua utilidade no campo da estratégia.

3.4 OS PRINCÍPIOS DA GUERRA

Os Princípios da guerra são a espinha dorsal da estratégia sendo que muitas regras derivam deles. Apesar de se dar erroneamente a autoria dos princípios estratégicos a Clausewitz, a Sun Tzu, ou a outros atores, eles são na verdade oriundos do conhecimento estratégico acumulado ao longo da história desses dois e de muitos outros autores.

Para Clausewitz, os Princípios Estratégicos são: “[...] o resultado de uma verdade objetiva, ou seja, igualmente válidos para todos os homens [...] quando diante de uma única circunstância se deduz a intenção a que esta circunstância pertence.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 130)

Os princípios que serão explanados são os nove Princípios Estratégicos do Exército estadunidense encontrados no artigo do Dr. Jan S. Bremer da Revista *Militar Review* jan/fev de 2007 ⁸:

3.4.1 Princípio do Objetivo – É o princípio estratégico mais importante. Este princípio diz que para se vencer uma guerra tem que se ter bem claro qual o objetivo almejado e que este deve ser um só, pois, principalmente, a multiplicidade de objetivos complica o planejamento e execução das operações.

⁸Segundo (BREMER, 2007, p. 75) Os princípios estratégicos são nove: Objetivo, Unidade de Comando, Simplicidade, Ofensiva, Segurança, Manobra, Economia de Força, Concentração de força e Surpresa.

Somente após se estabelecer claramente qual o objetivo a ser atingido é que todas as ações podem ser direcionadas neste sentido:

Nenhuma guerra se inicia, ou pelo menos não deveria iniciar-se sem agir-se prudentemente, sem que se tenha encontrado uma resposta para a pergunta: o que se procura alcançar pela guerra e nela? O primeiro é o objetivo, o outro o fim intermediário. Essa idéia dominante determina o curso inteiro da guerra, determina a extensão dos meios e a dimensão da energia a desenvolver; a sua influência manifesta-se até nos menores detalhes da ação. (CLAUSEWITZ, 1996, p. 829)

3.4.2 Princípio da Unidade de Comando - Diz que o comando deve obrigatoriamente estar na responsabilidade de apenas uma única pessoa. Esta pessoa não deve deixar de ouvir os conselhos de pessoas experientes nas várias áreas de conhecimento, porém a decisão final deve ser sua: “[...] os bons conselhos, venham de onde vierem, devem nascer da prudência do príncipe e nunca na prudência do príncipe nascer dos bons conselhos.” (MAQUIAVEL, 2003, p. 120) Ele será responsabilizado pelo fracasso ou, na melhor das hipóteses, recairá sobre ele a glória pela vitória.

Como todos os outros princípios ou regras que foram estabelecidos pela história, para o Princípio Estratégico da Unidade de Comando um caso famoso a ser lembrado pela falta de seu emprego foi quando da guerra de Atenas contra Esparta na Guerra do Peloponeso (432-404 a.C.) onde essa foi derrotada por não definir um líder para o comando e sim deixar tal responsabilidade à Assembléia ateniense: “[...] Decisões importantes, portanto, eram discutidas na frente de milhares de pessoas, que aprovavam ou reprovavam, por maioria, os detalhes de cada ação.” (KAGAN 2006, p. 39) O resultado foi catastrófico para Atenas que caiu sob o controle de Esparta e nunca mais recuperou a sua glória.

3.4.3 Princípio da Simplicidade dos Planos - Diz respeito ao fato de que quanto mais simples forem todos os aspectos relativos ao objetivo e às idéias, de como alcançá-lo, mais facilmente venceremos: “[...] Se pusermos de lado a vaga impressão que causam as concepções abstratas para nos restringirmos à vida prática, veremos [...] a preferência aos êxitos simples e imediatos do que aos resultados complexos.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 260-261)

3.4.4 Princípio da Concentração de Forças – Este princípio nos fala da importância de sermos mais fortes quando for necessário, ou seja, nos momentos adequados devemos concentrar nossas forças e cairmos como uma avalanche contra o inimigo. Ele também é um princípio muito importante a ser utilizado quando estamos numericamente inferiores em relação ao inimigo: “A melhor estratégia consiste em se ser sempre muito forte, primeiramente de um modo geral e depois de um modo decisivo. [...] a lei suprema e a mais simples da estratégia consiste em concentrar as suas forças.” (IBID, p. 219)

3.4.5 Princípio da Economia de Forças – Este princípio é o oposto ao anterior. A sua razão de existir é justamente para se poder dar força ao princípio anterior quando necessário. São, portanto dois princípios inter-relacionados e complementares. Para podermos concentrar forças em determinada hora ou local é necessário que economizemos forças em outro momento e situação.

3.4.6 Princípio da Manobra - Este princípio diz respeito ao poder de mudar de local, de horários, de direção, de objetivos, etc. É a previsão da possibilidade e da necessidade de possíveis mudanças. A possibilidade de mudança deve estar sempre presente seja na guerra quanto em nossas vidas. É um princípio bastante complexo sendo, por isso, seguidamente negligenciado.

O seu cumprimento é dificultado por fatores negativos relativos ao espírito humano, pois a mudança é um dos elementos mais difíceis do ser humano, principalmente quando este se encontra em algum posto de poder.

A previsão deste elemento pode nos proporcionar a saída de situações complicadas e por esse motivo nunca devemos nos deixar encurralar em becos sem saída.

3.4.7 Princípio da Ofensiva - Este princípio também está estreitamente relacionado aos princípios da concentração de forças, da economia de forças e da manobra. Ele diz respeito à primazia da ofensiva onde busca enunciar que é por intermédio da ofensiva que temos a liberdade e a iniciativa para a ação. O seu ponto negativo é o fato de que ao realizar um ataque

temos que nos mostrar e, em muitas vezes, deixamos nossa guarda aberta, por isso o seu contraponto é a defesa que para Clausewitz é a forma mais forte de combater em sua célebre frase “A defesa é a forma mais forte e visa o objetivo negativo.” (Anatole Rapoport. Apud CLAUSEWITZ, 1996, p. XCVII)

3.4.8 Princípio da Segurança - Este é um princípio que ao mesmo tempo em que é facilmente compreendido também é seguidamente negligenciado. Ele também contrapõe o princípio da ofensiva no sentido da exposição a que está disposto o atacante e é o fundamento basilar da defesa. Dentre os ensinamentos de Maquiavel é um dos ensinamentos mais repetidos e está diretamente relacionado à previsão:

[...] não apenas devem se preocupar com os problemas presentes, mas também com os futuros, e procurar evitá-los com habilidade, porquê se tu podes prevêê-los, podes remediá-los facilmente, mas, se esperas até que eles estejam sobre tua cabeça, o remédio não chegará a tempo, porque a doença se tornou incurável. (MAQUIAVEL, 2003. p. 9)

3.4.9 Princípio da Surpresa – Este princípio é fundamental em ações táticas ofensivas. Este é na realidade um dos elementos mais freqüentemente utilizados nas batalhas em que forças supostamente inferiores tiveram grandes êxitos táticos.

O elemento surpresa é e sempre será um fator essencial a ser utilizado por comandantes ousados e cientes de sua eficiência. Foi através da surpresa que Aníbal Barca atravessou os Alpes e invadiu o território romano pela sua retaguarda desprotegida quase impedindo o nascimento do maior império que a humanidade já conheceu.

4. MÉTODOS DE ENCONTRO DE SOLUÇÕES TÁTICAS

Diariamente nos deparamos com as mais variadas circunstâncias para resolvermos. Quando estas situações são simples podemos resolvê-las com um pouco de disciplina e esforço, porém quando estas situações são de alta complexidade o encontro de uma solução se torna mais difícil.

Essas ocasiões que aparentam ser de extrema dificuldade para serem solucionadas são verdadeiros becos sem saída e realmente colocam a prova à nossa capacidade. São nessas horas que também se destacam as pessoas de valor: “Qualquer marinheiro ou passageiro pode tomar o leme em mar tranqüilo; sobrevivendo à tempestade e assolado o navio pelas ondas, é o piloto experiente que cabe governar.” (LÍVIO, vol. III, 1989, p. 167)

O que este raciocínio testa mostrar são dois aspectos opostos relativos ao exercício da liderança que também podem ser exemplificados em outro enunciado, o qual é supostamente atribuído ao filósofo chinês Confúcio (551 a.C. – 479 d.C.): "O sábio teme o céu sereno; em compensação, quando vem a tempestade ela caminha sobre as ondas e desafia o vento."

Primeiramente ele ressalta que geralmente um comandante habilidoso em enfrentar situações extremas quando colocado diante de situações rotineiras estas por não lhe desafiarem podem até impacientá-lo com a sua monotonia. O segundo aspecto apresentado é o potencial do líder experimentado para situações extremas, sendo que nessas situações, sendo ele especialista na resolução de crises, quando se depara com tais situações supera-as brilhantemente.

Tanto no encontro das soluções táticas, quer seja de baixa ou de alta complexidade, podem-se sistematizar três modalidades distintas de soluções: através da força de vontade, através do conhecimento e através da criatividade.

4.1 FORÇA DE VONTADE

Através da força de vontade é quando encontramos a solução de nossos problemas de uma forma mais grosseira e é quando, geralmente, além da coragem, a força bruta prevalece.

Tal procedimento, apesar de ser o modo comumente utilizado para sairmos desse tipo de situação, principalmente na solução de nossos problemas particulares, não é o modo mais

inteligente de fazê-lo.

Ao escrever em sua obra "Ética a Nicomano" que "[...] uma andorinha não faz verão [...]", Aristóteles (384-322 a.C.) não queria dizer que é mais fácil realizar grandes proezas agindo-se em grupo do que individualmente ou da impossibilidade de sozinhos conseguirmos fazer alguma coisa extraordinária. O que o famoso filósofo queria dizer é que para a experiência humana ser completa há a necessidade de uma experiência de vida mais longa e com mais vivências, conforme mostra a própria continuação da sua frase: "[...] da mesma forma um dia, ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso [...]" (ARISTÓTELES, 1991, p. 8)

No momento em que o indivíduo se encontra nessas situações extremas ele é capaz de realizar façanhas incríveis sendo que encontra energias onde nem ele mesmo sabia existir. É por isso que ao explanar sobre como combater um exército muito superior e em terreno desfavorável Sun Tzu (544-496 a.C.) diz:

[...] As forças do inimigo chegaram em grande número, cercando-nos na profundidade de muitas camadas. Queremos irromper subitamente, mas os quatro lados estão bloqueados. [...] Mata teu gado e queima as carretas de suprimentos para o regalo de nossos guerreiros. Queima completamente todas as provisões, enche os poços, destrói os fogareiros, corta teu cabelo, põe de lado teus quepes, elimina completamente quaisquer pensamento de vida, não faças planos de vida. [...] Esse é o *Tao* pelo qual se perde a estrada e se busca a vida. (SUN TZU, 2003, p. 146-147)

Outro exemplo histórico significativo foi o ocorrido por volta de 500 a.C. quando Roma se encontrava sitiada pelos Etruscos sob o comando do Rei Porsena o qual apoiava Taquíínio, rei romano deposto, e que após ser deposto por ocasião da implantação da República buscou apoio dos Etruscos para reconquistar o trono perdido onde organizou um cerco a recém fundada República Romana e a estava sufocando.

Naquela ocasião foi através da força de vontade que um cidadão romano chamado Caio Múcio atormentado com os novos dirigentes romanos que não conseguiam se desvencilhar daquela situação concluiu que a única alternativa era ele tomar a iniciativa de ir sozinho ao encontro do exército inimigo e tentar resolver aquela situação assassinando o rei Porcena:

[...] Múcio penetrando no acampamento inimigo na intenção de golpear Porsena, mata um secretário que toma pelo rei. Preso, coloca a mão sobre o altar dos sacrifícios e a deixa queimar, afirmando existirem em Roma outros trezentos homens como ele [...]. (Lívio, Vol. I, 1989, p. 197)

Enquanto proferia suas ameaças em tom altivo Múcio tinha a sua mão dilacerada pelo fogo. Aquele ato tão temerário juntamente com a ameaça de que existiam outros 300 homens nas cercanias do acampamento com a mesma disposição deixou Porcena apavorado o que fez com que ele decidisse desfazer o assédio a Roma e deixasse os romanos em paz.

Múcio, que a partir daquele episódio passou a ser conhecido como “O Canhoto”, teve grande reconhecimento da sociedade e das autoridades romanas por seu feito heróico tendo recebido propriedades e uma estátua no Capitólio.

Inúmeros são os casos históricos de personagens que sozinhos resolveram situações complexas, porém cabe-se ressaltar alguns aspectos relevantes que devem ser cuidadosamente considerados no questionamento do como e porque destas situações em que indivíduos sozinhos se vêem obrigados a tentarem resolver situações que beneficiarão toda uma coletividade.

Em primeiro lugar deve-se ter em mente que este não é o caminho mais indicado para se resolver essas situações e que os outros dois métodos aqui expostos são os caminhos mais seguros e, por isso, mais indicados a serem seguidos.

Em segundo lugar deve-se ter em mente que quando se usa da força bruta e não da inteligência estamos mais expostos a riscos de todo o tipo e que, em muitos dos casos de uso da força de vontade, os agentes quando não sofrem algum tipo de perda grave pagam o preço com a própria vida.

Em terceiro lugar, e por último, ao se fazer uma análise mais aprofundada de inúmeros casos históricos em que indivíduos se sacrificaram sozinhos em prol de uma coletividade pode-se concluir que quando estes indivíduos foram impelidos a tentar resolver situações complexas e coletivas sozinhos, geralmente isso ocorreu porque houve falhas sérias de liderança em seus grupos.

No caso explicitado do herói romano a falha foi dos cônsules e senadores romanos que ficaram imobilizados diante da situação expondo assim seus cidadãos a graves privações.

Essas falhas que ocorrem em falsos líderes são muito comuns, pois muitas vezes no: “[...]”

processo de obter-se o poder emprega meios que degradam ou brutalizam aquele que o busca, o qual desperta, um dia, para compreender que o poder foi possuído ao preço da virtude ou do propósito moral – perdidos.” (TUCHMAN, 1985, p. 107)

Então a conclusão a que se chega é que estes líderes não estão aptos ao exercício da liderança, pois no momento que o seu povo mais precisava deles ficaram imobilizados demonstrando claramente que não passam de impostores:

[...] A fim de adquirir fama de sábio, embora tu persuadisses a muitos que apreagoassem tua fingida sabedoria, e possuísses bons instrumentos de cada uma das artes; ainda que se ao princípio produzisses a ilusão, logo depois a prática de teu fingimento te cobriria de vitupérios, e poria patente tua impostura. (XENOFONTE, 2006, p. 69)

4.2 CONHECIMENTO

O encontro da solução de problemas complexos através do conhecimento é o caminho mais indicado ao general. Tal afirmação baseia-se no fato de que a História Militar está repleta de relatos das mais variadas táticas utilizadas eficazmente pelos generais no passado para que seus exércitos saíssem das mais variadas situações. Assim narra Maquiavel de generais do passado que imitavam outros generais:

[...] alguns homens iminentes, que imitavam aqueles que antes haviam sido louvados e glorificados, procurando seguir de perto seus gestos e ações, como se diz que Alexandre, o Grande, imitava Aquiles, César imitava Alexandre e Cipião imitava Ciro. (MAQUIAVEL, 2003, p. 71)

Foi com o intuito de ter acendido aos conhecimentos estratégicos da Batalha de Tróia (1200 a.C.), descritos por Homero na *Ilíada*, que Alexandre O Grande ao empreender a sua lendária jornada de conquista a Pérsia levava consigo uma cópia da obra:

Alexandre tinha também uma atração natural pela literatura: gostava de estudar e ler. Considerava a *Ilíada* como um arsenal para a arte da guerra; e era assim que a chamava. Aristóteles lhe deu a edição desse poema, por ele próprio corrigida, e chamada “edição da caixinha”. Alexandre segundo conta Onesicrites – punha-a todas às noites à cabeceira, como fazia com a espada.

(PLUTARCO, 2000, p. 29)

Ao mesmo tempo em que não se deve menosprezar o valor da literatura sobre a arte da guerra, e da possibilidade de se poder consultá-la *in loco*, a grande verdade é que talvez, com relação à utilização deste conhecimento no calor da batalha, não haja tempo hábil para uma pesquisa em nossos “pergaminhos” e sim da necessidade de uma maior rapidez na rememoração dos acontecimentos passados e na colocação em prática desse conhecimento de acordo com o que a situação exija:

[...] esse fácil golpe de vista do general, essa maneira simples de raciocinar, essa personificação de qualquer ato de guerra, são de um modo tão absoluto a própria essência de toda a condução séria da guerra que é impossível conceber de outro modo que não o desta ampla maneira a liberdade do espírito indispensável àquele que quer dominar os acontecimentos, e não deixar-se dominar por eles. (CLAUSEWITZ, 1997, p. 827)

O valor da história militar é inestimável e a utilização deste patrimônio de forma alguma pode ser relegada a um segundo plano. A questão principal desta utilização é da rapidez com que ela poderá ser buscada. Quer seja através de uma rápida consulta à literatura militar ou, melhor ainda, através de uma rápida rememoração de táticas e estratégias semelhantes utilizadas no passado.

A dificuldade no encontro desta modalidade de solução está justamente no processo de como se adquirir uma ampla gama de conhecimentos para que se possa utilizar futuramente quando necessário, ou seja, está ligada a preparação e escolha do General, que é um processo demorado e trabalhoso, por isso a máxima de que o General eficiente é o maior tesouro do Estado.

Várias são as habilidades que deve ter um bom General, porém a mais útil é o conhecimento e o estudo da história das batalhas: “[...] A história, declarou certa vez Frederico, é a escola dos príncipes; é dever deles conhecer bem os erros do passado para evitar cometê-los de novo [...]” (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 63)

O melhor general é um misto de guerreiro e de político, não deve ser exageradamente nem um e nem outro. O guerreiro em excesso peca em não almejar o objetivo político, ou seja, ele guerreia pelo amor em guerrear; assim como agia o personagem lendário Aquiles: “Vocês falam

em comida? Não tenho nenhum gosto pela comida, o que eu ardentemente desejo e chacina e sangue, e o gemido sufocante dos homens.” (KAPLAN, 2003, p. 152)

O político em excesso por outro lado peca em não amar o combate em si e sim os da guerra e, sendo assim, não está disposto a correr grandes riscos, apesar de que, estrategicamente, este deve ser o objetivo político a ser alcançado: “[...] é o terreno e não o número de inimigos mortos que sela a vitória.” (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 151)

Neste sentido o ideal num general é a mescla das duas características: “Todo rei sábio e quer governar com prudência só deve querer junto dele homens desse tipo. É igualmente perigoso para ele que aqueles que o cercam sejam demasiado amigos da paz ou demasiado amigos da guerra.” (MAQUIAVEL, 2006, p. 30)

No tocante às dificuldades em se encontrar um general competente Aristóteles também dá sua indicação: “[...] para eleger um general de exército, deve-se considerar mais a experiência militar do que a virtude, pois há menos generais experientes do que homens virtuosos.” (ARISTÓTELES, 2002, p. 141)

4.3 CRIATIVIDADE

O homem é criativo desde sempre, porém ele somente encontra a solução para seus problemas mais complexos geralmente quando se encontra diante de situações extremas, assim como já bem disse Platão que “A necessidade é a mãe da invenção”.

De maneira contrária a falta da necessidade provoca uma baixa incidência de feitos criativos e torna as pessoas negligentes até mesmo com os seus afazeres mais básicos, ou seja, uma vida sem grandes desafios torna as pessoas preguiçosas e arrogantes e ainda propensas a criticarem as pessoas criativas.

Isso ocorre talvez devido ao modelo de sociedade ocidental contemporânea em que vivemos onde nos primeiros anos escolares a didática utilizada geralmente incentiva as crianças a desenvolverem a criatividade, porém conforme a criança vai crescendo e passando de ano as escolas tendem a propor menos atividades criativas e nos níveis mais “avançados” tendem até mesmo a recriminar a criatividade.

Foi logo após o movimento de Reforma Religiosa e com o Renascimento que teve o início a liberalização do espírito onde o homem retomou algumas atribuições que a Igreja alegava serem atributos exclusivos de Deus. É neste momento histórico que a ciência começa a andar a passos largos com Kepler, Descartes, Copérnico, Galileu, Newton, etc.

Num momento posterior, com o movimento Romântico, ela tem seu o maior apogeu com a total liberalização da alma o que potencializou de forma extraordinária no indivíduo o dom da criatividade.

Quanto ao seu potencial pode-se dizer que a criatividade não tem limites e que a sua eficácia varia mais em função do rendimento da energia mental do que em proporção ao talento inato. Quem é capaz de produzir grande número de idéias por unidade de tempo possui maior probabilidade de chegar a idéias significativas.

O problema da criatividade está justamente em como chegar a ela, a qual pode ser descrita como um estágio elevado da “alma”. Ao se analisar quais são os aspectos principais do pensamento podem-se destacar dois: o espírito judicioso e o espírito criativo. Devido a serem relativamente opostos estes dois aspectos e para uma maior produtividade devem ser realizados separadamente.

O espírito judicioso está mais ligado à crítica sendo o seu ponto positivo a análise racional, a organização e a elaboração lógica do pensamento. O seu ponto negativo é o fato de que ao se ser demasiadamente racional acaba-se por incorrer no “[...] predomínio da faculdade analítica que rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia [...]” (SUZUKI, 1989, p. 39)

O espírito criativo pelo contrário é aquele que ao se lançar no desconhecido desvenda os mistérios mais profundos solucionando assim as questões mais difíceis. É também aquele que cria as obras de arte mais belas e que se tornam imortais:

[...] A través do belo, o homem é como que recriado em todas as suas potencialidades e recupera a sua liberdade tanto em face das determinações do sentido quanto em face das determinações da razão. [...] o homem em sentido pleno – homem lúdico – [...] empenha-se exatamente em “libertar” os objetos que habitam a sua sensibilidade, tornado possível um cultivo cada vez mais desta [...] destinado a aperfeiçoar a realidade [...] Deve ser dita nobre a alma que tenha o dom de tornar infinitos, pelo modo de tratamento, mesmo o objeto mais mesquinho e a mais limitada empresa. (IBID, p. 12-13)

Um processo eficiente de meditar sobre determinado problema e chegar a uma solução é decompô-lo em etapas, organizar os subproblemas, verificar os dados mais favoráveis, analisar as fontes mais convenientes, as idéias possíveis, as idéias prováveis, as maneiras possíveis e seguras de verificação e as possíveis contingências.

Algumas das conjecturas que podemos fazer para se chegar à criatividade são: Modificar? Adaptar? Ampliar? Juntar o quê? Mais forte? Mais alto? Mais cumprido? Mais espesso? Reduzir? Substituir por quê? Pelo o quê? Outro material? Outro processo? Outra força? Outro lugar? Outra forma? Inverter? Virar para trás? Virar de cabeça para baixo? Combinar? Misturar?

Com o uso da criatividade pode-se solucionar facilmente situações muito complicadas. Foi diante de uma situação extrema que Aníbal Barca (247-153 a.C.) ao realizar a épica travessia dos Alpes com seus elefantes e exército rumo à Itália na tentativa de conquistá-la confrontando os seus inimigos romanos, em determinado momento encontrou seu caminho bloqueado por enormes rochas sendo que resolveu a situação com criatividade:

[...] optou por partir a rocha por meio de um engenhoso recurso. Aqueceu-a com uma fogueira e depois banhou-a com vinagre. A rocha partiu-se em muitos pontos, como que fulminada pelo raio de Zeus [...] introduziram barras de ferro nas gretas, golpearam a rocha a martelada, despedaçaram o obstáculo e alargaram o caminho. (GALÁN, 1988, p. 124)

Outro exemplo histórico a ser lembrado é a Guerra de Tróia (1200 a.C.) onde os gregos fizeram um cerco que durou dez anos à referida cidade. Apesar de possuir um exército muito superior numericamente eles precisaram de um ardil para poder sobrepujar as magníficas muralhas da cidade. Isso somente foi possível graças a terem em seus quadros o genial Ulisses que, ao não se ater às mordomias da barraca do comandante em chefe Agamenon e circular freqüentemente em meio aos seus soldados, ideou o “Cavalo de Tróia” o que propiciou finalmente a tomada da cidade:

[...] um grego, Épio, usando um artifício insólito Inspirado por Palas, construiu enorme, fatal cavalo, enchê-lo os flancos de armamento e introduziu este funesto simulacro em Tróia, que lhe abriu as portas; o futuro relembrará o monstro feito de madeira repleto de pugnazes lanças em seu bojo [...].

(GOURBEILLON , 2004, p. 57)

Ulisses somente conseguiu chegar à idealização de seu estrategema porque seguiu algumas das regras da arte da guerra, tais como se manter, no caso dele como comandante, próximo a sua tropa para assim poder confraternizar com o seu exército das suas agruras do dia a dia: “[...] solucionar as questões estratégicas no gabinete e não junto do exército, o que não é admissível, a não ser que o gabinete fique tão perto do exército que possa ser tomado como o seu quartel-general.” (CLAUSEWITZ, 1997, p. 173)

Foi desta forma que ele conseguiu com criatividade solucionar o problema mais premente que encontrava: conquistar definitivamente a cidade de Tróia e assim liberar seus soldados e a si próprio para começar a sua “Odisséia”⁹ rumo à sua pátria e ao seio de suas famílias.

Um exercício que pode ser realizado para desenvolver a criatividade consiste em praticá-la imaginando soluções para problemas específicos da nossa vida cotidiana e profissional, assim como o fazia constantemente Filópemen (253-184 a.C.):

[...] príncipe dos Aqueus [...] nos tempos de paz, em outra coisa não pensava senão em torno de guerra e, quando excursionando pelos campos com os amigos, freqüentemente parava e com eles argumentava: - Se os inimigos estivessem sobre aquela colina e nós nos encontrássemos aqui com nosso exército, qual de nós teria vantagem? Como se poderia atacá-los, mantendo a formação da tropa? Se quiséssemos nos retirar, como deveríamos proceder? Se eles se retirassem, como faríamos para persegui-los? - E propunha-lhes, andando, todos os casos que possam ocorrer em um exército [...] jamais poderia, comandando os exércitos, encontrar pela frente algum imprevisto para o qual não tivesse solução. (MAQUIAVEL, 2003, p. 71)

No processo criativo pode-se usar tanto à lógica quanto à abstração. O importante é que estejamos sempre atentos às idéias, ou aos sinais que se apresentam a nós; registrando-os e dando-lhes o seu devido valor. A utilização de uma agenda ajuda o espírito criador; assim fica mais claro o objetivo com que deve ocupar-se. Deve-se fazer uma anotação aproximada de todas as idéias, logo que nos ocorram, independente do lugar que nos encontramos. De um modo ou de outro, somente o fato de fazer uma anotação sobre a idéia já constitui um fator estimulante para a imaginação.

⁹ Um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuídos a Homero.

Para uma melhor sistematização de um processo do uso da criatividade para a solução de um determinado problema pode-se destacar o método de Catherine Patrick explicado em *What is creative thinking?* (PATRICK, 1955, p. 13) Nesse método a autora desenvolve quatro etapas a serem seguidas:

4.3.1 PREPARAÇÃO

O processo de preparação é quando, com um problema a ser resolvido devidamente estabelecido, começamos a tentar solucioná-lo. É a fase em que “[...] parte ela para a coleta e manipulação do maior número possível de dados e elementos pertinentes, para, em seguida, “queimar pestanas” sobre os mesmos. Lê, anota, discute, coleciona, consulta, rabisca, cultiva sua concentração no assunto.” (BARRETO, 1978, p. 150)

Além do material a ser pesquisado terá um forte peso no desenvolvimento do processo criativo toda a gama de conhecimentos acumulados durante a vida do pesquisador. Na realidade talvez este seja um dos elementos mais importantes desta equação: o conhecimento já acumulado.

4.3.2 INCUBAÇÃO

Na etapa seguinte, na incubação, é quando devemos deixar que toda a massa de material que já dispomos e, com o auxílio de outros elementos que nos depararmos, de certa forma deixamos este material como que ruminando em nossa mente; nem abandonando por completo o assunto e nem nos concentrando em demasia nele.

Somente com a mente relaxada é que conseguiremos finalizar esta etapa e chegar à etapa seguinte sendo que para isso devemos descobrir por nós mesmos como chegamos à criatividade: “[...] Einstein também tocava violino, ou lia Dostoiévsky; Gandhi costumava tecer; Beethoven chegava às suas soluções em longas caminhadas, anotando enquanto andava [...]” (IBID, p. 152)

Para atingirmos à criatividade talvez o mais importante não seja o que estejamos fazendo e sim como o fazemos. O pensamento negativo é uma trava intransponível à criatividade.

Podemos chegar à criatividade tanto realizando uma atividade relaxante, por exemplo, quando estamos tomando um banho quente, quanto quando estamos realizando um trabalho manual desgastante, como por exemplo, uma faxina em nossa moradia. O que importa para chegarmos à criatividade é realizar a atividade com o pensamento positivo, ou seja, somente se ficarmos felizes com o que estamos fazendo é que a mente estará relaxada e aberta a novas descobertas.

4.3.3 ILUMINAÇÃO

A etapa da iluminação é a mais importante e é quando finalmente encontramos uma possível solução para o problema ideado. É a etapa culminante da anterior, quando esta for feita adequadamente. Quando chegamos nesta fase ficamos eufóricos e exclamamos “eureka”, como Arquimedes. Na Idade Média ao tentar harmonizar a fé com a razão, Tomás de Aquino:

[...] achando-se num banquete com Luís IX, deu de repente, aparentemente sem propósito, um bruto soco na mesa e exclamou: "Aí está a resposta aos maniqueus!". Um vizinho, escandalizado, fez-lhe notar que estava em presença do rei. Mas Luís IX cortesmente mandou um criado trazer pena e papel para que Tomás anotasse a idéia que lhe ocorrera. (IBID, p. 154-155)

4.4.4 VERIFICAÇÃO

Esta é a fase final do processo criativo onde o espírito judicioso volta com toda a sua análise fria dos fatos para organizar logicamente o produto que foi elaborado nas etapas anteriores da criatividade e daí sim finalizar a tarefa iniciada. É a fase para onde convergiu toda a energia utilizada desde o início do processo criativo.

A maioria dos elementos utilizados para se chegar à criatividade tais como o isolamento e o uso do subconsciente devem ser abandonados neste momento para que se possa finalmente dar uma utilidade prática ao esforço despendido, quer seja testando a solução encontrada, testando e comercializando o produto desenvolvido ou simplesmente expondo a obra de arte produzida; que pode ser uma pintura, uma música, etc.

No encontro de soluções para situações complexas a utilização de um caminho não elimina a possibilidade de utilizarmos vários caminhos ao mesmo tempo, ou seja, podemos usar a lembrança de acontecimentos passados e acrescentarmos um pouco de criatividade e ainda, principalmente na aplicação da solução, utilizar intensamente a força de vontade.

5. A CONQUISTA DE SARDES POR CIRO O GRANDE

Eram meados do primeiro milênio a.C. quando o já moribundo Império Assírio, aquele que tinha sido um dos maiores impérios da História, agonizava diante de quem iria ser o seu carrasco: **Ciro O Grande**. Tido por Cícero (106 a.C.- 43 a.C.)¹⁰ como “o melhor e o mais virtuoso dos reis” (CÍCERO, 1990, p. 31) **Ciro** pode ser descrito, além do já mencionado, dentre outros atributos, como o libertador dos Hebreus, pois foi ele quem os libertou do cativeiro da Babilônia e, por isso, também é venerado por este povo.

Ciro, O Grande (590 a.C.-529 a.C.), era filho de Cambises, rei dos persas, e Mandane, princesa dos medos. O seu grande mentor foi o seu pai, que durante a sua infância e juventude foi quem mais o preparou para se tornar um grande líder: ensinou-lhe a arte da caça como teoria para a arte da guerra, a prática constante de exercícios físicos e treinamento para si e para o seu exército, os cuidados e a valorização para com seus companheiros e os valores morais que tornaram **Ciro** uma barreira intransponível. Dentre os muitos ensinamentos de seu pai, **Ciro** também



Ciro II e os hebreus. Iluminura de Jean Fouquet, 470-1475. Fonte:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciro_II>. Acesso em 05/0-9/2015.

aprendeu a importância da generosidade: “[...] muitos, não satisfeitos com a parte que lhes tocou, pretenderam apossar-se de toda a herança, e esta ambição lhes fez perder o próprio quinhão”. (XENOFONTE, 2006, p. 79)

¹⁰ Cícero foi um filósofo, político, jurista e escritor romano que escreveu mais de 16 livros sendo o mais célebre “Da República”.



Ninguém imaginava que aquele jovem ia formar um dos maiores impérios da história. Após unificar medos e persas em 550 a.C. estava consolidado a principal aliança que iria tornar possível a formação do Império Persa o qual tinha como limites: “[...] ao oriente o mar Eritreu, ao norte o Ponto Euxino, ao ocidente Chipre e Egito, ao

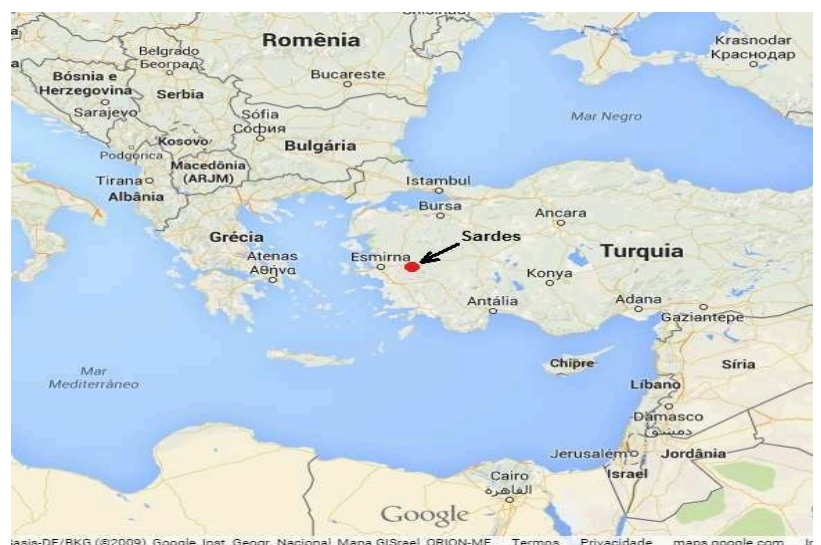
Fonte: <<http://www.dreamstime.com/stock-image-persian-empire-map-detailed-image8521871>> Acesso em 19/07/2015.

sul a Etiópia.” (XENOFONTE, 2006, p. 382)

Segundo Xenofonte (430 a.C.-355 a.C.) foi principalmente a sua generosidade e sabedoria que tornaram possível a Ciro construir um dos maiores impérios da história agindo mais em auxílio a quem lhe pedisse socorro do que por pura ambição expansionista. Tal situação somente foi possível devido à sua fama de benevolente que se propagou rapidamente desde o início da formação do Império Persa.

Ciro teve uma célere carreira e uma de suas conquistas mais importantes foi a cidade de Sardes. A importância de tal conquista é devido à localização estratégica da cidade e também que aquela era a capital da Lídia a qual tinha sujeitado várias nações, desde egípcios até gregos.

A importante conquista de Sardes somente foi possível após uma



Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/@40.2248687,28.648755,5z?hl=pt-BR>> Acesso em 17/07/2015.

longa preparação do exército persa. Segundo Heródoto (485 a.C.- 420 a.C.) os motivos principais que possibilitaram a tomada da cidade teriam sido a anterior dispersão do exército inimigo, sob o comando de Cresos (595 a.C.-547 a.C.), que logo após a perda da cidade de Ptéria para os persas foi refugiar-se em sua capital Sardes:

Contava passar o Inverno tranqüilamente e, então, à entrada da Primavera, [...] mandou arautos convocar os aliados, com instruções para virem ao seu encontro no quinto mês. Em seguida, despediu as tropas estrangeiras que tinha a soldo e que se haviam medido contra os Persas, deixando-as dispersar-se para todos os lados, longe de imaginar que Ciro, não havendo conseguido vantagens até então, planejava fazer avançar seu exército até Sardes. (HERODOTO, 2006, p. 65)

Segundo Xenofonte, porém os fatores mais importantes da tomada de Sardes pelo exército persa foram outros e destacamos um episódio que merece ser lembrado à posteridade. Tudo começou com a captura de uma princesa em uma batalha durante o avanço à cidade de Sardes. A princesa capturada foi Pantéia que devido a sua beleza e formosura atiçou desejos em todo exército persa e principalmente no seu alto comando.

Como era de se esperar, porém o Estado Maior do exército persa reservou a beldade a seu líder Ciro. Ao ser inquirido por seus generais sobre a sua nova posse, Ciro foi enfático ao dizer que não desejava aquela mulher e que mesmo se tratando de uma prisioneira deveria ser tratada como uma princesa, o que foi seguido rigorosamente e a princesa capturada ficou mais na condição de hóspede do que de prisioneira.

A tropa ficou consternada diante da postura de seu líder em rejeitar tão bela mulher, porém os motivos da rejeição eram estratégicos e, assim, Ciro demonstrava força de caráter ao mesmo tempo em que:

[...] não perde o seu equilíbrio, mesmo no mais violento estado de efervescência. [...] sabe manter-se senhor de si sob a ação das piores emoções, de tal modo que, a despeito da tempestade que se abate sobre o seu coração, a sua capacidade de discernimento e as suas convicções conservam a sua inteira sutileza, tal como a agulha de uma bússola com o navio em perigo. (CLAUSEWITZ, 1996, p.62-63)

Ao resistir aos desejos de homem, Ciro evidenciava as suas características de um

grande general o qual via aquela situação de outra forma, diferentemente de seus subordinados, que ao contrário de Ciro, eram dominados pelo desejo, e estava na verdade prevendo outras possibilidades para usar aquela valiosa aquisição. A previsão é uma das principais características de um grande general.

Durante as semanas que se passaram um de seus generais, Araspas, que também era o responsável pela guarda da princesa, sentiu-se atraído pela beleza da moça a tal ponto de gerar boatos no exército de que ele a desejava e mesmo que já a teria possuído e assim traído o seu líder Ciro. Diante de tal boataria e sentindo-se consternado diante de tal calúnia ele dirigiu-se a Ciro informando-lhe que não era nada daquilo que falavam e que, apesar dos boatos, ele cumpria rigorosamente as suas ordens não tocando na princesa.

Ao ouvir com atenção o relato de seu subordinado, Ciro rapidamente procurou tranquilizá-lo dizendo que acreditava nele, e que aquela poderia ser a oportunidade que ele estava esperando para colocar em prática um plano audacioso e que poderia ser de grande valia na tomada da cidade:

Sabeis, pois, Araspas, que a favor desse mesmo rumor podeis ser-me muito prestadio, e fazer aos aliados um serviço relevante. [...] Oxalá — replicou Araspas — que eu ainda vos possa ser uma vez útil. [...] Ciro continuou: Se quereis passar para o campo dos inimigos, fingindo que fugis de mim, creio que eles vos acreditarão. [...] — Por Júpiter — instou Araspas — meus amigos espalharão que tal é o motivo que tenho para ir unir-me aos contrários. (XENOFONTE, 2006, p. 269)

O plano era de infiltrar um espião na cidade de Sardes o que, caso desse certo, seria o fiel da balança para alcançar a vitória, contudo se desse errado Araspas corria sérios perigos. Araspas ouviu seu mestre atentamente e rapidamente se prontificou a cumprir a missão que Ciro havia lhe reservado. O projeto era audacioso, pois aproveitando-se daquele mal estar causado pela boataria, Araspas iria oficialmente assumir a traição e debandar para o lado do inimigo com a alegação de que Ciro queria matá-lo por ele ter possuído uma de suas concubinas.

Ao anunciar seus planos a seu subordinado Ciro deixou bem claras as duas situações: o risco de captura e morte e que aquele segredo somente os dois teriam conhecimento sendo que de maneira alguma ninguém mais poderia saber. Araspas concordou incondicionalmente e

pôs o plano em prática.

Assim como nos dias de hoje naquela época os boatos também corriam muito rápido mesmo porque o inimigo também tinha espões no acampamento de Ciro e já sabia de toda a boataria envolvendo Araspas; o qual era um dos mais importantes generais de Ciro que detalhou o plano:

[...] para melhor captardes a confiança dos contrários. Participai-lhes o que por aqui se passa, mas de maneira que essa participação só sirva para estorvar a execução de seus projetos [...]. O medo de ver arruinados seus bens não os deixarão congregar-se. Deixai-vos por lá estar quanto tempo puderdes. Dai-nos parte dos movimentos dos adversários, quando muito próximos andarem de nós. Mesmo lhe podeis aconselhar que formem o exército em batalha [...]. (IBID, p. 270)

E foi assim que Araspas, “o traidor”, apareceu às portas de Sardes. Ao ser recebido na corte de Cresos, governante de Sardes, Araspas foi logo contando e aumentando a história já conhecida de sua desfeita com Ciro e de sua fuga. Cresos ouviu atentamente a história e inquiriu Araspas sobre o exército de Ciro, suas fraquezas, seus pontos fortes e a sua estratégia para conquistar Sardes. Araspas, conforme tudo combinado com Ciro, prontamente satisfaz todos os questionamentos de Cresos.

Enquanto Araspas ia ganhando a confiança de Cresos, o exército de Ciro ganhava um importante reforço em suas tropas ao mesmo tempo em que Ciro comprovava a sua sabedoria em ter preservado a princesa Pantéia. O Rei Abradatas, que tinha um exército importante e que lutava junto a Cresos ao saber da postura de Ciro, que mesmo após ter capturado a sua amada não ter tocado e nem deixado que ninguém tocasse um dedo nela, se debandou juntamente com o seu exército, para o lado persa:

[...] logo que conheceu os sinais de sua esposa [...] de boa vontade partiu com dois mil cavalos para o acampamento de Ciro; e apenas chegou ao lugar por onde andavam os exploradores dos persas, mandou dizer quem era. Ciro imediatamente o fez conduzir ao aposento de sua mulher. Logo que se avistaram, os dois conjugues se abraçaram [...]. (IBID, p. 271)

Com a história da traição e com outras contra-informações, Araspas foi aos poucos

ganhando a confiança de Crespo e passando a ter acesso a todos os preparativos de defesa da cidade de Sardes. Os planos de Ciro deram certo e na véspera do confronto principal entre os dois exércitos era chegada a hora de Araspas voltar ao acampamento persa.

Ao chegar ao acampamento persa quando Araspas começou a ser insultado por seus antigos companheiros, Ciro interveio e revelou todo o plano salientando que foi tudo uma artimanha, que Araspas não era um traidor e sim um homem muito fiel e corajoso, pois com o auxílio dele agora Ciro sabia de todos os preparativos de defesa da cidade de Sardes, de suas forças e de seus planos. E assim Ciro apresentou Araspas a seus companheiros:

Amigos, eis aqui um homem digno dos maiores encômios. Agora já todos podem saber os motivos de seu procedimento. Não foi nenhuma ação infame, que o compeliu a partir, nem foi por temor de minha cólera; mas foi por mim enviado para se informar do estado dos inimigos, e no-lo vir comunicar depois. Bem me lembro, Araspas, das promessas que vos fiz, e com o auxílio de todos que vedes presentes, cumpri-las-ei. É justo que todos vós pagueis um tributo de honra à longanimidade deste varão. Em benefício nosso ele se expôs a perigos, e carregou com acusações. (IBID, p. 272)

A tropa persa consternada diante da revelação ficou embriagada de alegria e abraçou Araspas como um irmão que havia morrido e tinha renascido.

Foi somente no dia da batalha que Crespo percebeu que não tinha mais “o traidor” Araspas em suas fileiras e sim que ele o tinha espionado a mando de Ciro e retornou com informações preciosas ao acampamento persa, porém já era tarde demais para fazer grandes mudanças nos planos quando as tropas já estavam praticamente frente a frente para o combate.

Com a supremacia das informações sobre as forças do exército de Crespo e das defesas da cidade o exército persa venceu seus oponentes e tomou a cidade de Sardes. Crespo foi capturado e se tornou um importante conselheiro de Ciro.

6. OS PODEROSOS PERSAS SÃO DERROTADOS PELOS NÔMADES CITAS

A Cítia era uma vasta região situada ao sul da Rússia onde viviam povos nômades que eram excelentes arqueiros e muito belicosos. Este povo em um passado recente havia invadido a Pérsia e por isso tinha uma antiga rixa até então não resolvida com os persas. Aproveitando-se disso como justificativa, porém com o objetivo puro e simples da conquista, grassava o ano de 515 a.C. quando o Rei Dario I implementou o seu plano de invasão ao território cita.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtia#/media/File:Scythia-Parthia_100_BC.png>. Acesso em 19/07/2015.

Naquele momento histórico a Pérsia era o maior Império da época e estava no auge de sua glória. Nunca haviam sofrido uma única derrota, muito pelo contrario: somente vitórias e conquistas de novos territórios. A fama dos guerreiros persas era imbatível. Seu nome era temido por uma vasta região e somente a ameaça de invasão era o suficiente para a submissão.

Os tempos do benevolente Ciro O Grande já haviam passado e agora eram outros os tempos. O Império Persa vivia um período onde os novos governantes tinham atingido o poder mais por direitos dinásticos do que pelas virtudes guerreiras e estavam no auge de sua arrogância e quando almejavam novos territórios simplesmente mandavam emissários solicitando "terra e água"; que tinha o significado de um ultimato sendo que a aceitação era a submissão e a negação era uma declaração de guerra: “[...], achas que não estás em condições de te opor a mim, deixa de fugir à minha frente; entra em acordo com o teu senhor, e traz-lhe terra e água como sinal de submissão.” (HERODOTO, 2006, CXXVI)

Em verdade a Pérsia não tinha nem a necessidade de novas conquistas e nem tampouco a Cítia oferecia qualquer vantagem para o já imenso Império Persa, mas Dário estava decidido pela invasão contrariando o bom senso e o aconselhamento do próprio irmão, Artábano, que lhe havia dito que: “[...] não aprovava a idéia do soberano de atacar a Cítia. Chamou-lhe a atenção para a pobreza daquele povo e para as poucas vantagens que lhe adviriam de tal

guerra [...]” (IBID, LXXXIII)

De fato os motivos do ataque à Cítia não passavam de pura vingança, o que não é digno de um verdadeiro líder, pois este não deve travar batalhas por honra e nem tomar decisões baseadas em preconceitos, nesse sentido na luta contra os citas não haveria objetivo político a ser alcançado:

[...] pois não possuem nem cidades nem fortalezas. Transportam, para onde vão, suas respectivas habitações, e são exímios no manejo do arco quando a cavalo. Não vivem do cultivo da terra, mas do gado. Pode-se dizer que, em geral, não possuem moradias outras que não suas próprias carroças. Vê-se, pois, que um povo que adota tal modo de vida não pode ser facilmente subjugado, sendo até mesmo difícil abordá-los. (IBID, XLVI)

Dário contrariando os conselhos e o bom senso decidiu pela guerra. Os efetivos persas para a invasão da Cítia, segundo Heródoto, eram setecentos mil homens originários de dezenas de nações entre persas, medos, gregos, egípcios, sírios, etc. Só na marinha tinham seiscentos veleiros com suas tripulações.

A Cítia por outro lado estava em completa desvantagem numérica e de recursos, porém a tática principal que ela empregaria iria destroçar por completo um império que até então era considerado invencível. A tática utilizada foi a de "Terra arrasada" juntamente com a tática da união, forçada ou espontânea, dos povos vizinhos aos citas. A genialidade do plano cita foi de como esta união foi arquitetada e implementada.

A importância da busca de alianças é imprescindível na guerra sendo indicada por todos os grandes estrategistas. Um celebre enunciado é o de Frederico, O Grande (1712-1786):

É sempre prudente e necessário fazer alianças, caso contrário, os possíveis aliados podem transformar-se em inimigos [...] a prudência recomenda que sejam formadas alianças com outros estados, não só para garantir ajuda em caso de ataque como para conter os planos perigosos dos inimigos [...]” (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 54-55)

Ao tomar conhecimento do avanço persa em direção ao seu território o Rei da Cítia enviou emissários aos seus vizinhos informando-os da gravidade da situação, solicitando apoio e também propondo a união de todos os povos da região contra os persas:

"Não será justo, - acrescentaram eles - que, conservando-vos neutros, nos deixeis perecer pelo vosso descaso em tão grave emergência. Marchemos juntos ao encontro do inimigo que está prestes a invadir nossa pátria. Se nos negardes o vosso auxílio e formos batidos pelo inimigo, ver-nos-emos obrigados, ou a deixar nosso país, ou nele permanecer sob as condições impostas pelos invasores. Não penseis que a vossa sorte será melhor do que a nossa e que, satisfeitos por nos terem submetido ao seu domínio, os Persas vos deixem tranquilos. Sua expedição não visa menos a nós do que a vós." (IBID, CXVIII)

Ao ouvirem o relato dos citas os vizinhos, que eram um total de oito, ficaram metade apoiando os citas e a outra metade se absteve da aliança sob a alegação de que aquela briga não era deles e sim somente com os citas por estes terem, num passado recente, invadido injustamente o território persa.

Já antevendo esse posicionamento dúbio de seus vizinhos, os citas já tinham traçado os seus planos os quais eram: "[...] não desafiar abertamente os Persas, nem oferecer-lhes batalha em campo aberto, mas ceder terreno pouco a pouco, retirando-se sempre para diante, obstruindo as fontes que encontrassem no caminho e destruindo as plantações [...]" (IBID, CXX) A outra parte do plano cita, que era uma verdadeira obra de gênio, foi arquitetar uma maneira que praticamente obrigaria todos os vizinhos a aderirem à aliança:

"[...] deveriam também retirar-se sempre em ordem, sem precipitações, procurando, sobretudo, atrair o inimigo para as terras dos que lhes haviam negado aliança, a fim de forçá-los também à guerra contra os persas, embora contra a vontade." (IBIDEM)

Alem disso foi colocada em prática a "Tática da terra arrasada" que consiste em recuar destruindo tudo que possa ter alguma serventia para o inimigo. Tal tática è utilizada principalmente quando se está em desvantagem e não se deseja combater. Sun Tzu concordaria plenamente com essa decisão: "Evitar exércitos fortes não é covardia, mas sabedoria, porque lutar em lugar e tempo desvantajosos significa derrotar a si próprio. [...] Aquele que souber quando pode lutar e quando não pode lutar será vitorioso." (SUN TZU, 2002, p. 40)

Os persas adentraram em território cita seguros de que venceriam facilmente o seu inimigo sendo que ao se encontrarem em território cita acamparam despreocupadamente por

três dias como se estivessem passeando. Este procedimento de desprezar os supostamente mais fracos é muito comum ao ser humano quando está em situação superior; o que é recriminável. O ideal é que: "[...] quanto mais avançada social e economicamente uma época for, mais necessário se torna que os líderes mantenham o senso de falibilidade e de vulnerabilidade de suas sociedades: essa é a defesa básica contra a catástrofe." (KAPLAN, 2003, p. 76)

Os citas por seu turno espiavam pacientemente os seus oponentes e os incitavam a persegui-los o que os persas o faziam sem se darem conta de que estavam caindo em uma cilada. Eles estavam seguindo os seus planos de arrastarem o inimigo no território dos vizinhos que não haviam aceitado adesão à aliança contra os persas e com isso os trazendo à aliança.

A tática se mostrou eficaz e conforme os persas adentravam em seu território a maioria dos vizinhos se viu obrigado a se aliar ao exército cita. Somente o reino dos Agatirso conseguiu impedir os citas de forçar a adesão à aliança:

"[...] mas estes, vendo seus vizinhos alarmados porém,-se em fuga, enviaram aos citas um arauto, antes que eles penetrassem em seu país, a fim de interditar-lhe a entrada, ameaçando-os de dar-lhes combate, caso insistissem em perturbá-los. Fazendo essa ameaça, os agatirsos enviaram forças para as fronteiras, prontos a lutar pela integridade de seu território. [...] Quanto aos citas, ante a ameaça dos agatirsos desistiram do seu intento de invadir-lhes as terras [...]." (Opt. Cit., 2006, CXXV)

Com o intuito de prolongar a estada do exército persa em seu território dando-lhe alguma esperança de sobrevivência, pois na avaliação dos citas o inimigo ainda tinha alguma força e se resolvesse voltar pra casa naquele momento ainda era uma força combativa de grande valor, foram instigados a ficar se desgastando ainda mais até o fim de suas forças: "[...] recorreram a um artifício para fazê-los permanecer na Cítia pelo maior espaço de tempo possível e atormentá-los pela falta de víveres. Deixaram-lhes alguns rebanhos, [...] Os Persas precipitaram-se sobre esses rebanhos e deles se apoderaram." (IBID, CXXX)

Além das táticas de "Terra arrasada" e da união espontânea e forçada, os citas sempre que podiam atacavam os persas em pequenas escaramuças e assim também causavam danos aos persas já enfraquecidos pelas táticas não combativas.

Ao serem perseguidos os citas não permitiam serem alcançados e prudentemente também iludiam o inimigo mantendo sempre um dia de distância entre as duas tropas e com isso estimulavam o inimigo a segui-los. Foi durante essa perseguição em território cita que estes implementaram suas duas táticas já citadas e cada vez que os persas se embrenhavam na imensidão do inóspito território cita seus mantimentos iam escasseando e o moral da tropa ia decaindo.

O exército persa foi pouco a pouco definhando a tal ponto que num momento mais avançado da guerra as suas tropas já estavam em situação de penúria: "[...] Dario acabou por encontrar-se em extrema penúria com relação ao abastecimento de víveres." (IBID, CXXXI)

Foi quando os citas se sentiram em condições de aceitar o combate e quando os dois exércitos já estavam em linhas de batalha um dos generais de Dario o aconselhou:

"[...] Senhor, - respondeu Góbrias - eu nada sabia com relação a este povo, a não ser o que dele contavam; mas desde que aqui chegamos passei a conhecê-lo melhor, observando a maneira com que nos tratam, zombando de nós e menosprezando nossa força. Encontramo-nos, realmente, em situação delicada. Sou, portanto, de opinião que devemos partir [...]." (IBID, CXXXIV)

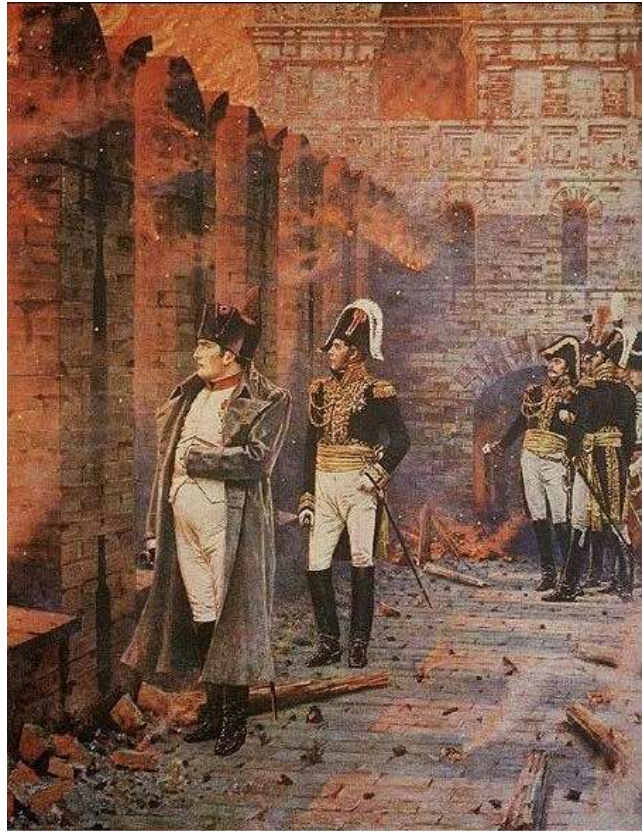
O Rei Dario em um raro momento de sabedoria acata a sugestão de seu conselheiro e bate em retirada com seu imenso e desgastado exército que não se vê mais em condições de aceitar a batalha e se retira pelo mesmo caminho que havia entrado.

Foi praticamente em continuação a derrota contra os citas que os persas adentraram em território grego e sofreram a famosa derrota de Maratona, portanto a derrota contra os citas marca o início da longa derrocada do Império Persa e a ascensão dos gregos como força dominante da região culminando com o seu total desmantelamento por Alexandre, O Grande, em 330 a.C.

A tática cita da “Terra arrasada” iria ser utilizada exitosamente pelo menos outras duas vezes em momentos posteriores da História pelos povos da região: uma ocorreu na invasão napoleônica à Rússia em 1812 onde após invadir a Rússia com um exército de 600 mil homens os russos recuaram e implementam a tática da Terra arrasada até mesmo em sua capital Moscou e ao adentrar à cidade e vê-la em chamas Napoleão Bonaparte (1769-1821)

exclama: “São citas”. (Anatole Rapoport. Apud CLAUSEWITZ, 1994, p. XXV) Fascinado por História, como a maioria dos grandes generais, Napoleão logo ligou o episódio com a história dos citas.

A outra foi por ocasião da invasão nazista à Rússia em 1941 onde o exército soviético sob o comando do Marechal Joseph Stalin (1878-1953) implementou tática semelhante e venceu o imbatível, até então, exército alemão do Terceiro Reich.¹¹ Foi fenomenal tal episódio onde novamente um invasor supostamente muito mais forte é fragorosamente derrotado com o uso da tática da Terra arrasada implementada por um povo obstinado e comandada por um Grande General.



“As labaredas alcançam o Kremlin”. Pintura de Vasily Vereshchagin (1887-1895).

Fonte: <<http://www.journal.forces.gc.ca/vol10/no1/10-lombardi-eng.asp>>. Acesso em 02/09/2015.

Ao narrar este episódio; em que uma nação pobre, composta de pastores nômades e que viviam esparsos em uma vasta região conseguem vencer um rico império composto de soldados profissionais e dispo de recursos inesgotáveis; tentou-se mostrar, entre outras coisas, como: “[...] pequenos Estados podem resistir a grandes impérios [...] quando se empenham com esforço e muita ordem em seus negócios.” (CARR, 2002, p. 110)

¹¹ Os nazistas tentaram legitimar seu poder retratando seu regime como uma continuação ao Sacro Império Romano (O Primeiro Reich) e do Segundo Reich (1871-1918). Eles cunharam o termo *Das Dritte Reich* ("O Terceiro Império" - geralmente traduzido parcialmente como "O Terceiro Reich")

7. A BATALHA NAVAL DE SALAMINA

Se na Antiguidade teve uma batalha que foi um marco entre um poder hegemônico decadente e outro poder em ascensão esta batalha é a Batalha de Salamina.

Mas se foi uma batalha tão importante porque a Batalha de Maratona que teve dez vezes menos efetivos envolvidos é mais famosa? Talvez porque na História de Maratona teve o elemento do corredor Filípides que correu até a cidade de Esparta na busca de socorro ou talvez porque em Salamina era todo um povo em armas ao contrário de Maratona em que só lutavam os nobres e por isso foi relegada a memória dos plebeus da Batalha de Salamina em prol da aristocracia ateniense que lutou na Batalha de Maratona:

As melhores pessoas da Grécia, como se classificavam as classes superiores, adoravam Maratona, mas torciam o nariz para Salamina. Maratona fora conquistada por bons e sólidos soldados-agricultores de classe média, ao passo que Salamina foi uma batalha do povo, combatida por homens pobres sentados ao remo. (STRAUSS, 2007, p. 213)

Estas são algumas das boas razões para se lembrar a Batalha de Salamina; aquela que foi um verdadeiro choque de culturas. Mundos opostos se digladiando para mostrar qual era o melhor. De um lado o mundo grego, capitaneado pela democrática Atenas, em armas lutando por sua liberdade e do outro lado um império comandado por um monarca que se considerava um deus e que buscava mais posses e súditos.

O Império Persa estava sob o comando do Rei Xerxes (518 a.C. – 465 a.C.) que assumiu o trono após a morte de seu pai Dário. O mesmo que havia sofrido uma derrota para os atenienses na famosa Batalha de Maratona em 490 a.C. Depois disso os atenienses ficaram atrevidos e sublevaram cidades jônias controladas pelos persas e ainda haviam atacado a importante cidade de Sardes, capital ocidental do Império Persa: “Os Atenienses chegaram com vinte navios e cinco trirremes dos Erétrios, que os acompanharam, [...] levou a efeito uma expedição contra Sardes, que encontrou deserta. [...] Não encontramos resistência, apoderaram-se da cidade [...]” (HERODOTO, 2006, C)

Xerxes era um Rei há pouco tempo em seu posto e precisava provar a sua realeza, para isso a questão ateniense lhe caía como uma luva. Os persas estavam bastante irritados com a insolência daqueles pescadores que pensavam que podiam cutucar um poder tão onipotente como era o Império Persa.



Trirreme “Olímpia”. Réplica de uma trirreme clássica grega. Foi construída no ano de 1985.

Quando os atenienses insuflaram algumas cidades na Jônia na realidade o que estavam fazendo era devido às próprias origens daquelas populações que tinham forte parentesco com os gregos e que, entretanto, estavam sob o controle dos persas. Se for levar ainda em consideração que aquela região era um ponto extremo de um vasto império e que Atenas deveria ter um forte contato com ela pode-se inferir as causas do ocorrido.

Além disso não se pode pensar em ingenuidade por parte dos atenienses, pois eles sabiam muito bem o que estavam fazendo e dos riscos que corriam. Prova disso foi a construção no ano de 483 a.C. de uma formidável frota: “[...] transformara na maior potência naval da Grécia, a orgulhosa proprietária de duzentas trirremes ¹². Construía uma frota e concebera um plano para salvar a cidade da invasão persa que ele presentira que viria.” (STRAUSS, 2007, p. 40)

Os atenienses tinham conseguido juntar uma reserva oriunda de suas minas de prata e muito prudentemente investiram em suas defesas. Se eles já tinham informações de uma nova investida persa é muito provável que sim. Após o evento de Maratona era de se prever que os persas não iriam deixar aquela ofensa impune.

¹² Uma trirreme grega tinha cerca de 40 metros de comprimento por cerca de 5 metros de largura. Continha três fileiras de remadores sobrepostas totalizando 170 remadores. Na extremidade dianteira, proa, havia um esporão que era feito de madeira reforçada de bronze. A tripulação era composta de mais 30 homens, totalizando 200 homens. (STRAUSS, 2007, p. 11-15)

O nosso protagonista dessa História, Temístocles (524 a.C. - 459 a.C.), foi o principal responsável pela vitória em Salamina e também já havia lutado contra os persas como Hoplita na Batalha de Maratona:

O rei Dario da Pérsia mandara uma armada através do mar Egeu para invadir Atenas em 490 a.C. Mas na batalha de Maratona, em território ateniense, a 38 quilômetros de Atenas, a infantaria ateniense esmagou os soldados persas e salvou seu país. Temístocles era um dos soldados na linha de frente desta batalha.(IBID, p. 41)

Posteriormente nosso personagem teve a idéia e foi o responsável pelo convencimento da construção da frota de trirremes atenienses. Esta pessoa formidável, além da sua participação na época de Dário, ainda seria um personagem importante mesmo depois da morte de Xerxes. A longevidade é umas das três características pela qual identificamos os maiores generais da História; as outras duas são governar com autonomia e consolidar uma grande nação. Deixo ao leitor, após a leitura dessa pesquisa, que tire a sua própria conclusão se Temístocles pode ou não ter o seu nome colocado ao lado dos maiores generais da História.

Os gregos ao tomarem conhecimento dos preparativos do exército persa se reuniram em grande Assembléia para deliberar sobre a sua estratégia de defesa a qual devido às proporções do exército invasor eram bastante temerárias: “Alarmados ante esses preparativos, os gregos convocam um congresso pan-helênico que se reuniu em 481 no istmo de Corinto, a que compareceram quase todas as cidades-estado.” (TUCÍDIDES, 2001, p. XXVI)

Deliberaram que em primeiro lugar deveriam buscar a união de todas as cidades-Estado gregas que deveriam lutar juntas contra o invasor e que tal medida era urgente: “[...] havia mil e quinhentas cidades-Estado gregas. Entretanto, apenas um punhado, somente 31 cidades-Estado, se uniu à coalizão contra a Pérsia.” (IBID, p. 43)

Em segundo lugar que a estratégia principal deveria ser implementada no mar. Tal estratégia tinha em vista o fato de que o ponto forte do exército persa era em terra e que, principalmente, porque os atenienses haviam recentemente construído uma frota de 200 trirremes e, sendo assim, a guerra no mar iria lhes dar a supremacia sobre os invasores.

Quando decidiu pela campanha contra os gregos o Rei Xerxes já sabia que a operação precisava ser de grande envergadura, pois o seu pai Dário já havia subestimado os atenienses

na Batalha de Maratona em que enviou míseros 30 mil homens e foi punido por tal negligência.

Nesse sentido Xerxes convocou efetivos estimados, segundo Heródoto, em mais de um milhão de homens e de 1327 navios de guerra:

[...] estes números são muito maiores do que o que as condições da Antigüidade permitiam, e os modernos estudiosos os reduziram. A estimativa mais provável para o exército de Xerxes dá uma conta de 75 mil animais e cerca de 200 mil homens no total — 150 mil combatentes e 50 mil oficiais, escravos, eunucos, concubinas, familiares e outros dependentes. (STRAUSS, 2007, p. 50)

Toda a preparação dos efetivos persas já era algo por si só magnífico. Xerxes levou quatro anos desde o início da convocação dos povos mais longínquos até o início do deslocamento:

Xerxes realizou, então, o levantamento de tropas, buscando-as por todo o continente, e, submetido o Egito, levou quatro anos a armazenar provisões. Concluídos os preparativos, pôs-se em marcha, no quinto ano, à frente de poderosas forças. De todas as expedições de que temos conhecimento, foi essa, sem dúvida, a maior e a mais bem organizada, a ela não se podendo comparar nem a de Dario contra os Citas, nem a dos Citas, que, perseguindo os Cimérios, penetraram na Média e subjugaram quase toda a Ásia Superior, o que levou Dario, pouco mais tarde, a vingar-se deles. (HERÓDOTO, 2006, XX)

Tudo era grandioso sendo a travessia no Helesponto um dos pontos mais difíceis onde Xerxes realizou uma ponte de barcos para atravessar com todo o seu exército.

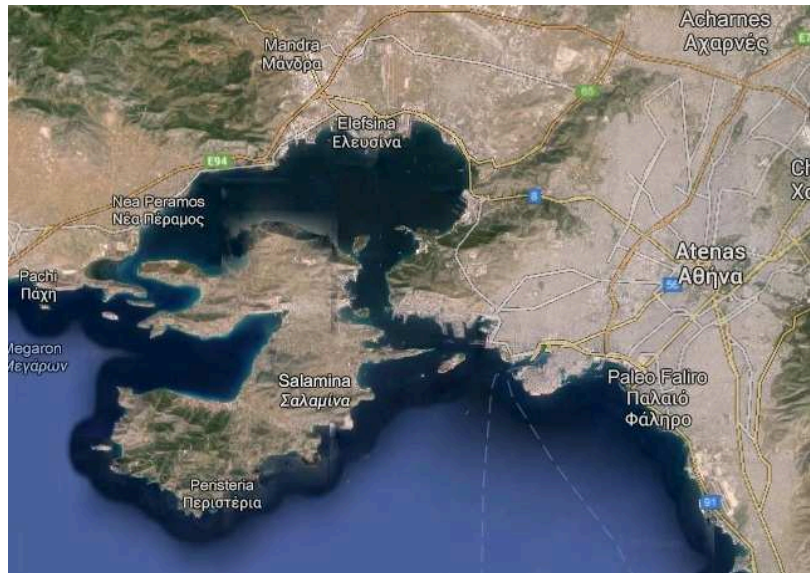
Os planos de Xerxes previam ações distintas para o exército e para a marinha. Enquanto a marinha persa enfrentaria a marinha grega no Mar Egeu o exército se deslocaria por terra atravessando o Desfiladeiro das Termópilas em direção a Atenas. Xerxes não via necessidade de ambas as forças atuarem em conjunto, pois desprezava a força dos gregos.

Este desprezo inicial lhe custou uma derrota naval e um atraso das suas tropas em terra. A derrota naval ocorreu mais em decorrência de tempestades do que de confronto em si contra as trirremes gregas. Na ocasião, segundo os números de Heródoto, Xerxes perdeu praticamente a metade de sua frota, onde haviam 1327 trirremes sobraram pouco mais de 700.

Em terra, mais precisamente no Desfiladeiro das Termópilas, Xerxes sofreu um atraso de três dias e a perda de 20 mil homens que foram barrados por destemidos oito mil gregos sob o comando do Rei Leônidas de Esparta. Os persas somente conseguiram passar após a traição de um morador grego chamado Efialtes: “[...] Esse traidor indicou ao soberano o atalho que conduz, pela montanha, às Termópilas, tornando-se, assim, o causador da perda dos gregos que guardavam essa passagem.” (IBID, CCXIII) O Rei Leônidas juntamente com seus 300 espartanos e outros 100 gregos morreram, os outros gregos conseguiram fugir. De qualquer modo, os espartanos tiveram um importante papel no atrasar o exército persa.

Após transpor as Termópilas, Xerxes foi direto para Atenas que saqueou e queimou. Anteriormente os atenienses já haviam evacuado a cidade e se estabelecido na Ilha de Salamina.

Apesar da perda de quase a metade de sua frota, os persas ainda possuíam uma frota formidável e o seu exército estava praticamente intocado. Após tomar Atenas, onde Xerxes permaneceu por três dias, os persas sabiam que ainda não haviam



vencido a guerra, pois os atenienses tinham fugido e estavam bem próximos, em

Salamina, juntamente com outros efetivos gregos; portanto a guerra estava em andamento.

Em Salamina os gregos tinham nomeado o general espartano Euribíades como comandante-em-chefe. O comando natural deveria ter sido dado ao General Temístocles, em primeiro lugar, porque de longe Atenas possuía o maior numero de navios e em segundo lugar porque a proeminência nos mares era totalmente de Atenas. Esparta era uma nação voltada para combates em terra. A nomeação do espartano ao invés de um ateniense ocorreu

Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/@37.982494,23.557293,3,40148m/data=!3m1!1e3>> Acesso em 03/08/2015.

justamente pelo receio que os gregos tinham, desde aquela época, da hegemonia de Atenas sobre todos os gregos.

Apesar de não possuir o comando efetivo das operações, Temístocles havia sido nomeado líder pelos atenienses justamente por estes saberem da astúcia desse general para superar adversidades. E não foi diferente. Em vários momentos da guerra Temístocles soube usar os seus dotes de retórica e de grande general para de fato poder ser considerado como o comandante de fato de toda a guerra.

Os relatos quanto aos números de combatentes e navios, persas e gregos, pouco diferem entre os principais historiadores da Antiguidade ocidental que relataram a Batalha de Salamina: Heródoto, Tucídides e Ésquilo. Porém os números de Heródoto são os mais medianos: “Heródoto diz que os gregos tinham 378 navios, dos quais 180 atenienses.” (STRAUSS, 2007, p. 128) Sendo que, segundo a mesma fonte, os combatentes gregos eram de cerca de 70 mil homens pertencentes a 23 cidades-Estado, de onde Atenas contava com o maior número.

Apesar de o efetivo grego ser numericamente inferior aos persas deve-se destacar, entre outros fatores, que a tropa grega, e principalmente a ateniense tinha um elevado moral:

[...] durante o tempo em que os Atenienses estiveram sob o poder dos tiranos não se distinguiram na guerra mais do que seus vizinhos; logo, porém que sacudiram o jugo, adquiriram sobre eles uma enorme superioridade. Isso prova que, no tempo da servidão, se portavam com covardia com propósito deliberado, porque trabalhavam para um senhor. Recuperando a liberdade, cada qual se dedicou intensamente a trabalhar com ardor para si mesmo. (HERÓDOTO, 2006, LXXVIII)

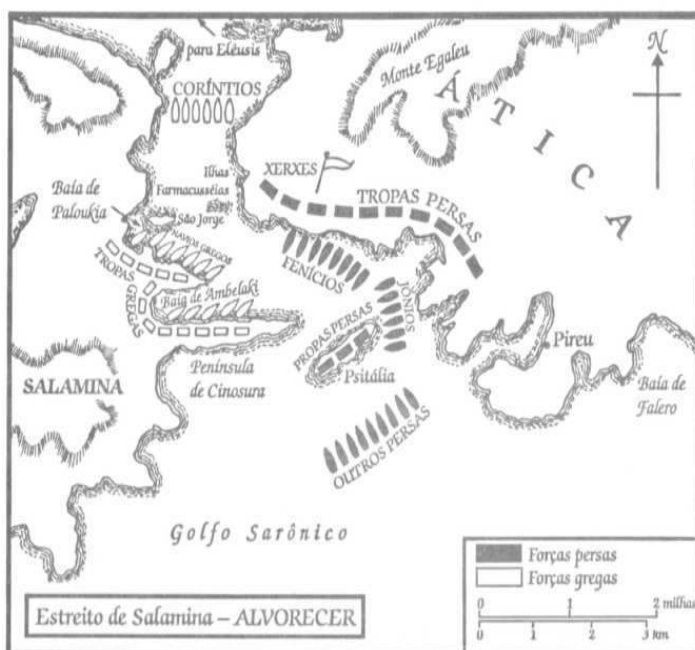
O momento mais melindroso da guerra foi por ocasião do incêndio de Atenas. Salamina estava a 1,5 Km de Atenas e seu incêndio causou um grande pavor a todos em Salamina, desde os civis a toda a tropa grega. Em determinado momento pareceu que a aliança de cidades-Estado gregas iria se dissolver. Se isso ocorresse a guerra estaria perdida. Foi neste momento crucial que apareceu a genialidade de Temístocles.

Numa jogada de mestre ao constatar a eminente dissolução da aliança grega o general ateniense enviou durante a noite um emissário ao Rei Xerxes se dizendo leal à causa persa e informando a intenção de fuga dos gregos e que se isso ocorresse "O Grande Rei Xerxes"

perderia a glória de derrotar em campo de batalha os covardes gregos. Esta parte da mensagem era verdade. A mentira estava em que Temístocles era um traidor de seu povo e que se Xerxes não avançasse rapidamente sobre os gregos perderia a guerra. Era justamente o contrario, mas Xerxes caiu na armadilha grega: “[...] Com uma perdoável informação falsa, o comandante grego persuadiu Xerxes [...] atraindo-o assim para águas confinadas [...]” (KEEGAN, 1995, p. 269)

Em operações de grande envergadura, como são as guerras, as informações são um elemento imprescindível para o sucesso. O aprimoramento desta inexorável ferramenta é a contra-informação a qual pode causar danos irreparáveis ao inimigo:

[...] a guerra deve ser vista como uma questão de arдил, que cria constantemente falsas aparências, difunde a desinformação e emprega a astúcia e o logro. Quando criadas com imaginação e implementada com eficiência, o inimigo não saberá onde atacar e tampouco que formações usar, e será, por conseguinte, levado a cometer erros fatais. (SUN TZU, 2002, p. 31)



Fonte: STRAUSS, 2007, p. 213.

A frota persa, já cansada, teve que navegar durante a noite para poder estar toda posicionada pela manhã de modo a encurralar os gregos em Salamina. Era tudo o que Temístocles queria. Os marinheiros persas remaram a madrugada toda mesmo cansados de terem navegado bastante anteriormente, pois não tinham tido tempo de descanso depois dos eventos que antecederam a Batalha de Salamina. Por outro lado os gregos descansaram durante toda a noite e

aquela situação em que estavam encerrados na Baía de Salamina não lhes dava alternativa senão lutar até a morte.

Sun Tzu ressalta que nunca se deve encurralar um inimigo porque nessa situação extrema ele vai lutar até a morte o que se deve fazer é deixar que tenha a ilusão de uma possível rota de fuga: “[...] quando as tropas inimigas estão sitiadas ou presas, deve ser deixada uma saída para evitar uma determinação repentina de lutar até a morte, o que pode ocorrer em solo fatal sem escapatória.” (IBID, p. 44) Também se Xerxes deixasse a aliança grega se dissolver sozinha ele teria ganho a guerra sem lutar; o que segundo Maquiavel é sempre preferível vencer um inimigo pela fome do que pelas armas. (MAQUIAVEL, 2006, p. 154)

Ao chegar à Baía de Salamina as tropas de Xerxes tiveram o seu moral completamente abalado quando ao invés de se depararem com a tropa grega desmotivada encontraram uma frota coesa e insuflada por gritos de guerra e trombetas ensurdecedoras que ecoavam por toda a baía: “[...] os alarmados persas ouviram ressoar as trombetas gregas, em inequívoco brado de guerra.” (STRAUSS, 2007, p. 203)

Apesar desse desestímulo inicial ambas as frotas se posicionaram para o combate. Inicialmente as duas formações não obtiveram êxito em romper a formação oposta e depois de algumas movimentações retornaram para seus postos próximos a costa. Neste momento uma trirreme grega sob o comando de Amínias, por iniciativa própria, sai da formação grega e ataca exitosamente uma trirreme persa:

[...] Como tantas vezes na história das batalhas, o sangue não começou a ser derramado por ordem de um general, mas por iniciativa de um subordinado cansado de esperar. Na extremidade oeste da formação grega, um capitão ateniense, um certo Amínias, do demo de Palena, lançou novamente seu navio à frente e abalrou uma trirreme fenícia. (IBID, p. 201)

A partir daí outras trirremes se juntam aos combates que acaba por envolver a maioria das embarcações. O conhecimento acurado do local; mar, ventos e costa; a qualidade das trirremes gregas, que eram mais adequadas para aquele tipo de confronto, as trirremes persas eram maiores porém mais leves e naquele local de pequena extensão e águas violentas eram de difícil manobrabilidade; o moral baixo das tropas persas, em primeiro lugar, pelo cansaço e pela decepção de encontrar oponentes bem dispostos e, em segundo lugar, porque seus oponentes lutavam por sua pátria e, por último, o plano em si de trazer a batalha para aquele local previamente definido pelos gregos fizeram a balança pender a seu lado.

O Rei Xerxes que havia ficado em terra assistindo de longe o desenrolar dos acontecimentos viu a sua esperança de domínio mundial se desvanecer ao avistar no final da tarde a dispersão de toda a sua frota. E para piorar as coisas a frota grega ainda perseguiu as trirremes persas cumprindo assim zelosamente uma das regras da guerra: “A vitória não consiste apenas na conquista do campo de batalha, mas sim na destruição das forças físicas e morais, destruição que só se realiza na maioria das vezes rematando a batalha ganha.” (Anatole Rapoport apud CLAUSEWITZ, 1996, p. XCVII)

Apesar da perseguição inicial ao inimigo vencido, no início da noite o conselho de guerra grego se reuniu e decidiu por deixar o Rei Xerxes fugir com seu exército para a Pérsia. Tal decisão se baseou no próprio tamanho do exército persa, que não havia sido subjugado completamente, e na questão estratégica de que se deixando o inimigo voltar pra casa era mais seguro que enfrentá-lo novamente.

Nesse momento novamente Temístocles enviou o seu emissário Sicínio ao Rei Xerxes informando-lhe que os atenienses pretendiam destruir pontes e bloquear-lhe a passagem e que por isso ele deveria apressar a sua retirada:

Temístocles, filho de Néocles, general dos Atenienses, o mais bravo e o mais hábil de todos os aliados, enviou-me aqui para dizer-vos que, zeloso dos vossos interesses, logrou reter os gregos que queriam perseguir a vossa frota e destruir as pontes que lançastes sobre o Helesponto. Podeis, pois, agora, retirar-vos tranqüilamente. (HERÓDOTO, CX)

As mentiras são múltiplas e atingem o seu objetivo, pois o exército persa acredita nas falsas informações de Temístocles e retorna imediatamente aos domínios persas. Depois da vitória em Salamina, Temístocles, com o comando da frota ateniense, começou uma peregrinação às cidades-Estado gregas que haviam ou permanecido neutras ou se aliado aos persas e cobrou sistematicamente tributos em favor de Atenas. Tal prática foi muito recriminada por seus conterrâneos que, num futuro próximo, acabariam por exilá-lo sendo essa uma das acusações, porém a prática pela qual recriminaram Temístocles de cobrança de tributos iria ser solenemente adotada pelos atenienses anos depois ao assumirem a liderança da Liga de Delos onde se iniciou o Império Ateniense.



“Batalha de Salamina.” Wilhelm Von Kaulbach, 1868. Museu Maximilianeum Senatssa - Munich. Fonte:<
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kaulbach,_Wilhelm_von_-_Die_Seeschlacht_bei_Salamis_-_1868.JPG>. Acesso em 05/09/2015.

Temístocles foi condenado ao exílio por intrigas dos cidadãos da democrática Atenas e teve que refugiar-se na inimiga de Atenas: Esparta, de onde recebeu inúmeras honrarias ao contrário de sua cidade que o desprezou. Posteriormente Temístocles fugiu para a Pérsia onde se apresentou como um possível aliado ao novo soberano Rei

Astaxerxes, que ascendeu ao trono após Xerxes ter sido assassinado.

Ele teve êxito em sua missão diplomática recebendo três cidades jônias para governar. Trouxe a sua família e viveu os seus últimos dias sob a aquiescência do Império Persa, o qual perduraria por mais cento e cinquenta anos, ao contrário do Império Ateniense que teve metade desse tempo de existência.

A democracia ateniense ao não dar o devido reconhecimento a Temístocles; talvez por receios contra um homem tão eminente ou talvez por pura inveja de seus conterrâneos; acabou por perder o seu maior tesouro para o maior inimigo.

Quando num passado remoto se matava o cordeiro o motivo alegado era para que ele “espiasse” os erros de nossos ancestrais, depois foram os deuses que foram culpados por nossos erros: “Tudo aquilo que era insensato ou vergonhoso aos mortais eles o atribuíam à influência dos deuses.” (THUCHMAN, 1985, P. 49) Hoje em dia quando erramos dizemos que errar é humano como se isso pudesse nos isentar de uma punição.

Assim como quando se acerta, ou se é bem sucedido com muito esforço, é sensato que haja o devido reconhecimento, quando se erra é judicioso que haja a devida punição para que, num processo pedagógico, não se cometa o mesmo erro novamente. Premiar os maus e punir os bons; eis a fórmula do fracasso.

Este e outros erros iriam persistir em épocas posteriores no chamado Império Ateniense...
mas essa é outra História.

8. A GUERRA DO PELOPONESO E AS PERIPÉCIAS DE ALCIBÍADES

Com o fim das Guerras Médicas em que saíram vencedores os gregos sob o comando do brilhante Temístocles com a sua famosa tática que humilhou o imenso exército persa na Batalha de Salamina em 480 a.C., teve início a ascensão de Atenas que soube capitanear para si aquela vitória criando sob sua liderança a Liga de Delos.¹³ Atenas havia comandado exitosamente os gregos e era, assim, natural que angariasse para si a liderança do Egeu.

No início Atenas detinha a liderança da Liga de Delos de uma forma intrínseca, sem muitos formalismos ou muito explicitamente. Com o decorrer do tempo essa liderança passou a significar o controle absoluto sobre os seus aliados: “[...] a Liga de Delos se foi convertendo num império ateniense, de que os aliados eram compelidos a participar e para a qual eram forçados a pagar a contribuição.” (TUCÍDIDES, 2010, XXVIII) Atenas explorava os seus aliados cobrando impostos, requisitando contingentes para o exército aliado e tomando terras e bens quando era diretamente contrariada.

As nações gregas submissas a Atenas começaram a se rebelar após perceberem que Atenas as explorava descaradamente em benefício próprio. Foi nesse próspero período para Atenas que, sob o comando de Péricles (495 a.C. – 429 a.C.), ela transformou-se em uma cidade requintada, repleta de obras magníficas; tudo com o suor, o sangue e as lágrimas de seus aliados.

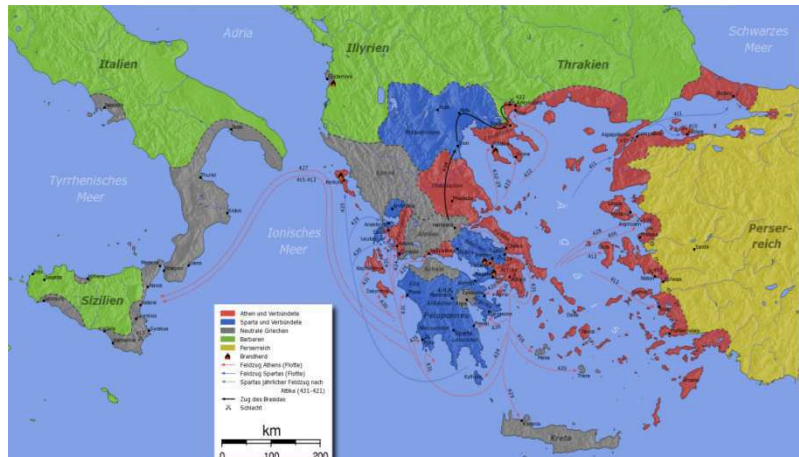
Ao mesmo tempo, Esparta também capitaneava outra aliança: a Liga do Peloponeso. Inicialmente mais fraca que a aliança rival esta, porém tomou outra dimensão ao aderirem as importantes cidades de Corinto e Egina. A existência de duas alianças de cidades-Estado que se opunham entre si era providencial para que as cidades-Estado após perceberem que estavam sendo exploradas, se opusessem abertamente e aderissem à aliança rival: “[...] Estados dissidentes podiam buscar apoio no inimigo de sua potência colonial.” (KAGAN, 2006, p. 43)

Outro importante aliado de Esparta eram os persas. Esse apoio foi devido à humilhação que os gregos, sob a liderança dos atenienses, impingiram aos persas nas Guerras Médicas. O

¹³ Aliança de cidades-Estado gregas criada preventivamente para se proteger de uma nova invasão persa.

Império Persa era muito rico e ocorreu um verdadeiro transbordamento de recursos para a Liga do Peloponeso o que foi um dos fatores decisivos para o resultado da guerra.

As duas cidades, Atenas e Esparta, desde as suas fundações eram cidades que tinham diferentes modos de vida. Enquanto Atenas era uma cidade mais intelectualizada, democrática e mais aberta cultural e comercialmente; Esparta era uma cidade mais militarizada, menos intelectualizada e menos aberta a outros povos e culturas. Essas diferenças entre as duas cidades as tornavam rivais há muito tempo.



Fonte:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_do_Peloponeso>Acesso em

Esparta não via com bons olhos o enriquecimento de Atenas e desejava derrotar aquela cidade que para os espartanos era uma demonstração de tudo que há de ruim. Ao desejar enfrentar Atenas, Esparta desejava enfrentar o modo de vida dos atenienses e assim demonstrar que o seu modo de vida era superior.

O ponto de partida do confronto foi uma disputa entre Atenas e Corinto; poderosa cidade grega que rivalizava em poder com Atenas e Esparta. Atenas tinha vencido uma batalha contra os coríntios, porém como muitas vezes ocorre, a vitória tática na batalha demonstrou ser uma grande derrota estratégica, pois: “[...] não impediu que os coríntios fossem à guerra e nem destruiu a sua capacidade de combate. Frustrados e com mais raiva ainda, eles agora estavam dispostos a levar os espartanos e seus aliados à guerra para atingir seus objetivos e se vingar.” (IBID, p. 65)

No início da guerra, Atenas estava sob a liderança de Péricles que achava que Atenas poderia vencer Esparta assumindo uma tática defensiva por terra e uma tática ofensiva pelo mar. As táticas assumidas pelos atenienses foram, até certo ponto, exitosas no mar, porém em terra além de terem as cercanias de Atenas arrasada pelos espartanos demonstraram aos seus aliados esta fraqueza e, ao mesmo tempo, precisaram recolher de seus aliados mais tributos e mantimentos.

Todos esses fatores favoráveis aos espartanos não teriam decidido a guerra para o lado desses se a democracia ateniense não se comportasse tão estupidamente no gerenciamento de uma situação de alta complexidade como o é em situação de guerra.

Tinha sido nomeado pela Assembléia ateniense o General Alcibíades (450 a.C. – 404 a.C.) para liderá-los naquele momento tão delicado. Ele foi eleito pelas muitas qualidades de grande líder e também por sua origem na classe nobre da cidade. Ele foi criado como filho pelo grande líder Péricles recebendo muitos ensinamentos dele. Também foi amigo de



ninguém menos que Sócrates (469 a.C. – 399 a.C.), além de amigos lutaram juntos em algumas batalhas: “Poucas batalhas na Antiguidade ficaram mais famosas do que a de Délion, especialmente porque Sócrates lutou como hoplita e Alcibíades com a cavalaria.” (IBID, p. 206)

“Sócrates defendendo Alcibíades.” Antonio Canova, 1797.

Accademia Nazionale di San Luca, Rome.

Fonte: <http://www.accademiasanluca.eu/it/collezioni_online/scultura/archive/cat_id/1262/id/555/socrate-salva-alcibiade-nella-battaglia-di-potidea> Acesso em 05/08/2015.

Alcibíades era um personagem bastante controverso e tinha fama de grande mulherengo, mas também era um mestre da diplomacia; suas maiores vitórias foram obtidas com o blefe e a

enganação de seus inimigos. Tendo sido nomeado estrategista pelos atenienses que eram conhecedores de suas virtudes e vícios pode-se inferir que os atenienses o elegeram por verem nele, apesar de seus defeitos, a pessoa mais indicada para o cargo.

Um dos momentos mais cruciais da guerra foi quando os atenienses enviaram uma grande expedição à Sicília composta de 150 trirremes sob o comando do general Alcibíades:

De cada vez que uma comunidade da Sicília era maltratada pelos Siracusanos, enviavam-lhe aquilo que designavam como “auxílio” e “apoio militar”. [...] quem, de modo decisivo, lhes fez deflagrar o desejo e os

persuadiu a conquistar a ilha, não por partes, progressivamente, mas toda, de uma só vez, fazendo-se ao mar com uma grande armada, foi Alcibíades. (PLUTARCO, 2010, p. 54)

No meio do caminho, porém o chamaram de volta para que ele respondesse a acusações de profanação religiosa, a qual ele havia supostamente cometido na cidade antes de sua partida. Tal acusação não passava de intrigas da oposição e aquele não era o momento ideal para este tipo de atitude:

[...] fez ao mar a trirreme “Salamina” para o trazer de volta, não sem que antes tivesse recomendado aos emissários que não recorressem à violência nem lhe pusessem as mãos em cima, mas que o abordassem com palavras muito comedidas, instigando-o a acompanhá-los para poder ser julgado e convencer o povo da sua inocência. (IBID, p. 62)

Alcibíades conhecendo bem os seus conterrâneos sabia que se deixasse ser preso seria executado e então decidiu fugir. Ao tomarem tal decisão os atenienses estavam cometendo um grave erro: “[...] os homens devem ser mimados ou destruídos, porque eles se vingam de ofensas leves, [...] quando se ofender os homens, isso deve ser feito de maneira que não se tenha medo da vingança.” (MAQUIAVEL, 2003, p, 07)

E a reação de Alcibíades demonstrou ser fatal para os atenienses, pois ele reagiu violentamente: “Vou mostrar a eles que estou vivo.” (Plutarco. apud KAAGAN, 2006, p. 317) Alcibíades fugiu para o lado dos espartanos e lhes prestou valiosas informações sobre a expedição ateniense: efetivos, estratégia, logística e objetivos. Na realidade ele era o mentor daquela expedição e, portanto, ninguém sabia mais da campanha ateniense à Sicília do que ele.

Quanto ao procedimento de Alcibíades não se pode recriminá-lo por dois motivos: em primeiro lugar, ele estava lutando pela própria vida e, em segundo lugar, não se pode exigir lealdade de seus soldados e ao mesmo tempo desprezá-los: "Não faz o menor sentido desprezar os oficiais e, ao mesmo tempo, pedir-lhes que sirvam com honra." (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 59)

A imprudência de Atenas em tentar prender e provavelmente executar o seu maior general, e naquele caso o próprio mentor da operação, por acusações tão levianas e

inconsistentes é uma prova cabal do quanto um regime democrático é incompatível com uma situação de guerra: “[...] os atenienses experimentavam as inconveniências inerentes à gestão verdadeiramente democrática do estado em tempos de guerra.” (KAGAN, 2006, p. 121)

Poucos anos depois a República Romana iria ser quem mais se beneficiaria de todas essas lições. Roma soube contornar tais situações elegendo por um período de seis meses um Ditador e lhe delegando plenos poderes para administrar situações de guerra como bem lhe conviesse.

A referida expedição ateniense à Sicília; que foi uma magnífica expedição em proporções e de grande pompa na partida de Atenas, foi um terrível desastre para os atenienses. Inicialmente relutando em acreditar nas informações e incentivos de Alcibíades para que se engajasse na expedição, Esparta acabou por ir em socorro à Sicília e foi o fiel da balança naquela fragorosa derrota dos atenienses. Esparta estivera passiva até a intervenção de Alcibíades que conseguiu:

[...] dar conta da lentidão e do modo como os Espartanos adiavam o envio de socorros aos Siracusanos, foi abrir-lhes os olhos e incitá-los a enviar Gilipo como comandante e que desmantelassem, assim, o poderio que os Atenienses lá possuíam; a segunda foi incitá-los a retomar, na Grécia, a guerra contra os Atenienses; a terceira e mais importante consistiu em fortificar Decelia, empresa que contribuiu, mais do que qualquer outra, para deitar a perder e destruir a cidade. (PLUTARCO, 2010, p. 64-65)

O nosso mestre em sobrepujar situações extremas se saiu brilhantemente daquela situação em que seus conterrâneos lhe retiraram o comando da expedição à Sicília e tentaram lhe capturar para executá-lo.

Na seqüência dos acontecimentos, Alcibíades foi flagrado na cama da rainha de Esparta: “[...] seduziu Timeia, esposa do rei Ágis, enquanto este se encontrava ausente, numa expedição militar em terra estrangeira. E fê-lo a ponto de esta, ainda que ficasse à espera de um filho [...]” (IBID, p. 66) Foi novamente obrigado a fugir o fazendo para o único lado que lhe restou: os persas. Ele tinha um forte instinto de sobrevivência e sabia usar todas as armas: “A ousadia, a imaginação e a capacidade de blefe de Alcibíades são admiráveis.” (KAGAN, 2006, p. 327)

Os persas estavam apoiando a Liga do Peloponeso e Alcibíades lhes assessorou até

presentir que os emissários do Rei Agis de Esparta, que estavam em seu encalço, e que também são aliados dos persas, estavam bem próximos de conseguir a sua cabeça. Alcibíades novamente numa demonstração de muita coragem e ousadia se camba novamente para o lado dos atenienses onde é recebido, quando Atenas está em plena decadência, como um herói e possível salvador da pátria: “As pessoas comentavam que não se teria dado o fracasso na Sicília nem qualquer outro plano teria falhado se tivesse mantido Alcibíades à frente dos assuntos militares [...]” (Opt. Cit., 2010, p. 84)

Nessas alturas dos acontecimentos, porém a situação de Atenas já era irreversível. Depois de tantos equívocos os atenienses estavam abalados em sua moral e totalmente desprovidos de material humano e logístico, além de tudo os novos generais eleitos pelos atenienses tinham muitas ressalvas quanto a Alcibíades: temiam o seu nome e as suas intenções.

Mesmo com todos esses empecilhos Alcibíades consegue novamente o cargo de estrategista e vence várias batalhas, porém seus opositores conseguem difamá-lo perante a assembleia que pela segunda vez o destitui e tenta capturá-lo, porém o astuto ateniense percebe antecipadamente a armadilha e se retira definitivamente de cena onde irá passar os seus últimos dias em seu castelo, que havia construído com os recursos prudentemente reservados para o final de seus dias.

Há outras versões quanto os seus últimos dias: “Alguns autores, [...] afirmam que [...] depois de seduzir uma jovem pertencente a uma família conhecida, a mantinha consigo. Então, os irmãos desta, exasperados com tal agravo, atearam fogo, durante a noite, a casa em que Alcibíades vivia e abateram-no [...]” (Opt. Cit., 2010, p. 96)

A imprudência da democrática Atenas atinge o seu apogeu no episódio que ocorre após os atenienses terem vencido uma grande batalha naval e mandarem executar todos os seus Almirantes que comandaram aquela batalha vitoriosa. Novamente as acusações são de cunho religioso.

Após vencer a batalha, os Almirantes haviam deixado de recolher totalmente os sobreviventes e os mortos que estavam boiando nas águas. A alegação dos Almirantes era justa, pois ocorria uma forte tempestade naquele dia o que tornava tal operação impossível até mesmo colocando a frota e a vida de suas tripulações em risco: “Os capitães fizeram o

possível para cumprir a missão de resgate, mas as condições do mar ficaram tão ruins que não houve mais argumentos para convencer os tripulantes a prosseguir.” (KAGAN, 2006, p. 518)

O julgamento dos generais ocorreu diante de uma assembléia insuflada pelos parentes dos mortos e todos foram condenados a morte: “[...] não dando aos generais sequer a oportunidade de tentar mudar o clima em meio ao qual aconteceu à segunda reunião [...] a assembléia dessa vez aprovou a proposta do conselho: condenou os oito generais a morte, inclusive os dois que nunca retornaram.” (IBID, p. 522-523)

Na ocasião Sócrates era um dos juízes e tentou impedir o prosseguimento do julgamento, pois via injustiça e ilegalidades nele: “Eu era o único entre os pritanes que se opunha a ilegalidade [...] os oradores ameaçaram me indiciar e me prender [...] decidi que precisava correr o risco [...] de ser preso ou condenado à morte.” (Platão. Apud IBIDEM) Posteriormente Sócrates seria realmente condenado à morte por seus conterrâneos sob a alegação de corromper a juventude e os “bons costumes”.

Após este episódio, em que Atenas ousou imprudentemente executar todos os seus generais, Atenas ficou completamente incapaz de sobrepular qualquer situação que se apresentasse: “Por séculos, os atenienses foram criticados pela execução dos generais. [...] Poucos Estados em guerra podem se dar ao luxo de desperdiçar oito generais experientes e vitoriosos de uma única vez.” (IBID, p. 524)

Esses procedimentos completamente insensatos foram fatais para os atenienses que, finalmente, tiveram a sua cidade arrasada e conquistada pelos espartanos. Estes, porém não tiveram êxito em administrar tanta pujança. Esparta era uma cidade militarizada que preparava guerreiros e não administradores que, por isso, nomeou para governar Atenas os Trinta Tiranos o que acabou causando muito descontentamento na população. Os novos administradores ficaram seduzidos com os requintes daquela bela cidade que acabou por corrompê-los. Trinta anos depois os espartanos foram derrotados pelos tebanos que assumiram o controle de toda a região inclusive de Atenas.

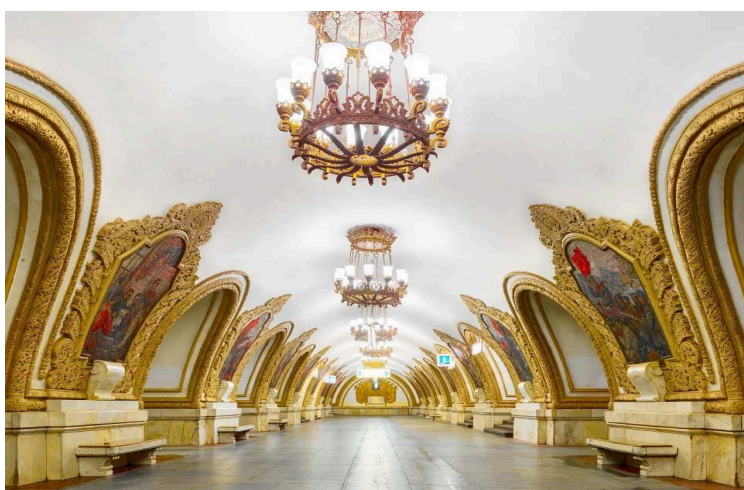
As lições da Guerra do Peloponeso são muitas. Pode-se destacar como a maior delas a inconveniência da democracia para o estado de guerra, tanto no sentido da tomada de decisões estratégicas que: “[...] eram discutidas na frente de milhares de pessoas, que aprovavam ou reprovavam, por maioria, os detalhes de cada ação.” (KAGAN, 2006, p. 39) Quanto aos

próprios esforços para os empreendimentos bélicos: “A democracia é inimiga da mobilidade imperial, adverte o ex-consultor em segurança nacional dos Estados Unidos, Zbigniew Brzezinski, por causa da abnegação econômica e do sacrifício humano a que essa mobilização obriga.” (KAPLAN, 2002, p. 184)

Quando questionado em sua obra *"Da República"* se Atenas era ou não uma cidade do povo durante o governo dos Trinta Tiranos, Cícero escreveu que não: "[...] porque, ali, nada era do povo" (CÍCERO, 1990, p. 72), ou seja, ele disse que sob a tirania o povo não tinha acesso a nada, incluindo as magníficas obras de arte existentes em Atenas que foram construídas décadas antes, no auge do Império Ateniense sob a liderança de Péricles (495 a.C. – 429 a.C.), pois sob a tirania predominava os privilégios para os ricos.

Quando os comunistas assumiram o poder e implantaram um novo regime na União das Repúblicas Soviéticas – URSS, em 1917, desde o princípio tiveram como prioridade arrancar todos os privilégios da aristocracia que até mesmo deixou de existir como classe social. Com o tempo implantou-se inúmeros projetos que davam acesso ao povo a muita coisa que antes lhes era categoricamente negado o usufruto.

Foi na administração de Joseph Stalin que se construiu, em sua maioria, as 171 magníficas estações de metrô de Moscou. A razão da construção dessas grandes obras talvez fosse que ele estava tentando resgatar uma pequena parcela de algo valioso, que, porém, os seus conterrâneos nunca tiveram acesso aonde nem mesmo durante o início do governo



Metrô de Moscou - Estação de Kievskaya. Fonte:<
<http://br.sputniknews.com/fotos/20151110/2710085/russia-moscou-metro-beleza-luxo.html>>Acesso em 21/11/2015.

socialista as pessoas iam aos museus e que foi quando ele concluiu que talvez isso ocorresse ou por não serem habituados a isso ou simplesmente porque não tinham tempo de ir aos museus.

O seu engenheiro-chefe Lazar Kaganovitch (1893-1991) ao ser inquirido do porquê da grandeza das 171 estações de metrô da cidade de Moscou que ele estava

construindo, os quais são magníficos museus, ele respondeu: “Nós construímos um metrô onde as pessoas, quando entram numa estação, se sentem como num palácio [...] não há uma estação que não seja um palácio, e não há um palácio que não tenha a sua forma singular.”¹⁴

Propala-se aos quatro cantos que uma democracia moderna é aquela onde as prerrogativas mais importantes são a liberdade de expressão, de locomoção e outras requintadas liberdades que nunca são cumpridas de fato para as camadas sociais subalternas. O único modelo de República aceitável não deve ser um modelo onde são anunciados conceitos abstratos e que, com isso, podem e são peremptoriamente negados. Democracia é o sistema de governo onde o povo tem verdadeiramente acesso; além de satisfeitas as necessidades básicas de ser humano; de lazer, de cultura e de conhecimento.

¹⁴Fonte:<http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=43:a-construcao-do-metro-de-moscou>Acesso em 05/08/2015.

9. GENERAL CAMILO: O SALVADOR DA “CIDADE ETERNA”

Oh Roma; tu que és tão desejada, tão amada e, as vezes, tão odiada. Roma de seus belos templos, de suas belas praças e de seus filhos ilustres. Várias foram às ocasiões em que estrangeiros te possuíram e usando da força te profanaram, mas resistisses bravamente e é por isso que te chamamos de "Cidade eterna".

Fundada em 753 a.C. por Rômulo e Remo¹⁵ a cidade foi várias vezes profanada por estrangeiros que a invadiram, a pilharam e a queimaram. Dessas tristes ocasiões teve somente uma única delas em que os invasores foram devidamente punidos por tamanho ultraje. E quem foi o ilustre romano que os puniu? Camilo (446 a.C. – 365 a.C.) era o seu nome. Tão elevado é seu nome que ele foi denominado como o “Segundo Fundador de Roma”.

O nobre romano se alçou em sua exitosa carreira por ocasião do assédio a cidade de Véios. Situada há poucos quilômetros de Roma, a cidade de Véios era o um importante baluarte Etrusco na Península Itálica: “[...] Roma começou a ampliar a sua área de controle, inicialmente num conflito com os etruscos, que estavam também sob pressão dos gauleses do Norte da Itália, e por fim com os samnitas do Sul.” (KEEGAN, 1995, p. 279)



Esta disputa de poder ocorria com vários outros povos que habitavam a península.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Etruscan_civilization_map.png> Acesso em 14/08/2015.

Quanto ao assédio à cidade rival este já durava sete anos quando seus capitães foram destituídos: “[...] por não cumprirem o dever de conduzi-lo com o devido calor, foram eles, finalmente depostos dos seus cargos elegendo-se outros em seu lugar para terminá-lo, entre os quais Camilo que, instituído tribuno militar [...]” (PLUTARCO, 1991, IV)

¹⁵ Além de Enéias, fugitivo de Tróia, Rômulo e Remo são os personagens principais do mito da fundação de Roma.

Os sitiados resistiam bravamente e finalmente vendo que a operação se alongava demais: “[...] o Senado, no décimo ano da guerra contra os Veientes, demitiu todos os outros magistrados e instituiu Camilo Ditador [...]” (IBID, IX) Após longos dez anos de assédio, e no primeiro ano do comando de Camilo, os romanos finalmente conseguiram tomar e se apossar daquela rica cidade no ano de 396 a.C.

Após a tomada da cidade, porém o povo entrou em discórdia por exigência de Camilo para que se pagasse a Roma dez por cento dos despojos obtidos da pilhagem de Véios e que também não se viesse a ocupar a cidade como o queriam os romanos após perceberem como era rica aquela cidade. Camilo não queria deixar que parte significativa da população de Roma fosse morar em Véios, pois, entre outras coisas, temia que os prazeres daquela rica cidade os corrompessem.

Se, por um lado, os líderes romanos desejavam obter recursos para o Estado arrecadando parte das pilhagens, os patrícios e plebeus que participaram na tomada de Véios, e mesmo de outras cidades conquistadas, por outro lado, não recebiam salários e quando convocados para combater por Roma tinham nas pilhagens do inimigo vencido uma importante fonte de recursos mesmo porque nestes momentos não podiam trabalhar em suas terras para prover as suas famílias.

A ocupação das cidades vencidas também seguia a mesma lógica, pois parte das tropas de Roma ou não possuíam propriedades em Roma, a qual estava em plena expansão, ou almejavam novas terras para si e para seus descendentes: “[...] era quase impossível para um romano dissociar a expectativa de ganho da expectativa de guerra e conquista bem sucedida [...]. O ganho econômico era para os romanos [...] parte integrante da guerra vitoriosa e expansão de poder.” (Opt. cit., 1995, p. 280)

O Povo protestou veementemente contra o imposto sugerido por Camilo e a sua objeção quanto à mudança de parte dos moradores de Roma para a cidade de Véios: “[...] o povo estava tão fortemente irritado contra ele que era evidente e do conhecimento de todos que, se alguma vez o pudesse apanhar entre as mãos por qualquer motivo, certamente o condenaria [...]” (PLUTARCO, 1991, XXI)

As autoridades romanas, porém não conseguiram impedir os protestos contra o General Camilo e antes que esta discórdia se transformasse em distúrbios, Camilo deixou a cidade de

Roma: “Não podendo Camilo suportar tamanha indignidade, resolveu, colérico, sair da cidade e exilar-se. Após despedir-se de sua mulher e de seu filho saiu de casa [...]” (IBIDEM)

Com a partida de Camilo boa parte da população de Roma foi morar em Véios e, como Camilo havia previsto, seus prazeres os corromperam os tornando apáticos até mesmo com seus afazeres mais básicos. Foi nesse momento que apareceram os gauleses sob o comando de Breno. Era uma verdadeira multidão de inimigos vindo de todos os lados e destruindo tudo em seu caminho.

Durante o avanço dos gauleses houve uma tentativa por parte dos romanos de barrar-lhes o caminho na altura dos rios Àlia com o Tibre, porém o resultado não foi favorável para os romanos. As tropas romanas não eram inferiores numericamente, porém:

[...] na ausência de um chefe supremo, os tribunos militares concordam em convocar todos os adultos válidos [...] cuja maioria desconhecia o uso de armas. Sem plano de batalha [...]. Por isso não é de se surpreender que no primeiro choque os romanos sejam vergonhosamente postos em debandada. (FACCIOLI, 2005, p. 20)

Um exército numeroso é importante, porém mais importante que isso é o moral da tropa e o que é ainda mais importante que ambos é a estratégia utilizada. Esta estratégia geralmente é planejada ou implementada pelo general, ou ambas, portanto um general eficiente é imperativo para se alcançar a vitória. Esta necessidade pode ser constatada até mesmo no fato de que muitas batalhas somente foram ganhas com a presença física do comandante: “[...] o Príncipe Ferdinando (1721-1792) ele, sozinho, valia quarenta mil homens para o exército aliado [...]” (Frederico, O Grande. Apud LUYAAS, 2001, p. 313) A ausência de Camilo se fez sentir duramente.

O pavor foi grande e o simples avanço dos gauleses pelo território italiano causou pânico total nas populações que abandonavam tudo e se escondiam apavoradas. E com Roma não foi diferente. Desprovida de seu maior general e da metade da sua população, que havia se mudado para Véios, os gauleses chegaram às portas de Roma:

[...] chegou Breno com seu exército, e encontrando as portas da cidade inteiramente abertas com as muralhas sem guarda, teve medo, a princípio, de que fosse um ardil ou uma emboscada, não podendo acreditar, estivessem os

romanos tão abatidos a ponto de abandonarem sua cidade. Depois, porém que se informou exatamente da verdade entrou pela porta Colina e tomou Roma [...]. (PLUTARCO, 1991, XXXIX)

Sem perda de tempo, no ano de 390 a.C., eles invadiram Roma e impiedosamente cometeram todo tipo de atrocidade: saquearam, estupraram, assassinaram, incendiaram e demoliram: “[...] inteiramente a cidade, passando a fio de espada todas as pessoas que lhes caíram nas mãos, tanto mulheres como homens, crianças e velhos.” (IBID, XL) Uma pequena



“Breno e seus despojos”. Paul Joseph Jasmin, 1893.

Museu de Belas Artes de La Rochelle.

Fonte: <<https://www.pinterest.com/pin/3144779864>

50786151/> Acesso em 14/08/2015.

parcela da população conseguiu se salvar fugindo para a cidadela de onde conseguiram repelir os ataques.

A ocupação da cidade durou sete longos meses e os gauleses, após esgotarem todos os seus recursos, precisaram buscá-lo na vizinhança sempre indo aos bandos e embriagando-se constantemente. Não acostumados a vida em lugares fechados, a multidão de gauleses começou a adoecer de tanto embriagar-se e de tanto ócio. Era a peste que havia chegado a Roma.

Enquanto isso o general Camilo, que vivia até aquele momento na obscuridade na cidade de Ardéia, assume o seu papel de grande líder e começa organizar o povo para liderá-lo contra o invasor. Primeiramente ele conseguiu repelir os gauleses das cercanias de sua nova cidade onde ele, após essa primeira vitória, é consagrado como o líder da resistência:

A fama deste desastre (para os gauleses) correu incontinenti por todas as cidades próximas, fazendo com que muitos jovens viessem juntar-se à tropa de Camilo, principalmente romanos que tinham fugido para a cidade de Veios após a derrota de Alia e ali se lamentavam entre si, dizendo: «Ó deuses! que capitão o destino arrebatou a Roma para honrar, com proezas e belos feitos [...]». (IBID, XLIII)

As multidões das cidades vizinhas vieram voluntariamente se incorporar a seus efetivos e em pouco tempo Camilo tem sob seu comando milhares de soldados dispostos a se sacrificarem para defenderem a sua pátria e seus lares. Eles suplicaram que Camilo os liderasse para retomar Roma dos inimigos, porém Camilo estava muito chateado com os líderes de Roma por ter sido banido de Roma onde teve que deixar a família e ainda teve os seus bens confiscados e, por isso, para liderar a retomada da cidade ele impôs a condição de que somente aceitaria a missão se lhe fosse concedido o título de Ditador:

[...] enviaram a Camilo uma súplica para que aceitasse o cargo de capitão, mas este lhes fez responder que não o aceitaria antes de aqueles, cercados no Capitólio, o confirmarem legitimamente por seus votos e sufrágios, uma vez que esses enquanto se mantivessem representavam o corpo da cidade; sendo, contudo, determinado por eles a aceitar, obedeceria, porém de boa vontade. De outra forma, entretanto, contra sua aquiescência, e sem sua ordem, ele Camilo não se intrometeria. (IBIDEM)

O título de Ditador lhe daria plenos poderes; inclusive sobre os fracos líderes que estavam sitiados no capitólio. Tal título era conferido ao homem mais proeminente da cidade por um período de seis meses em momentos de muita gravidade. É Camilo o primeiro a obter oficialmente a prorrogação do título de Ditador: “O Senado, vendo isso e temendo que se levantasse alguma sedição, não quis permitir que Camilo depusesse seu cargo de Ditador antes do fim do ano, embora ninguém nele tivesse jamais ultrapassado seis meses.” (IBID, LIV)

Então foi enviado a Roma um emissário com as condições de Camilo. A missão do emissário era uma missão suicida, pois este teria que atravessar por duas vezes, na ida e na volta, toda Roma que esta infestada de inimigos. O nome do corajoso emissário era Pôncio Comínio o qual aceitou e cumpriu a sua missão brilhantemente. Para cumpri-la, entre os muitos perigos existentes, ele escalou a cidadela, a qual estava cercada de inimigos.

No retorno, o seu emissário lhe trouxe a notícia de que seu acordo estava devidamente selado. Camilo primeiramente derrotou os gauleses que estavam por toda a cercania de Roma. Finalmente ele se dirigiu a cidade com seu exército e chegou no exato momento em que os líderes romanos que haviam se refugiado na cidadela estavam na praça da cidade entregando um grande resgate em ouro aos gauleses para que estes abandonassem a cidade:

Em troca de mil libras de ouro, os gauleses aceitam deixar a cidade. Uma última humilhação é reservada aos romanos por ocasião da pesagem do resgate, os gauleses teriam trapaceado, utilizando pesos falsos. Diante da indignação dos negociadores romanos, Breno teria jogado a sua espada no prato da balança, exclamando: “Var victis” (“Ai dos vencidos”). (FACCIOLI, 2005, p. 21)



“Camilo salva Roma de Breno”. Sebastiano Ricci, 1716-1720.
Museu de Belas Artes de Ajaccio.

Fonte:<<http://lebedeva-mari.livejournal.com/649914.html>>
Acesso em 14/08/2015.

Nesse momento o General Camilo entra na cidade com parte de sua tropa e intervém energicamente interrompendo a negociação que estava acontecendo naquele momento sob a alegação de que a cidade havia delegado a ele a autoridade máxima da cidade e por isso aquelas pessoas não podiam negociar nada em nome da cidade porque o haviam nomeado Ditador e, por isso, somente ele podia

fazê-lo.

Os gauleses ao tomarem conhecimento do tamanho do exército de Camilo e com a temeridade de o enfrentarem naquelas circunstâncias optam por deixar a cidade. Posteriormente os dois exércitos se enfrentam nas cercanias de Roma e os gauleses são fragorosamente derrotados.

Camilo tem a nomeação ao título de Ditador mais cinco vezes sendo convocado pela última vez já com a idade avançada de oitenta anos, porém mesmo na velhice ele não foge de seu dever e defende Roma brilhantemente. O seu legado iria permanecer para a posteridade inspirando os mais jovens por milênios.

10. GENERAL ANÍBAL BARCA: O TERROR DE ROMA

Aníbal (247 a.C. – 183 a.C.) é o general mais estudado em todas as academias militares do mundo. As suas táticas são imitadas até os dias de hoje e ele é tido como o maior general tático da História. Por estes motivos é que será dedicada a ele neste trabalho uma atenção especial onde serão trazidas três táticas que o ilustre general utilizou ao longo de sua gloriosa carreira.

Apesar de ele ser apresentado, às vezes, como o terror de Roma ele também é visto como quem verdadeiramente forjou o caráter Romano. Esta última visão se dá pelo fato de que teria sido por intermédio das inúmeras derrotas que ele infligiu a Roma por décadas, sendo finalmente derrotado, e com as lições advindas desse enfrentamento de um inimigo tão poderoso, que realmente foram esses os fatores que propiciaram as condições para que os romanos aprendessem, superassem e se tornassem tão poderosos como de fato o foram.

Tal alegação de que para que nos tornemos fortes devemos cultivar pelo menos um inimigo poderoso pode ser exemplificada com o caso que ocorreu por ocasião da visita de um cidadão japonês à China comunista em meados do século XX sendo que quando este cidadão tentou se desculpar da invasão que seu país tinha feito à China anos antes, o líder chinês Mao Tsé-tung (1893 – 1976) o interrompeu e disse que muito pelo: “[...] contrário deveria lhe agradecer. Sem um adversário à altura, explicou ele, um homem ou grupo não pode se fortalecer.” (GREENE, 1998, p. 40)

Aníbal praticamente cresceu em acampamentos militares e campos de batalha e teve a sua longa carreira iniciada logo cedo tendo a duração de toda uma vida. O seu pai Amílcar Barca (275 a.C. – 228 a.C.) já havia lutado contra Roma na disputa pela Sicília décadas antes tendo sido derrotado naquela disputa que selou o domínio de Roma nos mares, na Sicília e na Espanha. Tal derrota ainda infligiu a Cartago, a terra dos Barca, um pesado tributo e a proibição de possuir uma Marinha de Guerra.

Após sofrer tanta humilhação, Cartago não suportava mais os pesados tributos e o sufoco de sua economia. Como Cartago também não havia sido totalmente destruída na Primeira Guerra Púnica, aquela em que Amílcar havia lutado, ainda mantinha as suas ambições imperiais: “Esse tipo de tratado normalmente planta sementes de uma guerra futura, pois

humilha e provoca a ira do derrotado, sem, no entanto, destruir a sua capacidade de vingança.” (KAGAN, 2006, p. 46)

Nesse sentido, sob o comando de Amílcar, Cartago deu início à reconquista da Espanha numa clara afronta a Roma. Foi nesse período que Aníbal assumiu o comando das tropas cartaginesa logo após a morte de seu pai.

Diante da afronta de invasão às suas posses Roma enviou tropas à Espanha para reconquistar as terras perdidas e punir os invasores. Foi então que Aníbal decidiu colocar em ação os seus planos de vingança contra os romanos o qual ele havia jurado anos antes ao seu pai:

“[...] ele obrigou a Aníbal, ainda criança, por um juramento, em um sacrifício que ofereceu, que apenas chegado à idade adulta, ele se manifestaria inimigo dos romanos. A recordação destas coisas renovava-se freqüentemente na fantasia do moço, como uma idéia do ódio paterno, e o impelia cada vez mais a procurar todos os meios de arruinar o império romano.” (PLUTARCO, 1991, III)

O que ninguém esperava é que ele tivesse a ousadia de tentar invadir a península itálica. E foi exatamente isso que ele fez pegando os seus inimigos romanos pela retaguarda completamente desprevenidos.

Aquela que foi uma das mais impressionantes campanhas da Antiguidade só pôde ser realizada porque o seu comandante era Aníbal. Um exército para seguir um plano tão audaz somente se tivesse como comandante alguém da estirpe de Aníbal. O plano consistia em invadir Roma pelos Alpes ao norte, mesmo porque os mares estavam bloqueados pela marinha romana e Cartago, não possuindo mais a sua marinha, a qual a tinha tornado uma potência antes de Roma, só lhe restava esse caminho.

O seu empreendimento não iria ser nada fácil: conduzir um grande exército por terras acidentadas, desconhecidas, clima e habitantes hostis; o que muitos consideraram uma loucura. Inicialmente todo o seu Estado-Maior se contrapôs à empreitada:

[...] Roma conta com duzentos e setenta e três mil homens livres, em situação de servir o seu exército. Essa cifra pode aumentar até trezentos e cinquenta mil se mobilizarem os reservistas de mais idade. [...] Roma pode por no campo de batalha uma força cinco vezes superior a nossa. [...] combaterão em seu próprio

solo, junto a seus celeiros e depósitos, à sombra de suas muralhas e refúgios, e sentindo-se estimulados pelo sagrado dever de defender seus santuários, suas mulheres e os túmulos de seus pais. [...] Opino que antes de nos arriscarmos a atacar Roma em seu próprio solo devemos contar com uma frota similar ou superior à sua. (GALAN, 1988, p. 94)

Aníbal já esperava este comportamento de seu Estado-Maior, porém ele sabia como convencê-los da viabilidade e dos lucros que eles poderiam obter com aquele empreendimento. Dentre os vários atributos de grande general que possuía, a diplomacia era um deles, e para a realização do empreendimento, Aníbal primeiramente tratou de convencer o Senado cartaginês, denominado de Balança, dos lucros que poderiam advir da invasão da Itália e, para isso, enviou um rico butim conquistado na Espanha e depois usou do mesmo argumento para com seus subordinados prometendo-lhes os desfrutes das inúmeras riquezas advindas da Itália e ao mesmo tempo lhe pagou altas somas pelos seus serviços prestados até então na Espanha.

Além dessas qualidades de estadista Aníbal era um exímio orador e também usava dessa qualidade para convencer os seus homens. Segundo Maquiavel esta é uma das qualidades imprescindíveis ao comandante: “Por palavras, dissipa o temor, inflama a coragem, [...], oferece recompensas, mostra os perigos e os meios de evitá-los, repreende, exorta, ameaça, difunde a esperança, [...] e emprega, enfim, todos os meios que impelem ou detêm a paixão humana.” (MAQUIAVEL, 2006, p. 120)

E assim Aníbal iniciou a sua impressionante jornada de três mil quilômetros com seu exército de: “[...] noventa mil infantes, doze mil cavaleiros e trinta e sete elefantes.” (Opt Cit., 1998, p. 105) Havia cartagineses, espanhóis, lusitanos, gauleses e, a sua tropa de elite, os formidáveis cavaleiros nômadas do norte da África.

Os elefantes eram a arma secreta do exército dos cartagineses, eram os tanques de guerra da época, causando, além dos danos físicos ao inimigo, um grande pavor capaz de abalar todo o moral do exército inimigo e com isso tinha grande chance de influir na vitória.

Neste ínterim, em que os cartagineses já haviam partido, um exército Romano chegou à Espanha para confrontar Aníbal por haver atacado uma de suas posses, porém os romanos chegaram atrasados encontrando apenas um pequeno efetivo cartaginês para defender a região. Os romanos ao constatar que a intenção de Aníbal era invadir Roma pela retaguarda com o

grosso de seu exército rapidamente retornaram para Roma para informar do novo perigo e de pronto dar início a defesa de seu território.

Um dos momentos mais críticos da expedição militar foi quando ocorreu uma avalanche que bloqueou o estreito caminho dos Alpes com enormes rochas. A situação somente foi contornada com muita



“Aníbal cruzando os Alpes”, (1770), óleo de Francisco de Góya – Museo Del Prado- Madrid.

Fonte:<<http://www.olemiarte.com/blog/noticias/anibal-vencedor-con-templa-por-primera-vez-italia-desde-los-alpes/>>Acesso em 24/10/15.

engenhosidade através do uso de vinagre jogado nas rochas que foram aquecidas com fogueiras em sua base o que provocou uma reação química que partiu as rochas e que assim puderam ser despedaçadas e facilmente retiradas do local.

Os planos iniciais de realizar a travessia antes que o frio intenso se instalasse e que a neve bloqueasse completamente o caminho não foi bem sucedido, pois o exército pegou o início do rigoroso inverno nos Alpes vindo a sofrer enormes baixas: “[...] perdemos vinte mil homens, mais ou menos [...] restam-no treze mil númidas e oito mil espanhóis [...]” (IBID, p. 125) As perdas foram de tal magnitude que estima-se que Aníbal chegou na Itália com menos da metade de seus efetivos iniciais. Dos trinta e sete elefantes que partiram da Espanha chegaram uns poucos que estavam bastante debilitados e doentes.

10.1 FUGA DE UM CERCO UTILIZANDO TOCHAS ACESAS EM CHIFRES DE BOVINOS

Já em território Romano, e calculadas as perdas de seu exército, verificou-se que estavam em frangalhos e com o moral totalmente abalado. Nesse sentido Aníbal precisava seguir em frente e arranjar uma maneira de incentivar os seus homens. Para isso ele reuniu a tropa e mandou que trouxessem dois prisioneiros gauleses capturados nos Alpes. Então propôs a eles

que se digladiassem entre si e que o vencedor teria a liberdade ou a possibilidade de juntar-se as suas tropas:

Os prisioneiros discutiram rapidamente entre si e aceitaram. [...] Durante toda a manhã o exército gozou do espetáculo da luta [...] escolhiam seus campeões entre os prisioneiros mais destros e robustos. [...] faziam apostas pessoais ou por meio da tesouraria dos seus regimentos [...]. Antes da quinta hora, um terço dos prisioneiros havia perecido e outros tantos estavam feridos [...]. (IBID, p. 128)

Após aquele espetáculo sangrento, Aníbal reuniu os seus homens e explicou que o motivo daquela demonstração era para que eles se convencessem da gravidade da sua própria situação a qual era semelhante à situação dos prisioneiros, ou seja, assim como para os prisioneiros só restava a chance de lutar até a morte, eles próprios estavam encurralados em território romano e para sair daquela situação precisavam buscar as forças na profundidade de seu ser e que, somente assim, semelhante aos prisioneiros, poderiam se salvar.

Se um exército se vê encurralado, sem chances aparentes de recuar ou avançar, ele pode lutar até a morte e isso se torna uma grande vantagem tática para ele: “[...] quando as tropas inimigas estão sitiadas ou presas, deve ser deixada uma saída para evitar uma determinação repentina de lutar até a morte, o que pode ocorrer em solo fatal sem escapatória.” (SUN TZU, 2006, p. 44)

Se Aníbal já havia previsto ou não aquela situação de colocar o seu próprio exército em uma situação encurralada para assim fazer com que eles lutassem mais bravamente é impossível de se afirmar, pois a sua genialidade tática constantemente oscilava entre a previsão, de Sun Tzu, e o imprevisto, de Clausewitz.

Com as suas tropas devidamente motivadas Aníbal estava pronto para as suas primeiras vitórias em território romano. Elas ocorreram na região próxima ao rio Tessino onde logo após derrotar um significativo efetivo romano os gauleses que habitavam o norte da Itália, e eram costumeiros inimigos de Roma, aceitaram à aliança com Aníbal e assim engrossaram expressivamente o seu exército. Em outras duas fragorosas derrotas em Trassimeno e na Trébia os romanos foram novamente massacrados com perdas, nas duas batalhas, de cerca de trinta mil homens.

Depois dessas primeiras derrotas, os romanos enviaram um exército mais numeroso para combater Aníbal que acabou encurralado em um desfiladeiro próximo a região de Terracina.

Aníbal se vendo encurralado por dois exércitos romanos engendrou um estratagema para fugir de seu inimigo durante a noite: “[...] quando anoiteceu mandou soltar as duas mil reses que nos restavam com tochas acesas nos chifres. Os animais, enlouquecidos, dispersaram-se por todas as colinas que cercam a passagem de Santônio.” (IBID, p. 162)

Os mugidos e os outros sons provocados pela correria do gado na mata, além do clarão na escuridão, chamaram a atenção das tropas romanas que ao ouvirem aqueles sons e avistaram de longe os clarões vindos da mata de onde se encontrava o exército de Aníbal pensaram que era o seu inimigo que estava fugindo.

Parte do efetivo Romano que fazia o cerco foi chamado e abandonou a sua posição se deslocando em direção ao clarão para perseguir o que achavam ser o exército de Aníbal em fuga. Quando se aproximaram do clarão e capturaram algumas reses desgarradas: “A princípio estacaram, ao avistar de longe, espantados, aqueles seres que respiravam chamas; mas, logo percebendo naquilo um embuste humano [...]” (LÍVIO, 1990, p. 31)

E foi assim que Aníbal conseguiu facilmente desvencilhar o seu exército de uma situação aparentemente intransponível: a sua genialidade havia passado por mais uma prova de fogo.

10.2 ANÍBAL DERROTA OS ROMANOS NA BATALHA DE CANAS

Diante de tantas derrotas os romanos tiveram que mudar da tática ofensiva para a tática defensiva e para tal nomearam o general Fábio Máximo. Tal comandante compreendia e, muito prudentemente, aceitava a superioridade do exército de Aníbal e então não aceitava travar batalha contra Aníbal, somente o vigiava de perto sendo apelidado por isso de *Cuntactor*, o que adia.

O objetivo do general Romano era privar Aníbal do enfrentamento direto e ir lhe desgastando com o tempo. Ele entendia que como os cartagineses estavam longe de casa e com o passar tempo, e também não tendo grandes vitórias, acabariam se enfraquecendo. Mesmo porque até aquele momento Aníbal somente havia se saído vencedor das batalhas que travou contra Roma e o número de soldados romanos mortos já beirava quarenta mil homens.

Tal tática estrategicamente estava correta, porém ter um inimigo praticamente vagando a vontade e fazendo o que quisesse dentro do seu próprio território; queimando, saqueando,

roubando, etc.; estava sendo muito constrangedor para o, até então, imbatível exército Romano.

Após alguns meses usando esta tática os senadores romanos nomearam outros dois generais para comandarem juntos o exército romano. Um era o general Paulo Emílio, o qual possuía um perfil parecido ao do general Fábio, ou seja, ele prezava pelo uso de táticas defensivas. O outro general indicado foi Caio Terêncio Varrão que ansiava pelo enfrentamento das tropas cartaginesas. Ele foi indicado para o cargo pela ala do senado romano que discordava da tática de procrastinar o embate e, portanto, tinha um caráter mais propenso ao enfrentamento do inimigo.

As causas dessa divisão de comando são bastante controversas desde os motivos em si até a efetividade de tal estratégia. Tal atitude contrariava a própria história militar romana até então em que em situação de guerra sempre nomeou um único Comandante em Chefe para todo o seu exército, o cognominado Ditador.

Do ponto de vista da teoria da arte da guerra a divisão de comando é altamente contraproducente. Faz parte dos princípios da guerra, sendo o segundo princípio mais importante, o Princípio da Unidade de Comando o qual orienta que se deve nomear um único comandante para a chefia de todo o exército. A indicação de um Comandante em Chefe é justificada principalmente para que não haja dúvidas na expedição de ordens, a quem se deve reportar nos momentos mais tensos da refrega, etc.

Os dois comandantes romanos se revezavam no comando: um dia era um e no outro dia era o outro. No dia que cabia o comando das tropas ao general Paulo Emílio, Aníbal sabia que era perda de tempo provocá-lo e por isso esperava o dia em que o comando dos romanos estava com Varrão. Aníbal sempre dispunha de informações do exército inimigo.

O general Aníbal queria e necessitava ardentemente o combate e ao perceber que o exército Romano tinha agora um comandante com um temperamento mais propenso ao enfrentamento procurou provocá-lo para a batalha.

Foi num dos dias em que o comando estava com Varrão que Aníbal fingiu uma pequena batalha contra os seus efetivos na qual os cartagineses foram derrotados, porém tudo passava de um embuste de Aníbal para que Varrão ficasse ainda mais confiante e, por fim, resolvesse colocar todo o seu efetivo em formação para uma batalha decisiva:

[...] presenteei Varrão com uma vitória fácil para fazê-lo mais ousado. Permiti que aniquilasse, sem grandes perdas de sua parte, dois regimentos gauleses de qualidade inferior que, na expressão de Monômaco, não valiam a comida que lhes pagávamos. Paulo Emílio suspeitou da minha tática, mas Varrão refutou violentamente as suas observações tachando-o publicamente de covarde e invejoso e acusando-o de tentar menosprezar sua assinalada vitória. (Opt. Cit., 1988, p. 171)

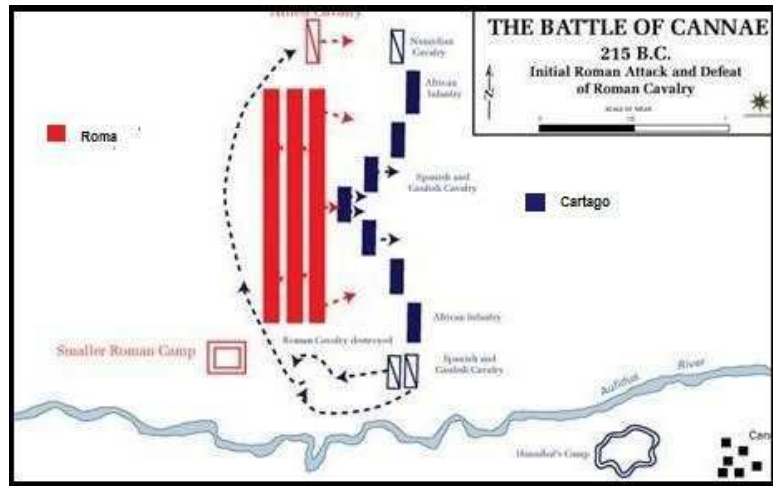
A sua artimanha surtiu efeito e o dia tão esperado por Aníbal chegou finalmente. Era a manhã do dia 29 de Julho de 216 a.C. quando Varrão colocou todo o exército romano em formação de batalha. Os efetivos eram consideráveis de ambos os lados, sendo que os romanos: “Recrutaram oito legiões que, com os contingentes aliados, constituem um exército excepcional de oitenta mil homens, ou seja, mais que os cinquenta mil soldados de que dispõe Aníbal.” (FACCIOLI, 2005, p. 24)

O local para a batalha havia sido previamente escolhido por Aníbal; que devido ter chegado primeiro assim tomou a melhor posição. Era a extensa planície de Canas cuja qual tinha um rio nas suas bordas e que durante a tarde costumava soprar um vento em direção ao local onde ficaram estacionadas as tropas romanas.

O uso de tal artifício, que havia sido devidamente previsto por Aníbal, objetivava que assim que a multidão de soldados em batalha estivesse por um tempo em movimento acabaria formando uma verdadeira nuvem de poeira que iria acabar sendo jogada pelo vento contra as tropas romanas. Além da poeira, os projéteis das armas de arremesso do exército cartaginês iriam mais longe com a ajuda do vento. Outro elemento importante previsto por Aníbal foi a direção do Sol, que com o desenrolar do enfrentamento iria ofuscar os romanos.

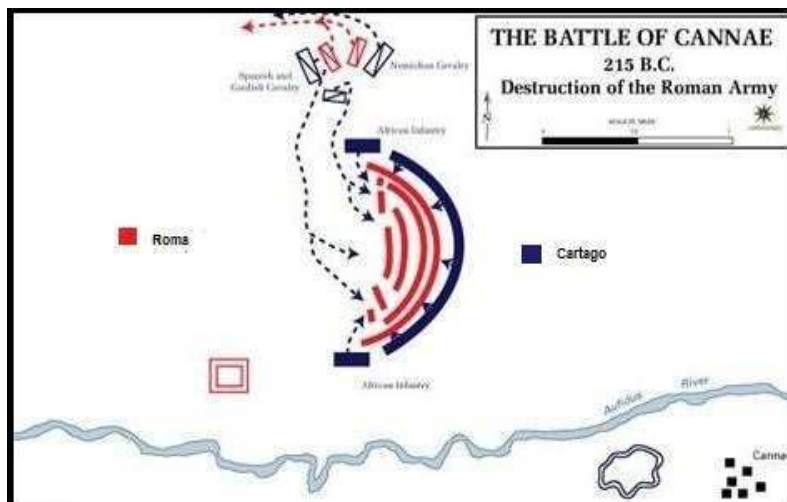
Todos esses fatores foram seriamente negligenciados por Varrão que, estando obcecado por enfrentar o exército cartaginês, não percebeu os elementos táticos desfavoráveis que poderiam lhe ser bastante temerários. Ele estava muito confiante da superioridade numérica e das falsas vitórias que Aníbal lhe havia propiciado anteriormente. Na sua angústia em lutar ele estava cego para os perigos que o espreitavam.

Varrão dispôs o seu efetivo na função habitual romana em forma de quadrado sendo, porém que os manípulos ficaram mais coesos do que o de costume. Quanto ao exército cartaginês, a disposição em campo de batalha foi em linha de semi-círculo com o centro fazendo um pequeno avanço à frente. Ambas as cavalarias ficaram distribuídas nos flancos das infantarias.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Canas> Acesso em 26/10/15.

Tudo foi previamente muito bem calculado por Aníbal. A intenção era fazer com que ao se iniciarem os combates a tropa romana tivesse uma vantagem tática e conseguisse avançar contra o centro cartaginês. Foi por isso que Aníbal colocou as suas tropas mais fracas nesse local, ou seja, ele sabia que com as suas tropas mais fracas ao centro elas cederiam terreno já no primeiro contato, mesmo porque o próprio Aníbal estaria no local comandando esse recuo. E foi isso mesmo que ocorreu. No primeiro contato com as duas frentes os romanos conseguiram fazer recuar as tropas de Aníbal que passou de uma linha com o centro à frente para uma linha com o centro atrás. Nesse ínterim a cavalaria cartaginesa atacou a cavalaria romana com todas as suas forças e a pôs em fuga.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Canas> Acesso em 26/10/15.

Enquanto isso a infantaria de Aníbal que tinha o seu centro recuado, por outro lado tinha as melhores tropas colocadas nos flancos e por isso ali não somente resistiram aos romanos como avançaram e começaram a fechar o cerco sobre eles.

Tudo corria de acordo com os planos iniciais de Aníbal, que, para finalizar a armadilha, utilizou a sua cavalaria a qual após destroçar a cavalaria romana se deslocou para a retaguarda da infantaria Romana apeou de seus cavalos e completou o círculo que mortalmente cercou os romanos.

A carnificina foi completa. Alguns historiadores falam em 40 mil romanos mortos e outros falam em 70 mil:

Diz-se que tombaram quarenta e cinco mil e quinhentos infantes e dois mil e setecentos cavaleiros, compostos, em quantidade praticamente iguais, de cidadãos e aliados. Estava entre eles [...] vinte e nove tribunos militares; e também antigos cônsules, antigos pretores e antigos edis, [...]. Caíram ainda oitenta senadores e magistrados aptos a uma cadeira no Senado, os quais se tinham alistado como soldados nas legiões. Foram aprisionados na batalha, ao que se diz, três mil infantes e mil e quinhentos cavaleiros. (LÍVIO, 1990, p. 67)

O dado mais alarmante para mensurar o tamanho da tragédia romana foi que para se recompor novamente como força combativa os romanos precisaram esperar pelo amadurecimento de uma nova geração de soldados, o que se deu exatamente quatorze anos depois.

Após a formidável vitória da Batalha de Canas Aníbal não fez o que seus capitães mais esperavam que era seguir na direção de Roma e tomá-la. Comenta-se que ele não o fez por não possuir máquinas de assédio. Ou que no modelo de guerra daquela época após aquela formidável vitória talvez Aníbal pensasse que os romanos simplesmente iriam se dar por vencidos e entregar Roma.

As suas intermináveis vitórias táticas que o caracterizam como um magnífico general que, talvez por estar sempre submisso ao corrupto senado cartaginês, e com aquela sua falta de atitude de seguir para Roma, ao mesmo tempo em que era um grande general tático, talvez o maior da história, nunca conseguiu ser um grande general estratégico e colher os frutos de suas Vitórias. Em seguida a vitória de Canas, um de seus capitães lhe disse: “Não espanta que os deuses jamais dêem tudo a um só homem; sabes vencer, Aníbal, mas não sabes aproveitar a vitória”. (LÍVIO, 1990, p. 71)

Na sequência, Aníbal sitiou e tomou a rica Cidade de Cápua. Com as riquezas e as comodidades de Cápua, as suas tropas ficaram inebriadas e amolecidas com a boa vida e a

ausência das agruras do dia-a-dia de que estavam acostumados. Apesar disso, Aníbal e seu exército permaneceram em território Romano por mais 14 anos praticamente sem serem molestados pelas tropas romanas.

Tal situação somente mudou em 202 a. C. Quando sob o comando do general Cipião os romanos invadem a África obrigando Aníbal abandonar a Itália para ir defender a sua própria cidade, mas ele já havia se desencantado com Cartago, que durante a sua longa estada na Itália: “[...] lhe havia dado tão pouca assistência, quanto a reforços e reabastecimento e também dinheiro, bem como em muitas outras coisas necessárias à guerra [...]” (PLUTARCO, 1991, LII)

De volta a sua terra natal Aníbal apesar de ter a supremacia numérica parece que já anteviu a derrota na Batalha de Zama, pois antes da batalha ele propôs um acordo com os romanos que não aceitaram e também enviou espiões ao acampamento romano os quais, apesar de descobertos, foram tratados humanamente, sendo-lhes inclusive mostradas todas as forças romanas e depois foram enviados de volta ao acampamento cartaginês.

Aparentemente Aníbal antevia a derrota por vários motivos, sendo o principal deles a saída de sua melhor tropa da Itália a qual era a cavalaria númida e que agora perfilava ao lado dos romanos. A debandada dos númidas ocorreu lá na Itália logo após Aníbal vencer as tropas romanas na Batalha de Canas, sem, no entanto, avançar para conquistar a cidade de Roma.

Este perfil que Aníbal apresentava de ser um grande general tático, porém um péssimo general estratégico, naturalmente tendeu a enfraquecê-lo, pois não se ganha batalhas sem a ajuda de seus companheiros, principalmente de seus capitães que ao não colherem os frutos



“A Batalha de Zama de 202 a.C”. Giulio Romano (1492-1546). Óleo sobre tela. Museu Pushkin, Moscou, Rússia.

Fonte:<<http://www.museudeimagens.com.br/batalha-de-zama-o-fim-da-segunda-guerra-punica/>>Acesso em 27/10/2015.

estratégicos das batalhas vencidas tendem a abandonar os seus líderes, pois:

[...] àquele que se dedica às armas. Não é para combater sem descanso que se entrega a penosos exercícios; fia-se em que, tornando-se hábil guerreiro, ganhará glória, honras e prosperidade. Se entre estes homens se encontra algum, que depois de longos trabalhos envelhece sem ter sabido tirar algum lucro deles, compará-lo-ei ao lavrador, que, zeloso de sua profissão, semeia e planta com o maior cuidado, e que depois, em lugar de colher seus grãos e apanhar seus frutos na estação própria, deixá-los-ia cair por terra [...]. (XENOFONTE, 2006, p. 54)

Outro fator preponderante na derrota em Zama era que Aníbal no retorno a Cartago se desencantou com a sua pátria logo após tomar conhecimento que durante a sua longa ausência e dura luta na Itália, no momento em que ele mais necessitou e que não recebeu os mantimentos e reforços que pediu, o comércio era intenso entre os senadores cartagineses: “[...] e seus sócios que haviam estado sempre em entendimentos com os romanos, desde o início da guerra. Eram eles quem forneciam armas celtiberas e cordoalha e zarcão para a marinha (romana).” (GALÁN, 1988, p. 211)

Um caso contemporâneo muito semelhante de comércio com o inimigo em tempo de guerra ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial envolvendo um importante membro da família Bush dos EUA e o Governo da Alemanha Nazista no ano de 1942, quando a empresa em que Prescott Bush era Diretor e que teve os seus bens: “[...] confiscados em outubro de 1942 por negociações com a Alemanha Nazista, aplicando a Trading with the Enemy (Lei sobre o Comércio com o Inimigo).” (OSPINA, 2013, p. 43)

Nessa constatação, da corrupção do Senado cartaginês, Aníbal numa leve reflexão chegou mesmo a pensar em derrubar o corrupto senado cartaginês e implantar a Monarquia dos Barcas, o que não passou de uma leve cogitação e que, no decorrer do tempo, demonstrou ter sido uma enorme fraqueza estratégica com graves conseqüências para ele e para todos os cartagineses, pois não somente o senado cartaginês foi extinto como toda a sua terra natal deixaria de existir como nação.

Tal desastre ocorreu pelas mãos de seus inimigos romanos que a destruíram por completo após a derrota de Zama, que inclusive após tomá-la a demoliram e salinizaram as suas terras para que nada mais nascesse ali. A partir de então Aníbal se tornou um foragido do Império Romano que tinha na figura dele um fantasma que desejava ardentemente exterminar a

qualquer preço.

10.3 ANÍBAL DERROTA UMA FROTA INIMIGA USANDO SERPENTES

Em sua constante fuga ele continuou a atormentar os romanos só que agora em terras distantes. O episódio mais significativo do seu ocaso final foi a formidável derrota que ele, trabalhando como general a soldo do rei Prússias da Bitínia, utilizou de um estratagema memorável.

O Reino da Bitínia era uma pequena Cidade Estado grega que lutava contra outra Cidade Estado grega rival: Pérgamo. As forças da Bitínia pela qual Aníbal lutava eram inferiores em poderio militar a sua rival. Aníbal foi nomeado comandante da esquadra que era composta de poucos navios ao passo que a sua rival tinha um poderio naval bastante considerável.

Quando Aníbal foi nomeado comandante da frota, o enfrentamento estava próximo e Aníbal tinha pouco tempo para sobrepujar aquela situação tão desvantajosa.

A saída encontrada por Aníbal foi bastante engenhosa. Aquela era uma região montanhosa em que havia grande infestação de serpentes peçonhentas. Esse inclusive era um problema para os agricultores que tinham que lidar com isso. Assim, os agricultores estavam acostumados a capturar e tirar aqueles animais indesejáveis de suas terras. Ele viu naquele incômodo dos agricultores uma oportunidade para o seu intento e então propôs a eles pagar por cada serpente capturada. Os agricultores toparam o negócio e capturaram muitas serpentes e as venderam ao engenhoso general.

Ele alojou as serpentes em enormes jarros de barro e os embarcou em seus navios o quais estavam devidamente munidos de catapultas ¹⁶, e se deslocaram para a batalha naval. Assim que a frota inimiga estava no alcance da catapultas Aníbal arremessou os seus projéteis aterradores nos conveses dos barcos inimigos: “[...] ele mandou jogar aqueles potes nos navios dos inimigos e, desse modo, os pôs em fuga, enquanto estavam ocupados e assustados com aquela surpresa.” (PLUTARCO, 1991, LXI) Ao constatarem o conteúdo dos jarros partidos os marinheiros fugiram se arremessando na água desesperadamente e com pânico do adversário que, apesar da superioridade de navios, foi facilmente derrotado pela

¹⁶ Primeiras máquinas de atirar projéteis. Apareceram pela primeira vez no início do século IV a.C.

engenhosidade impetrada por Aníbal.

Após aquela batalha naval pouco se ouviu falar de Aníbal o general guerreiro que após toda uma vida dedicada às armas por um breve período pode finalmente desfrutar um pouco do seu lado de homem e deixar o guerreiro de lado: “[...] muitas vezes me censuro vagamente por havê-lo sido em excesso, com desnecessário ímpeto. E me arrependo de haver negligenciado tantas outras coisas que são partes do homem.” (GÁLÁN, 1998, p. 210)

Quando finalmente foi alcançado por seus inimigos romanos estes já dispunham de um vasto império, porém eles não tiveram o prazer de prendê-lo, pois Aníbal se suicidou antes proferindo essas palavras: “Livremos o povo romano de suas grandes inquietações, já que não tem paciência para aguardar a morte de um ancião. Não poderá Flumíneo honrar-se nem vangloriar-se da vitória sobre um inimigo traído e desarmado.” (LÍVIO, 1990, p. 335)

Aníbal quando morreu estava cego de um olho, ferimento adquirido no início da campanha da Itália, e já com a avançada idade de 62 anos. Aquele caminho que ele havia escolhido para si, de lutar por toda uma vida por sua pátria, o havia privado de seu próprio lar e família e o havia feito por pessoas que não mereciam tamanha dedicação. Os fenícios eram um povo predominantemente mercador e os seus dirigentes haviam traído a ele e a própria pátria culminando com a sua destruição: "Os mercadores constituem uma curiosa nação apátrida e atéia. Ou melhor dizendo, não conhecem outra pátria ou outros deuses que não o ubíquo dinheiro pelo qual estão dispostos a sacrificar o que o resto dos mortais considera sagrados princípios." (Opt. cit, 1988, p. 104)

11. JÚLIO CÉSAR DERROTA POMPEU NA BATALHA DE FARSÁLIA

Passados apenas cem anos após derrotar o seu arqui-inimigo, Aníbal Barca, Roma havia mais que quadruplicado os seus domínios e era a potência dominante em uma vasta região. Nos mares dominava quase completamente o Mar Mediterrâneo e todo o litoral da Península Ibérica. Em terra dominava toda a Península Itálica e pequena parte da Gália, quase toda a Península Ibérica, toda a Península Balcânica e as terras gregas, toda a região conhecida hoje como Turquia e uma pequena parte extrema do norte da África.

Foi nesse cenário propício de plena ascensão imperial que nasceu Júlio César no ano 100 a. C. Vindo de uma família romana tipicamente aristocrática, Júlio César pode ser plenamente considerado como fruto de seu tempo. No início de sua carreira ele desempenhou vários cargos políticos e alguns cargos militares, em ambos os casos ele precisava conquistar a simpatia popular e para isso ele empreendia todo tipo de medida populista:

[...] fez combater perante o povo trezentos e vinte pares de gladiadores; a suntuosidade dos jogos, das festas e dos festins que deu, e que obscureciam todas as magnificências de seus predecessores, conquistou a afeição do povo a ponto de ser retribuído com todo novo cargo e quaisquer novas honras que imaginasse. (PLUTARCO, 2000, p. 87)

Na maioria das vezes, porém como ele não possuía grandes recursos para continuar o seu ambicioso projeto de poder ele fez vários tipos de alianças com outros políticos e acabou se endividando muito. Ele era um homem muito ambicioso e o tipo de alianças e o tamanho das dívidas que tinha contraído eram exatamente o tamanho de sua ambição.

Para conseguir construir essas alianças, inclusive, ele casou a sua filha Júlia com o experiente general Pompeu. Juntamente com Pompeu ele se uniu ao rico Crasso e assim se formou o Primeiro Triunvirato:

[...] executou uma manobra pela qual todos, excetuado Catão, foram enganados: tratava-se de reconciliar Crasso e Pompeu, os dois mais poderosos personagens de Roma. César pacificou-os, uniu-os, e dessa forma, reuniu em si próprio o poder de ambos. Passou despercebida a importância deste fato, aparentemente tão honesto, mas que causou a ruína de Roma. (IBID, p. 91)

No começo, os três governaram Roma implicitamente, porém em seguida o governo do Triunvirato ficou bastante explícito para todos. O Senado estava mortalmente contrariado com aquela situação, porém nada podia fazer porque para isso César agraciara o povo com muitas outras medidas populistas ganhando ainda mais simpatia popular.

A sua maior vitória estratégica ocorreu durante a Guerra da Gália. Foi nessa ocasião que ele não só angariou grandes riquezas como construiu uma reputação militar invejável. Ele conquistou definitivamente a Gália, repeliu ataques germânicos e sob o seu comando as tropas romanas invadiram pela primeira vez a Bretanha: “Foi à oportunidade para César alcançar a glória militar – algo importante para um homem com ambições políticas – e promover pilhagens a fim de pagar suas dívidas consideráveis.” (FERRARI, 2011, p.34)

No seu retorno da Gália o Triunvirato já havia sido desfeito devido à derrota e morte de Crasso na Pérsia na Batalha de Carras em 53 a.C. Diante da enorme glória conquistada em campo de batalha, porém, os senadores romanos ficaram temerosos de seu poder e queriam limitar-lhe a sua força.

Além disso, Pompeu rompeu a aliança com César e se uniu ao Senado após a morte de sua esposa Júlia e ele ter se casado com a filha de um importante senador. Foi justamente neste cenário que o Senado obrigava César a se desfazer de suas legiões antes de entrar em Roma sem, porém ordenar o mesmo para Pompeu com suas tropas.

Como todo grande líder, durante a sua ascensão política César havia feito muitos inimigos; Roma era um verdadeiro covil de intrigas e inveja; e seus inimigos ansiavam por roubar-lhe as riquezas e a glória duramente conquistadas em campo de batalha, porém ele estava atento a todos os movimentos de seus inimigos: “[...] se, em Roma, a oposição dos invejosos e os desmandos do governo dificultavam seus projetos, o exército das Gálias lhe era, ao contrário, completamente fiel [...]” (PLUTARCO, 2000, p. 102)

César ficou entre a cruz e a espada: ele fazia isso e corria o risco de ser preso injustamente por seus inimigos que o invejavam ou ele os desafiava e entrava em Roma com as suas legiões. César num claro desafio às autoridades romanas optou pela segunda opção atravessando o Rubicão com as suas legiões: “Afim, foi vencido pela paixão. Repelindo os conselhos da razão, precipita-se cegamente no futuro e pronuncia as palavras que são o prelúdio comum das empresas difíceis e arriscadas: "A sorte está lançada!" (IBID, p. 103) O

rio Rubicão se situava nos limites da Gália Cisalpina e a Itália sendo que a sua travessia com tropas significava uma afronta à República.

Ao perceber que César os havia desafiado e entrado em Roma com suas tropas, Pompeu, sem perder tempo: “[...] abandonou a cidade, ordenando ao Senado que o seguisse e intimidando a todos os que preferiam sua pátria e a liberdade à tirania [...] Quase todos os senadores também, levando consigo tudo o que puderam, como se tratasse de um despojo tomado aos inimigos.” (IBID, p. 104) Ao fugir tão vergonhosamente de seu oponente, Pompeu demonstrou, com isso, que a sua coragem não passava de um blefe.

César não perdeu tempo em Roma e seguiu em frente para consolidar o seu poder primeiro atacando e vencendo as tropas romanas estacionadas na Espanha e que, até então, eram aliadas a Pompeu, porém com a vitória foram absorvidas ao seu próprio exército. Logo em seguida ele seguiu ao encalço de seu inimigo.

O primeiro embate entre as tropas de Pompeu e as tropas de César ocorreu em 10 de Julho de 48 a.C. na Batalha de Durráquio, localizada na atual Albânia, porém os efetivos de César eram bem menores do que os de Pompeu e eles estavam muito cansados e famintos, por isso ele abandonou o local para se recompor, logo após quase ter sido completamente vencido:

[...] as tropas de César foram derrotadas, a ponto de César ficar em perigo de perder o acampamento. Pompeu havia atacado com vigor, nenhum dos corpos de César agüentou o golpe e fugiram todos; as trincheiras encheram de mortos. Os soldados de César foram perseguidos até as linhas de entrenchamento. (IBID, p. 107)

Naquela ocasião faltaram novamente a Pompeu iniciativa e coragem: “[...] não levou a termo um início tão feliz: satisfeito com ter obrigado os fugitivos a se encarcerarem em seu acampamento, retirou-se.” (IBIDEM) Ele acabara de jogar fora a oportunidade da sua vida. Desperdiçou a fortuna quando esta lhe sorria abertamente; e isso não costuma acontecer duas vezes: “Uma ocasião perdida jamais se reencontra.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 13)

César nunca teria desperdiçado tamanha oportunidade, pois esta era uma das suas principais características de grande general: “César, ao contrário, não descansava um instante após a vitória e perseguia o seu inimigo com mais furor e impetuosidade do que havia

utilizado no momento do combate.” (MAQUIAVEL, 2006, p. 114)

Outro grande general que não dava trégua ao inimigo após vencê-lo em batalha era Frederico, O Grande (1712–1786), que via na perseguição ao inimigo vencido como uma verdadeira lição: “Caso você consiga vantagens, tire o máximo proveito delas e puna o inimigo ao menor erro que cometa, como se fosse um pedagogo.” (Frederico, O Grande. Apud LUVAAS, 2001, p. 318)

Logo após conseguir fugir daquela situação embaraçosa, César recompôs as suas forças e estava pronto para enfrentar novamente o inimigo. A ocasião foi na Batalha de Farsália e ocorreu um mês após a derrota anterior. O local era uma enorme planície situada no centro da Grécia e como Pompeu tinha tanto a Infantaria quanto a cavalaria superiores as de César, este pensava estar em terreno vantajoso.

No dia 09 de agosto de 48 a.C. Pompeu estava bastante confiante de sua vitória e de seus efetivos:

[...] os que se mostravam mais impacientes de combater eram os cavaleiros, orgulhosos da beleza de suas armas, do bom estado de seus cavalos, da sua ótima disposição e do seu número, pois eram sete mil contra mil de César. A infantaria de Pompeu também era muito superior em número, composta de quarenta e cinco mil homens, ao passo que a inimiga não passava de vinte e dois mil. (PLUTARCO, 2000, p. 109)

As tropas de Pompeu em sua maioria eram nobres e os próprios ricos senadores romanos faziam parte da cavalaria, ou seja, era a nata da aristocracia romana. O que não era um bom sinal para Pompeu porque eles prezavam mais por sua bela indumentária e aparência física do que aquilo que os verdadeiros guerreiros mais cultuam: as cicatrizes adquiridas em combate.

Apesar de sua inferioridade numérica, as tropas de César eram mais experientes. Já estavam com seu comandante há muitos anos combatendo e vencendo povos dos quatro cantos da terra. Haviam adquirido grande experiência e muitas cicatrizes de guerra. Julio César conhecia perfeitamente a qualidade de seus soldados e também conhecia os pontos fracos do exército de Pompeu.

Nesse sentido, pouco antes do embate, ao ver a enorme e bela cavalaria de Pompeu

com suas armas brilhantes: “[...] tirou secretamente da última linha seis cortes ¹⁷, que colocou atrás da sua ala direita, dando-lhes instruções sobre o que deviam fazer quando os cavaleiros inimigos se lançassem ao ataque.” (IBID, p. 110)

As instruções eram para que os seus soldados lançassem os seus dardos no rosto dos cavaleiros de Pompeu e que não usassem as suas espadas contra as pernas do inimigo como de costume. Ele sabia que aqueles homens não eram guerreiros de verdade e que prezavam mais pela beleza de seu rosto e trajes do que pela glória em combate a qualquer custo, sendo assim, ele presumiu que se fossem atingidos no rosto eles abandonariam a refrega.

Iniciado os combates os seus soldados conseguiram cumprir as suas ordens e o resultado foi exatamente como ele havia previsto, pois ao serem feridos ou simplesmente verem os seus companheiros sendo atingidos no rosto pelo inimigo que os:

[...] alvejam os olhos, golpeiam os rostos, segundo as instruções recebidas de César. [...] noviços na guerra e pouco acostumados com as feridas, jovens como eram, ostentando sua beleza e essa flor da mocidade, ficaram impressionados especialmente com essa espécie de golpes e não sustentaram por muito tempo um ataque no qual se achavam expostos ao perigo atual e à deformação futura. (IBIDEM)



“Antônio e Cleópatra na Batalha de Áccio”. Johan Georg Platzer (1704-1761). Apsley House – Londres.

Fonte:<<http://www.bbc.co.uk/arts/yourpaintings/paintings/antony-and-cleopatra-at-the-battle-of-actium>>Acesso em 07/11/15.

Vergonhosamente eles empreenderam fuga desenfreada rompendo as próprias fileiras e com isso arrastando consigo todo o exército que ficou desnordeado e também fugiu. Com o uso de um ardil Júlio César derrotou facilmente o seu oponente que depois tentou se refugiar no Egito, porém lá ele foi decapitado pelas autoridades egípcias que com isso

¹⁷ Cada corte tinha cerca de quinhentos soldados de infantaria.

pensavam estar agradando a César.

Após a Batalha de Farsália César teve mais algumas batalhas contra os capitães remanescentes de Pompeu os quais também foram facilmente derrotados.

De volta a Roma, César implementou várias reformas na República Romana e ampliou exponencialmente os seus próprios poderes, porém talvez o maior erro que cometeu foi ter perdoado parcela considerável dos inimigos que haviam recentemente se rebelado e lutado contra ele: “[...] perdoara a quase todos que se haviam armado contra ele: e deu a alguns de seus antigos inimigos, como a Bruto e a Cássio, por ele nomeados pretores.” (PLUTARCO, 2000, p. 116-117) Estes senadores em conluio com alguns dos seus ex-companheiros de guerra conspiraram e assassinaram-no em 15 de março de 44 a.C.

Um episódio semelhante e que era de pleno conhecimento de César, pois ele era um apaixonado pela bela história e carreira de Alexandre o Grande, ocorreu trezentos anos antes, quando Alexandre afastou todo o seu Estado-Maior e colocou persas em seu lugar:

[...] vestidos com simples túnicas, soltando gritos e gemidos [...] passaram dois dias e duas noites perto da tenda, lastimando a sua desgraça, invocando seu senhor supremo. No terceiro dia ele saiu: e, vendo, o estado de desolação e de abatimento no qual eles estavam, chorou muito; depois lhes fez, com doçura, algumas admoestações; e, os cumulou de presentes. (IBID, p, 74)

Alexandre após afastá-los de seus cargos ficou emocionado com as suas súplicas e os aceitou de volta sendo que em seguida veio a adoecer gravemente e falecer. Dentre as hipóteses de sua morte o envenenamento é uma delas. Logo após os seus capitães brigaram e repartiram entre si o Império Persa estabelecendo dinastias que o próprio Alexandre, o seu conquistador, não pode usufruir.

Após a morte de César a população revoltada iniciou mais uma guerra Civil que culminou com a Vitória de Otaviano, sobrinho-neto de César, herdeiro legítimo dele e que consolidou e ampliou as reformas iniciadas por César de centralização do poder e implantação do Império Romano.

12. O GENERAL GENSERICO DERROTA O IMPÉRIO ROMANO

Nos primórdios do Império Romano sempre que Roma estava em apuros ou necessitava recrutar novos soldados para um novo empreendimento era todo um povo que se engajava em armas sem estar muito preocupado com os custos e riscos: “[...] o povo se oferecia todos os dias, diante do edifício do Senado, para lutar em defesa da cidade. Todos disputavam o privilégio de defendê-la ou morrer por ela.” (GÁLAN, 1988, p. 154)

Foi com esse empreendedorismo e dedicação por sua pátria que se construiu ao longo do tempo o Império Romano e este pôde crescer e atingir o seu apogeu no século II d.C., porém, quando se está no auge o homem tem uma forte tendência de se acomodar e, até mesmo, negligenciar as suas obrigações mais básicas, o que é um grande risco para toda a sociedade: “[...] quanto mais avançada social e economicamente uma época for, mais necessário se torna que os líderes mantenham o senso de falibilidade e de vulnerabilidade de suas sociedades: essa é a defesa básica contra a catástrofe.” (Tucídides. Apud KAPLAN, 2006, p. 76)

Com o passar dos anos aquele passado glorioso de um povo empreendedor havia mudado completamente e os vícios infestavam toda a sociedade romana, pois essa não tinha nem mesmo a necessidade de buscar o próprio sustento e vivia completamente a custas de outros povos, onde o exagero e a ostentação eram lugar comum:

Assim como a seda, fragrâncias importadas drenaram a prata do império. Nigel Groom estima que eram gastos quase quinze milhões de dinares por ano com dez mil cargas de camelo de incenso destinadas à capital. Mas no fim do século II d.C., com o fim das conquistas e o aumento das extravagâncias [...] o poder do império evaporava na névoa do incenso. (BERNSTEIN, 2009, p. 56)

A grande abundância de riquezas exploradas durante muito tempo de outras regiões e produzidas por outros povos tornou aquele que havia sido um povo empreendedor e disposto a grandes sacrifícios em um povo ocioso e acomodado; características de várias civilizações após acostumarem-se ao luxo por um longo período. Assim seguiu-se à decadência da moral e dos costumes e se iniciou o processo de decadência. O longo período de fartura e vida fácil as custas de outros povos havia adoecido de morte os romanos.

Foi na metade do século III d.C. que ocorreu a primeira incursão gótica vitoriosa em solo

romano:

[...] as fortificações do Baixo Danúbio estiveram guardadas descuidosamente, os habitantes da Mésia viviam em negligente segurança, ingenuamente se supondo inacessível distância de quaisquer invasores bárbaros. A irrupção dos godos, durante o reinado de Filipe, fatalmente os convenceu do seu engano. [...] A frouxa disciplina das tropas romanas fê-las entregar os postos mais importantes onde estavam estacionadas, e o temor de merecida punição levou grande número delas a alistar-se sob o estandarte gótico. (GIBBON, 1989, p. 111)

Após essa primeira incursão vitoriosa, os godos retornaram às suas terras, porém as suas investidas continuaram tendo em vista principalmente o enfraquecimento geral que estava o império. Durante o século IV d.C. o exército romano não conseguindo mais recrutar seus cidadãos para formarem as suas gloriosas legiões e nem expulsar definitivamente os invasores, foi paulatinamente aceitando mercenários do império, sendo que mais tarde esses iriam atingir os mais altos cargos:

O exército havia muito deixara de ser etnicamente romano, sendo recrutado em todo o império multirracial, inclusive nas tribos “bárbaras” que receberam permissão de se fixar dentro das fronteiras do império. [...] um número cada vez maior de bandos guerreiros servia junto às legiões sob seus próprios chefes tribais como povos aliados ou “federados”. A proeminência de soldados “bárbaros” no exército romano seria crucial no desenrolar dos eventos à medida que o império ocidental declinava. (FERRARI, 2011, p. 46)

O que aparentava ser uma simples medida alternativa de recrutamento de tropas encobria um sério risco a toda a segurança do império: “As armas dos outros ou são excessivas para ti, ou te pesam ou te oprimem.” (MAQUIAVEL, 2003, p. 66) Ou seja, depois que se necessita das armas de outros para a nossa proteção corremos o sério risco de que essas armas possam ser usadas contra nós.

Outro elemento importante neste contexto foi a cisão do império em dois: Império do Ocidente e Império do Oriente. Essa divisão do império ocorreu principalmente pelo divisionismo das lideranças romanas, pelo próprio tamanho do império e por motivos religiosos.

Com esse racha nas forças romanas os povos do norte, chamados de germânicos ou godos, pressionaram cada vez mais os limites do império e, muitas vezes, conseguiram se fixar definitivamente em regiões antes pertencentes ao império.

Todo esse processo ocorreu paulatinamente ao longo do século III e IV de nossa era, porém no início de século V ele se acirrou violentamente com a pressão dos hunos, que definitivamente expulsaram os povos germânicos de suas terras.

Dentre esses povos germânicos, também chamados de godos, estavam os visigodos que saquearam Roma no ano 410 de nossa era e depois se instalaram na Espanha. O outro povo germânico que saquearia Roma mais tarde e daria o golpe de misericórdia contra o já moribundo Império Romano do Ocidente foi o vândalo.

Foram cerca de cem mil vândalos que atravessaram o rio Reno na noite de virada do ano de 406 d.C. Após a entrada em território romano, que ocorreu principalmente pela pressão dos hunos e pela própria fraqueza do império romano em impedir a sua entrada, eles continuaram descendo a Europa e acabaram se instalando ao sul da Espanha. Aquela região já estava ocupada pelos visigodos e a sua estadia lá não foi nada tranquila, porém eles não tinham para onde voltar e precisaram se adaptar.

Não se sabe exatamente como, mas os vândalos durante a sua curta estadia ao sul da Espanha se transformaram de pastores nômades em construtores de barcos, sendo que construíram uma grande frota que viria a ser utilizada na travessia de oitenta mil vândalos no Estreito de Gibraltar no ano de 429 d.C.

Roma nesse momento histórico era só intrigas e brigas pelo poder. Enquanto o império era comandado pela Imperatriz Placídea que governava em nome de seu filho menor, os generais Bonifácio e Aécio, seus supostos auxiliares, arquitetaram derrubá-la e assumir o poder. Uma sociedade decadente em todos os aspectos. Os seus líderes não eram nem militares capazes nem tampouco bons políticos, mas mesmo assim se consideravam os legítimos donos do poder mundial.

Foi nesse cenário conturbado que Genserico (389 d.C. – 377 d.C.) invadiu o norte da África e conquistou no ano de 439 d.C. a importante cidade de Cartago. Instalado definitivamente na região, ele pode providenciar a expansão de suas posses: “[...] uma vitoriosa expedição dos vândalos sob o comando de Genserico, auxiliado por mouros,

fanáticos donatistas, escravos e desertores em pouco se apoderou daquele celeiro da Europa [...]” (GIBBON, 1989, p. 440)

Com um exército forte, com uma frota e com fartos recursos para financiar qualquer empreendimento, ele se dirigiu para a sua presa mais cara: Roma. E ela caiu como uma fruta madura. Foi em 22 de abril de 455 d.C. que Genserico a pilhou e saqueou como o bem quis.



“O Saque de Roma de 455” . Karl Briulov . 1833 – 1836 . Galeria Tretyakov.Fonte:<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Genserico_sacking_Rome_455.jpg>Acesso em 15/11/15.

Ele o fez de forma muito mais civilizada que os civilizados romanos; que em sua longa trajetória de ascensão, cometeram todo tipo de crimes com o objetivo da intimidação. Genserico, ao contrário, saqueou Roma controladamente após garantir ao Papa Leão I que não ocorreriam assassinatos e destruição.

Após o saque de Roma, Genserico ficou senhor do Mar Mediterrâneo anteriormente pertencente a Roma e também se apoderou da Sicília. Além disso, ele barrou o fluxo de cereais para Roma e promoveu saques contínuos a combalida Roma.

Este domínio vândalo somente foi afrontado em 468 d.C., quando o Imperador Leão, de Constantinopla, organizou e enviou uma grande frota com cem mil homens contra Genserico. Diante de tamanha superioridade numérica, Genserico de pronto aparentou capitular, porém para que concordasse com os termos romanos exigindo a sua rendição ele pediu cinco dias, supostamente para providenciar o abandono das terras romanas.

A frota bizantina muito imprudentemente havia deixado as suas embarcações muito próximas umas das outras na estreita Península de Bon. Outro erro imperdoável do almirante da frota bizantina, general Basilisco, foi ter concedido os cinco dias solicitados por Genserico:

O vento soprou favorável aos planos de Genserico. Tripulou suas grandes naves de guerra com os mais bravos mouros e vândalos, rebocando muitos barcos grandes, cheios de materiais combustíveis. Na escuridão da noite, estes barcos destruidores foram arrojados contra a frota indefesa dos romanos, que de nada suspeitavam, e despertaram ao sentir o perigo imediato. A ordem em que estavam dispostas as embarcações muito juntas e amontoadas, auxiliou o progresso do fogo, que foi propagado com rápida e irresistível violência; e o ruído do vento, o crepitar das chamas, os gritos dissonantes dos soldados e marinheiros, que não podiam nem mandar nem obedecer, aumentava o horror do tumulto noturno. Enquanto trabalhavam para subtrair-se às chamas e salvar pelo menos parte da armada, as galeras de Genserico os assaltaram com valor e disciplina, e muitos dos romanos que escaparam à fúria das chamas foram destruídos ou feitos prisioneiros pelos vândalos vitoriosos. (GIBBON, 2005, p. 544)

Poucos barcos bizantinos se salvaram e voltaram cobertos com a vergonha da derrota para Constantinopla. Enquanto o brilhante Genserico deu mais uma prova de sua inteligência, o general bizantino deu uma prova irrefutável do tamanho de sua incompetência.

Genserico continuou tranquilamente usufruindo de suas posses até a sua morte no ano de 477 d.C. com a avançada idade de oitenta e oito anos. Os vândalos continuaram senhores da região por mais cinquenta anos até serem definitivamente derrotados em outra expedição bizantina, só que dessa vez, quando eles já não mais contavam com o seu genial Genserico, foram facilmente vencidos.

Apesar de que a historiografia dar como o fim do governo vândalo no norte da África como sendo a sua aniquilação, isso está longe de ser verdade, pois, assim como os outros povos germânicos que dominaram a região por um longo período, eles, ao se miscigenarem com os outros povos da região, acabaram por serem incorporados e se tornarem parte da cultura de toda a região. Além disso, eles deixaram todo um vasto legado de sua cultura, mas principalmente a sua maior lição foi deixada sob o comando de Genserico: desde a sua genialidade de grande general até a sua demonstração prática de como um povo, que era previamente considerado inferior, derrotar tão magistralmente um império que havia sido tão poderoso.

13. CONCLUSÃO

Assim como ocorre com outros ofícios quando o profissional é questionado sobre determinada situação relativa à sua área específica de atuação e ele responde de forma escorregadia dando várias desculpas, ou nenhuma, justificando que pode ser de qualquer ou de nenhum jeito; na história também costuma ocorrer situações semelhantes quando os seus maus representantes são questionados e se esgueiram em dar uma resposta conclusiva.

Essas respostas evasivas e generalistas que qualquer profissional dá quando postos à prova são a mais clara comprovação de sua inutilidade. Pra que servem eles e os seus ofícios se não são capazes de resolver questões relativas às suas áreas específicas de atuação que tinham por obrigação dominar?

No desempenho do ofício de historiador a consequência dessa posição hesitante tem levado a História ao descrédito e tem trazido muitas dúvidas quanto ao seu futuro, afinal de contas a História está realmente em crise? Vejamos o que diz o Historiador Fritz Stern em sua obra do ano de 1973, *Variedades da História*:

A História está em crise novamente [...] o sentido de crise indica como a profissão se relaciona com o que tem frequentemente arremetido o moderno historiador: a fragmentação do campo, a depreciação do novo conhecimento, a mania da grande síntese, a identidade da história em relação às ciências sociais. Historiadores estão muito cientes da crescente indiferença pública com a história, [...] no exato instante em que o conhecimento histórico é de importância fundamental, ele é de fato negligenciado. (LACAPRA, 2013, p. 106)

Essas são questões muito sérias e que precisam ser repensadas. Afinal esse desleixo com a História pode de fato levar a situações calamitosas. A sociedade tem entre os seus principais pilares o culto à memória e cabe a História, por intermédio dos historiadores, a transmissão de todas as experiências humanas acumuladas ao longo do tempo. A consequência final desse desleixo, não só com a História, mas também com qualquer outro importante componente da sociedade, é que pode levá-la a se dissolver em descontrolada convulsão.

A História tem um infinito legado e cabe a ela demonstrar, entre outras coisas, que

existem inúmeros padrões de comportamentos humanos que se repetem: “[...] o que aconteceu, está acontecendo e irá acontecer a todas as criaturas, desde o começo até o fim da vida humana neste planeta.” (John Cowper Powys. Apud TUCHMAN, 1985, p. 39)

Isso ocorre para o bem e, principalmente, para o mal. O estudo profundo desses padrões serve para buscar a superação das inúmeras fragilidades humanas, que são as responsáveis por provocar esse mal, porém isso requer um trabalho árduo.

A História Militar tem uma grande contribuição a dar no sentido de identificar as qualidades e fragilidades do caráter humano quando o homem é colocado à prova. Na busca dessas características humanas talvez a principal questão a ser respondida seja verificar como se comportaram os grandes personagens históricos nos momentos cruciais de suas carreiras: se dominaram ou se foram dominados pela paixão. No debate do que domina o homem se é a razão ou a paixão a história pode dar alguns indícios para que essa questão seja respondida.

Dos casos históricos aqui expostos no mínimo em dois deles o homem foi dominado pela paixão: Alexandre, o Grande, ao readmitir os seus capitães após eles implorarem por isso, agiu emocionalmente tanto no momento em que os dispensou quanto no momento que os readmitiu e a consequência de ambos os atos, tão controversos, foram nefastos para ele. Enquanto ele faleceu em seguida, os seus capitães recém readmitidos se apossaram da vasta região conquistada e a dividiram entre si formando verdadeiras dinastias.

Um segundo caso memorável foi o ato de Júlio César quando ele perdoou os seus inimigos que lutaram contra ele na Guerra Civil Romana e a travessia do Rubicão com suas tropas. Naquela ocasião ele também havia se deixado dominar pela paixão e o fez principalmente por ambição desmedida: “A principal entre as forças que afetam a insensatez política é a ambição do poder, designada por Tácito como “a mais flagrante de todas as paixões.” (TUCHMAN, 1985, p. 387) Do mesmo modo como aconteceu com Alexandre, O Grande, ele também veio a ser assassinado pelos seus inimigos que ele acabara de perdoar.

Outro exemplo notório de domínio da paixão sobre a razão foi o célebre fracasso da campanha napoleônica na Rússia em 1812. Três anos antes Napoleão havia sido advertido por seu ministro Charles Talleyrand (1754 - 1838) quanto à impossibilidade de êxito numa operação militar desse tipo. Ao invés de ouvir o seu conselheiro, Napoleão acusou-o, aos gritos, de traidor: "Você é um covarde [...]. Um homem sem fé [...] merece ser estilhaçado

como vidro [...] tenho poder para isso” [...] aos berros, quase sem fôlego, o rosto vermelho, ele continuou, "Você, por falar nisso, não passa de um merda com meias de seda." (GREENE, 2000, p. 353)

Diante de tanta asneira vinda da boca descontrolada de quem desejou ser o imperador do mundo, Talleyrand simplesmente se retirou do recinto e abandonou o cargo de ministro.

Poucos anos depois, mais precisamente, em 1812, após ter entrado na Rússia com quinhentos mil homens Napoleão foi escorraçado de lá com menos de trinta mil homens, sendo depois preso e morto em uma ilha britânica.

A perda de controle emocional de Napoleão diante de seus ministros foi uma clara prova de fraqueza e principalmente ter deixado a sua ambição desmedida falar mais alto do que a razão. Ao sair definitivamente do gabinete de Napoleão, Talleyrand teria antecipado o destino de Napoleão e da Revolução Francesa: "É o começo do fim." (IBIDEM)

A aventura napoleônica na Rússia simplesmente não era um objetivo militar alcançável: "O império russo não é um país que se possa verdadeiramente conquistar, isto é, que se possa manter ocupado [...] um país assim só pode ser submetido pelas próprias fraquezas e pelos efeitos de dissensões internas." (CLAUSEWITZ, 1996, p. 905)

Apesar de que haja controvérsias a respeito, o que a História tem demonstrado é que ao longo dos anos a grande maioria dos homens quando colocados em prova sucumbem tão levemente quanto qualquer outro mortal, pois é nesta hora que se descobre o verdadeiro caráter de um líder. Sim, é verdade, o homem é homem desde sempre e assim sempre o será. Nele continuam interagindo todo um leque de necessidades, de ambições e aspirações:

O surgimento da insensatez independe de época ou lugar; é intemporal, universal, embora hábitos e crenças de eras e regiões específicas determinem a forma de que se revestirá. Não guarda relação com o tipo de regime em vigor: monarquia, oligarquia ou democracia produzem-na indiferentemente. (TUCHMAN, 1985, p. 06)

Poucos são os homens que podem ser qualificados como os maiores generais da História. E essa é uma das grandes questões a serem respondidas no campo da História Militar: como identificar quem foram os maiores generais da História? O que os casos históricos mostrados aqui apontam é que são três as características que podem identificá-los: tiveram vida longa,

governaram com autonomia e consolidaram grandes nações.

O motivo de que a maioria dos homens quando colocados em prova terem sucumbido, deixando de lado a razão e sendo dominados pela paixão, talvez seja simplesmente porque não tiveram uma preparação adequada ou um conselheiro a altura para orientá-los.

Por mais que sejam extenuantes determinadas situações e nos sintamos encurralados em um turbilhão de angústias para tomar uma decisão, a solução dessas equações são deveras simples e se resumem em fazer a coisa certa. O enunciado que melhor indica o caminho correto a ser seguido nessas situações tão penosas é supostamente atribuído a Leon Tolstói (1828 – 1910): “Não alcançamos a liberdade exercendo a liberdade, mas sim exercendo a verdade. A liberdade não é um fim injustificado, mas sim a consequência de nossos atos.”

O que Tolstói queria dizer é que quando nos encontramos nas encruzilhadas da vida, as quais temos que optar de seguirmos por um ou por outro caminho, nesses momentos tão cruciais de nossas vidas não temos liberdade para decidir, ou seja, o que temos que fazer é a coisa certa, mesmo que o caminho a ser seguido seja o mais espinhoso. E o que é esta coisa certa? É o caminho onde a virtude predomina e não simplesmente aquilo que entendermos ter o direito de fazer: “Nem tudo aquilo que temos o direito de fazer é o melhor a ser feito.” (IBID, p. 154)

As consequências sempre são nefastas quando decidimos tomar o caminho errado e é por isso que muitas vezes nos colocamos em um beco sem saída onde nós mesmos fomos os responsáveis por nos colocarmos naquela situação.

Um caso que pode facilmente ilustrar essa circunstância, relativa à decisão que um líder deve tomar quando se encontra nessa situação, ocorreu durante a Revolução Mexicana (1910 – 1920) quando os generais Pancho Villa e Emiliano Zapata, os dois principais generais da revolução, no ano de 1914, após terem tomado a Cidade do México, eles travaram a seguinte conversa quanto a quem iria assumir o cargo de presidente:

Villa dirá: - Eu não preciso de postos públicos, porque não sei mexer com isso. Vamos ver onde estão essas pessoas para mexer com isso. Vamos dizer-lhes que não dêem trabalho! E Zapata responderá: - Por isso eu advirto a todos os amigos, muito cuidado, senão a coisa fica feia! O taquígrafo registra as risadas. Zapata conclui: - Eu acho que não seremos enganados. Nós nos limitamos a apoiá-los, cuidar deles, por um lado, e, por outro, a continuar pastoreando-os. [...] Villa

concorda: - Esse rancho (a Cidade do México) é muito grande para nós. (TAIBO II, 2007, p. 425)

E então eles decidiram, sem consultar os seus generais, que nenhum dos dois iria assumir o cargo de presidente. Foi numa conversa, que pode ser considerada como simbólica, com relação ao destino da revolução, no momento de bater a famosa “foto da cadeira” que eles falaram sobre quem iria sentar na cadeira do presidente para bater a fotografia: “Sente-se o senhor – disse Villa. – Não, sente-se o senhor, meu general – respondeu Zapata, e Villa sentou-se na cadeira.” (IBID, p. 427)



“A foto da cadeira”. Cassasola, 1914. Versão colorizada. Fonte:<
<http://fineartamerica.com/featured/pancho-villa-in-presidential-chair-and-emiliano-zapata-palacio-nacional-mexico-city-december-6-1914-david-lee-guss.html>>Acesso em 14/11/15.

de fato em seguida ambos, no comando de parte de suas tropas, abandonaram a Cidade do México e retornaram para as suas regiões. No cargo de presidente foi empossado uma figura que teve um papel secundário na revolução e acabou, juntamente com os que o sucederam, desviando completamente os objetivos da revolução.

Os dois generais não tinham nem o direito e nem a liberdade para decidir sozinhos que não iriam assumir a presidência. Eles somente puderam tomar a capital do México, e sentar brevemente na cadeira dourado de presidente, porque tinham todo um exército com seus generais os assessorando, pois a decisão de ambos também privou os seus auxiliares de terem o devido reconhecimento por anos de abnegação e esforços desmedidos que são normalmente despendidos numa revolução.

E este foi o motivo de suas ruínas. Pancho Villa e Emiliano Zapata foram gradativamente perdendo o apoio de um após outro de seus generais; muitos de seus antigos generais e soldados posteriormente se aliaram à facção inimiga. Assim as suas tropas foram minguando e eles se tornando presas fáceis para seus adversários que, pouco tempo depois, os emboscaram e os assassinaram.

Os desaparecimentos de Pancho Villa e Emiliano Zapata significaram a perda dos principais benefícios obtidos com a vitória da Revolução Mexicana, pois no momento de seus sumiços estes benefícios ou ainda não estavam implantados ou ainda não estavam totalmente consolidados.

Dito isso, conclui-se que os grandes generais devem prezar, entre outras coisas, pela auto-preservação: “Aqui está o grande desafio do líder transgressor. Entregar-se de corpo e alma a seu pessoal e sua causa, sem se esquecer de si mesmo.” (MESA, 1998) Deixar de pensar na auto-preservação, além de ser prejudicial para os seus liderados, também o é para si. Afinal de contas a entrega desenfreada a qualquer atividade sempre nos será prejudicial, quer seja numa questão profissional ou quer seja numa questão pessoal, assim: o segredo da sabedoria é o equilíbrio.

Na busca desse equilíbrio tão difícil de se encontrar temos o rico conhecimento histórico acumulado ao longo dos anos que está aí para nos auxiliar: “Ótimo é aquele que de si mesmo conhece todas as coisas. Bom, o que escuta os conselhos dos homens judiciosos. Mas o que por si não pensa, nem acolhe a sabedoria alheia, Esse é, em verdade, uma criatura inútil.” (ARISTÓTELES, 1991, Livro I tomo 4)

Somente com grandes esforços e grandes riscos é possível obter êxito em grandes empreendimentos e somente sob o comando de grandes líderes, como mostrado ao longo desse trabalho, isso é possível, pois: “Os homens obedecem com a melhor vontade àquele que reputam mais sábio, e por isso capaz de lhes promover seus interesses.” (XENOFONTE, 2006, p.68)

Talvez o maior dilema da liderança seja conciliar as duas situações: a auto-preservação e encabeçar empreendimentos audaciosos. Espero que alguns elementos trazidos neste trabalho possam ter ajudado na elaboração de uma resposta a este questionamento, pois esse foi um dos propósitos de *A Arte da Guerra: e as dez táticas mais eficazes da Antiguidade*.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco ; Poética*; Os pensadores ; v. 2. ; 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *A Política*. Coleção A Obra-Prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BARRETO, R. Menna. *Criatividade em propaganda*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978.

BERNSTEIN, Willian J. *Uma mudança extraordinária: como o comércio revolucionou o mundo*. Tradução Patrícia Sá. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BREEMER, Dr. Jan S. *Estatísticas, Propriedades e os Princípios de Guerra: Porque não existe uma Teoria de Guerra Unificada?* Military Review, Kansas: Centro de armas combinadas. Nº 87, p. 73-79, jan./fev. 2007.

CÍCERO. *Da República*. Coleção Mestres Pensadores. São Paulo: Escala, 1990.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FACCIOLI, Alexandre. *As Grandes Batalhas da História*. Vol. I. São Paulo: Larousse, 2005.

FERRARI, Ana Cláudia. *Guerra: cinco mil anos de confrontos*. Revista História Viva. São Paulo: Duetto, 2011.

GALAN, J. Eslava. *Eu Aníbal*. São Paulo: Mercuryo, 1988.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império romano*. Tradução José Paulo Paes. São

Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOURBEILLON, Annie Schnapp. *Tróia a Guerra de homens e deuses*. Tradução de Alexandre Massella. p. 48-59. In: Revista História Viva. Ano I. Nº 6. São Paulo: Duetto, 2004.

GREENE, Robert. Elffers, Joost. *As 48 leis do poder*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HERODOTO. *História*. Edição Digital. Clássicos Jackson Volumes XXIII e XXIV. Versão para o português de J. Brito Broca. Rio de Janeiro, 2006. Fonte:<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/históriaherodoto.pdf>>. Acesso em 18 de Set. 2015.

HALL, STUART. *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A Editora, Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, 2006.

KAPLAN, Robert D. *Políticos Guerreiros*. São Paulo: Futura, 2002.

KAGAN, Donald. *A Guerra do Peloponeso*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1995.

LACAPRA, Dominick. *Retórica e História*. Revista Territórios & Fronteiras, vol 06, nº 01, p.98/106, jan/jun., 2013.

LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Editora Paumape SA. 1990.

LUVAAS, Jay. *Frederico, o grande e a arte da guerra*. Tradução do inglês por Joubert de

Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe: com comentários de Napoleão Bonaparte*. Tradução Mônica Baña Álvares. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____. *A arte da guerra*. São Paulo: Escala, 2006.

MESA, Andrés Ignacio Lodono. Valencia, Juan David Escobar. *Liderança Transgressora: A liderança segundo a concepção militar e diplomática*. In: Air Power Review – 4º Trim. 1998. Fonte: <<http://www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apj-p/2000/1tri00/ mesa.htm>> Acesso em 13/11/15.

OSTINA, Hernando Calvo. *A Cia e o terrorismo de Estado: Cuba, Vietnã, Angola, Nicarágua*. Florianópolis: Insular, 2013.

PATRICK, Catherine. *What is Criative thinking?* New York: Philosophical Library Inc., 1955.

PLATT, Washington. *A Produção de Informações Estratégicas*. Rio de Janeiro: BIBLIEX. 1974.

PLUTARCO. *Vidas Comparadas: Alcibíades e Coriolano*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

_____. *Vidas Comparadas: Alexandre e César*. São Paulo: Escala, 2000.

_____. *Vidas Paralelas. Vida de Camilo*. São Paulo: Paumape, 1991.

_____. *Vidas Paralelas. Vida de Aníbal*. São Paulo: Paumape. 1991.

STRAUSS, Barry. *A Batalha de Salamina*. Tradução Clovis Marques e Carlos Araújo. Rio de

Janeiro: Record, 2007.

SUN TZU, Sun Pin. *A arte da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SUZUKI, Márcio. *O Belo Como Imperativo*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

TAIBO, Paco Ignácio. *Pancho Villa: uma biografia*. Tradução Sandra Marta Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2007.

TUCHMAN, Barbara W. *A Marcha da Insensatez*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

XENOFONTE. *Ciropédia*. Edição Digitalizada do livro em papel Clássicos Jackson Volumes XXIII e XXIV. Versão para o português de João Felix Pereira. Fonte:<
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ciropedia.pdf>>. Acesso em 18 de Set. 2015.